

nº 01

Revista Quadrimestral  
jan. – abr. 2020



# FIM DO MUNDO DO

ciência  
transformadora  
discussões para  
a emancipação



Revista Fim do Mundo, nº 1, jan. — abr. 2020

O Fim do Mundo

**unesp** 

Revista Fim do Mundo. Publicação da UNESP - Marília em parceria com o IBEC – Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos – nº 1, jan/abr 2020. Marília-SP: Universidade Estadual Paulista, 2020.

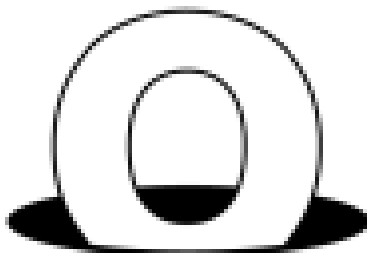
181 p.

Quadrimestral

Inclui bibliografia

Resumo em português, inglês e espanhol

1. Capitalismo. 2. Marx. 3. Crise Estrutural. 4. Transição.  
5. Crítica da Economia Política. I. Universidade Estadual Paulista (UNESP).



**unesp**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília

**Faculdade de Filosofia e Ciências**

Av. Hygino Muzzi Filho, 737 - Mirante - Marília/SP

CEP 17.525-900

Telefone: (14) 3402-1300

**Revista Fim do Mundo**

e-mail: [revista.fimdomundo.marilia@unesp.br](mailto:revista.fimdomundo.marilia@unesp.br)

<http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM>

As ideias e opiniões expressas nos artigos são de exclusiva responsabilidade das(os) autoras(es), não refletindo, necessariamente, as opiniões da revista.

# FIM DO MUNDO

Revista científica interdisciplinar, vinculada ao pensamento crítico em diálogo com Marx, sobre temas contemporâneos e questões teóricas da modernidade. Aberta aos temas brasileiros e latino-americanos, sobre as profundas transformações mundiais promovidas pelo surgimento do novo capital financeiro, especialmente as políticas, econômicas, ecológicas, científico-tecnológicas e geopolíticas. Atenta a todas as formas da produção intelectual humana.

A **Revista Fim do Mundo** nasce seguindo o que Marx ensinara há mais de 150 anos: "os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo". Assim, a preocupação desta revista é não apenas debater teoricamente as questões fundamentais de nosso tempo, mas acima de tudo servir como uma ferramenta aos que pretendem intervir diretamente na realidade com o objetivo último da *emancipação humana*.

A **Revista Fim do Mundo** surge por iniciativa do Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos-IBEC, que reúne intelectuais militantes das mais diversas áreas do conhecimento que por mais de 3 décadas vêm pensando criticamente e enfrentando os temas centrais em busca da superação do capital.

A **Revista Fim do Mundo** reverbera, pois, os aprofundamentos teóricos destes intelectuais, principalmente como fruto de suas dissertações, teses e do curso "Movimentos Sociais e Crises Contemporâneas", espaço criado pelo IBEC e o Grupo de Pesquisa Organizações & Democracia - GPOD, em parceria com a Universidade Estadual Paulista - UNESP, visando a formação da classe trabalhadora.

A **Revista Fim do Mundo** é um espaço de socialização de artigos científicos que se apoiam em Marx e no marxismo, para compreender temas históricos e contemporâneos. As publicações terão periodicidade quadrimestral e o acesso aos trabalhos é aberto, pois acreditamos que o acesso livre e universal ao conhecimento é fundamental para o avanço da ciência comprometida com as lutas sociais, com a socialização do conhecimento e a desmercantilização completa da sociedade.

## **Editores:**

Henrique Tahan Novaes | UNESP - IBEC

Paulo Alves de Lima Filho | IBEC

Fabio S.M. de Castro | Doutorando UFABC - IBEC

## **Conselho Editorial:**

Adilson Marques Gennari | UNESP

Alekandr V. Buzgalin | Universidade de Moscou -  
Lomonossov - Rússia

Carmen Junqueira | PUC-SP — Instituto Maíra

Henrique Tahan Novaes | UNESP-IBEC

Maria A.N. Moraes Silva | UFSCAR

Maria Orlanda Pinassi | UNESP

Modesto Emilio Guerrero | Venezuela

Paulo Alves de Lima Filho | IBEC

Sinclair Mallet Guy Guerra | UFABC

## **Conselho Científico:**

Adilson Marques Gennari | UNESP

Alekandr V. Buzgalin | Universidade de Moscou -  
Lomonossov - Rússia

André Moisés Gaio | UFJF

Andrés Ruggeri | UBA - Argentina

Carlos A. Cordovano Vieira | UNICAMP

Carlos Maciel Sanchez | México

Carmem Junqueira | PUC-SP — Instituto Maíra

Daniel Lopes Faggiano | Instituto Maíra - IBEC

Diego Barrios | UDELAR - Uruguay

Douglas Rodrigues | Doutorando UNESP - IBEC

Fabiana de Cássia Rodrigues | UNICAMP - IBEC

Fábio Campos | UNICAMP - IBEC

Fabio S.M. de Castro | Doutorando UFABC - IBEC

Henrique Tahan Novaes | UNESP - IBEC

Ivan Lucon Jacob | Doutorando UNICAMP - IBEC

Ivanor Nunes de Oliveira | UEVC

Juan Carlos Pinto Quintanilla | Bolívia

Lalo Minto | UNICAMP — IBEC

Layza Rocha Soares | Doutoranda UFF

Liev C. Maciel Sanchez | UNP - ESE - ECH -  
Rússia

Lucien Sève | *In Memoriam*

Marcelo Micke Doti | FATEC

Márcio H. M. Baroni | IBEC

Marcos del Roio | UNESP

Maria Aparecida de Moraes Silva | UFSCAR

Maria Orlanda Pinassi | UNESP

Marieta A. Barros Magaldi | IBEC

Modesto Emilio Guerrero | Venezuela

Natalia G. Iakovleva | Universidade de Moscou -  
Lomonossov - Rússia

Neusa Maria Dal Ri | UNESP

Newton Ferreira da Silva | IFSP-IBEC

Paulo Alves de Lima Filho | IBEC

Plínio de Arruda Sampaio Jr | UNICAMP

Rogério Fernandes Macedo | UFVJM - IBEC

Sergio Bacchi | IBEC - Chile

Sinclair Mallet Guy Guerra | UFABC

Zuleica M. Vicente | Doutoranda UNICAMP - IBEC

## **Designer:**

Tiago Stracci | Cultivare Design

## **Tradução e Revisão** (espanhol):

Hector Ilich Meleán Durán | IBEC

## **Editores:**

Gláucio Rogério de Moraes | UNESP

## **Equipe de produção:**

Angelita A. Gonçalves | Mestranda USP - IBEC

Hector Ilich Meleán Durán | IBEC

Maria E.L. Pessoa | IBEC

Wellington Silva | IBEC

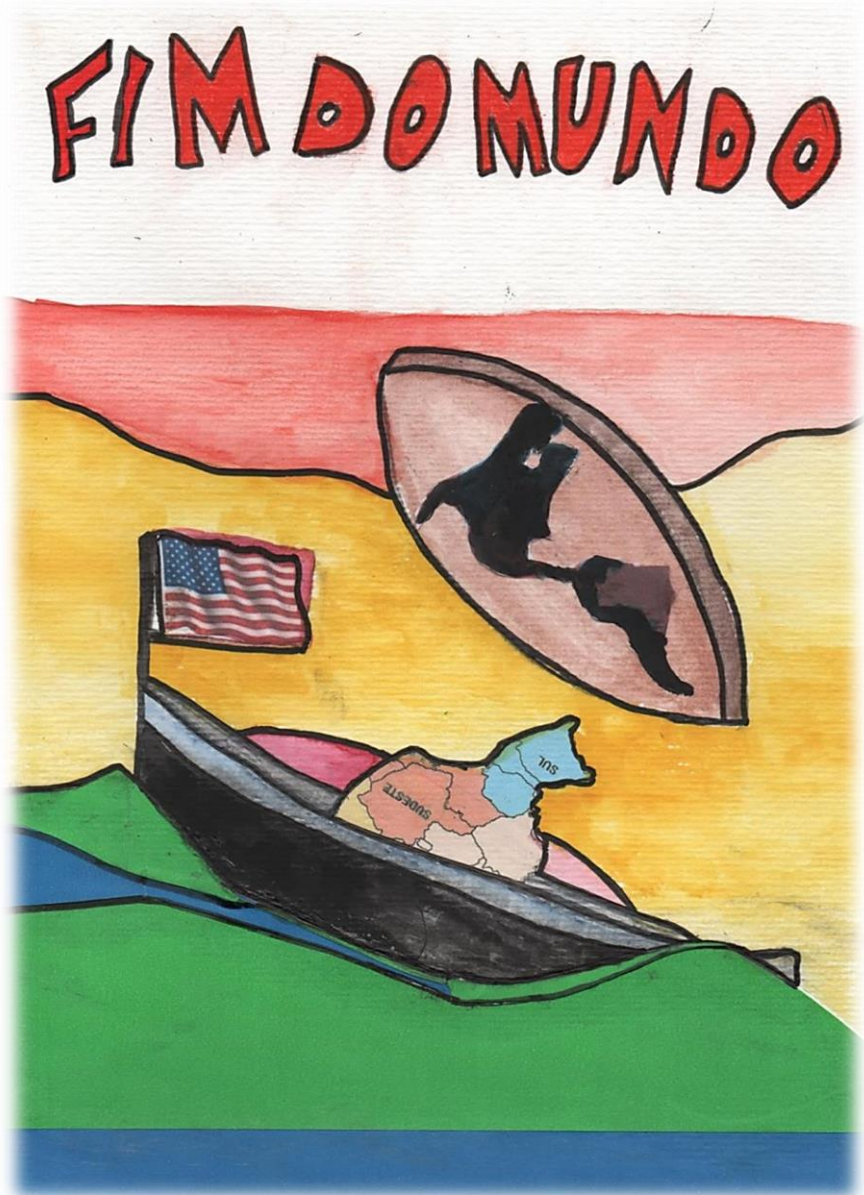
## **Arte da capa:**

Marieta A. Barros Magaldi | IBEC

# SUMÁRIO



- 7 Artista Convidada: Marieta Magaldi — O Fim do Mundo
- 8 Editorial de lançamento da Revista Fim do Mundo |pt|es|en|
- 19 Nota complementar dos editores |pt|
- Artigos**
- 23 A Crise Geral do Capital |pt|  
Sérgio Bacchi
- 39 Contra a síndrome de Neandertal |pt|  
Paulo Alves de Lima Filho
- 46 Evangélicos e Extrema Direita no Brasil: um projeto de poder |pt|  
Manuela Lowenthal Ferreira
- 72 Cursos Superiores de Tecnologia no Brasil: Origem e Atualidade |pt|  
Zuleica Cristina Mizael Vicente
- 86 Introdução ao pensamento de Francisco de Oliveira: um *avis rara* na dialética brasileira |pt|  
Adilson Marque Gennari
- 104 Bolívia pré-golpe: notas de um estudo de campo |pt|  
Fabio S. M. de Castro | Sinclair M. Guy Guerra | Paulo A. de Lima Filho
- Resenhas**
- 135 A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo — Marcelo Badaró Mattos |pt|  
Ivan Lucon Jacob
- 140 Ideias para adiar o fim do mundo — Ailton Krenak |pt|  
Raissa Resende de Moraes
- Entrevistas**
- 145 Modesto Emilio Guerrero |es|
- 156 Direção do CCEEMC da Universidade de Moscou |pt|
- Manifesto**
- 175 Golpe De Estado na Bolívia |pt|



“O fim do mundo” [2019]  
Marieta Magaldi<sup>1</sup>  
Aquarela sobre papel

---

<sup>1</sup> Formada em geografia na USP, trabalhou na Secretaria de Planejamento de São Paulo. Virou profissional do marketing e trabalhou em empresas multinacionais por 30 anos. Sempre amou desenhar.



## Editorial de lançamento da Revista Fim do Mundo

8

"(...) Aqui, meu pânico e glória  
Aqui, meu laço e cadeia  
Conheço bem minha história  
Começa na lua cheia  
E termina antes do fim

Aqui é o fim do mundo  
Aqui é o fim do mundo  
Aqui é o fim do mundo

Minha terra tem palmeiras  
Onde sopra o vento forte  
Da fome, do medo e muito  
Principalmente da morte (...)"

**Marginália II** - Torquato Neto [1968]

### **Fim do mundo**

Pois estamos no fim de vários mundos, esta é a nossa conclusão. Outros nascem, mal deles sabemos.

Nascemos como fim do mundo, crescemos como desastre em processo, monumento à violência inaudita da desumanização plena sob o império do capital. Terra de escravizados comprados ou conquistados na guerra aos nativos desta ou doutras terras.

Finado é o Brasil. Mudou-se.

Finada a longa fase histórica que se inicia em fins do século XVIII com a Revolução Industrial, devido ao surgimento do quarto órgão da máquina – o órgão de controle - e seu personagem, o capital industrial microeletrônico, transformado naturalmente em novo capital financeiro, regente da nova ordem mundial do capital.



Finado é aquele mundo unipolar que se abre após a organizada falência da URSS. Ergue-se no oriente e com alguns aderentes ocidentais e mesmo um africano, um novo e poderoso polo geopolítico, prestes a tornar-se a expressão de uma nova primeira potência econômica mundial do capital, a China.

Finado é o movimento político do comunismo mundial, luta contra o qual alimentara a Guerra Fria, no pós-II Guerra Mundial. Finado é, pois, o ímpeto revolucionário e o prestígio de massas das antigas vanguardas intelectuais e políticas do comunismo e socialismo, assim como das demais forças da transformação social, democratas e patriotas populares.

Finada a fase desenvolvimentista do projeto capitalista para as ex-colônias e do assim chamado terceiro mundo em geral, tal como ocorrera no pós-II Guerra Mundial. Em seu lugar, se projetam, no Brasil, as forças da revolução da ultradireita pró-imperialista, antipopular, antidemocrática e antinacional. É a ultradireita a levantar, majoritariamente, hoje, o estandarte da revolução e proclamar-se revolucionária, agente de sua revolução na contrarrevolução, processo iniciado nos anos 60 e somente agora chegando ao seu ápice. Uma revolução pró controle exclusivo do capital sobre a reprodução social.

Finada e proclamada em 1964 a luta das burguesias brasileiras pela plena soberania econômica e política da nação, permanecerão estas, aconchegadas no colo da subordinação expandida, conquistada pela contrarrevolução vitoriosa.

Finada está, no Brasil, a quarta etapa da contrarrevolução proclamada em 1964, a assim chamada Nova República. O sentido da contrarrevolução, antes de tudo, foi a plena abdicação, por parte das classes proprietárias nativas, de lutar pela plena soberania econômica e política da



nação. As forças do capital nativo, desde então, aquietam-se dentro do útero da subordinação ampliada, avançadas em alta monopolização, e hoje, em processo de desindustrialização e reprimarização. A revolução burguesa conservadora se cristaliza como regência socioeconômica.

Finados a força e o prestígio, assim como as fontes teóricas do comunismo oficial, ocuparão seu lugar as forças pró-democracia, não revolucionárias, do movimento socialista e liberal social, abandonada a luta contra o capital e forças aliadas a ele.

No caso das ex-colônias ibéricas, esta matriz teórica abandona mais de um século de teorias da interpretação da particularidade dos capitalismo dali nascidos, forjadas pelas mais diferentes vertentes teóricas. Ao invés de se atestar a existência dos capitalismo da miséria vigentes em todas essas ex-colônias, transitou-se à concepção de que todos estes países podem, naturalmente, evoluir a capitalismo desenvolvidos, à semelhança dos europeus, bastando para isso a luta democrática em marcos constitucionais, as políticas públicas emancipatórias e a distribuição de renda.

Finada está, nestes instantes, essa teoria evolucionista metafísica, do melhorismo socioeconômico, destruída pela força das determinações contrarrevolucionárias imanentes à formação histórica dessas nações. O caso do Brasil é o mais flagrante. Aqui, a luta democrática pós Constituição de 1988, em equívoco fatal, se auto concebeu como o fim da contrarrevolução de 64. A estratégia melhorista sonhou ser uma bandeira atravessando incógnita a floresta contrarrevolucionária. Teve ao seu dispor quatro mandatos presidenciais. Ao contar com o óbvio rechaço frontal das forças conservadoras, não soube também defender o núcleo central dos seus guerreiros, supondo ser o seu sacrifício a expiação suficiente para fazer avançar ainda mais o seu projeto, suas conquistas. Isso foi lido, pelos seus



inimigos, como santo e senha para a revanche na guerra contrarrevolucionária. Abriram-se as portas para o fim do governo Dilma e a derrota das forças populares. A revolução na contrarrevolução, pode, assim, desde então, prosperar. Findo o prestígio das forças políticas tradicionais, emergentes da ditadura, assim como das novas forças a elas coligadas e as do melhorismo, a representação contrarrevolucionária desliza ao colo da ultradireita miliciana e pentecostal.

Finada está a Nova República, eleitas as forças da destruição do estado nacional, da liquidação dos direitos sociais das maiorias trabalhadoras e sua consequente miserabilização, da devastação ambiental a ser dominada pelos negócios, a avançar sobre a floresta amazônica e seus recursos naturais, da liquidação da educação e da ciência nacionais, enfim, do trânsito geopolítico neocolonial ao campo da visão do mundo da ultradireita norte americana. Em suma, transita-se ao monopólio da exclusividade da regência do capital sobre a reprodução social. Opera-se, assim, fenômeno único na história ocidental contemporânea, para além da migração de pessoas, mas de um país, de modo voluntário e consciente, ao espaço geopolítico de outro, no caso, da potência declinante norte americana, por meio da outorga voluntária, unilateral e gratuita da soberania nacional.

Finada, também, a fase histórica da decência, da civilidade e bons modos da contrarrevolução, vigente desde que proclamada a Constituição de 1988, pois emergiu de suas entranhas a bestafera da ultradireita miliciana, que empalmou o poder executivo, capaz de implementar seu projeto político-econômico contra a Constituição e pela destruição sistemática e necessária da nação. Vamos sendo governados através do uso da mentira, da violência, da estupidez e da boçalidade.



Finada é, pois, a certeza de que teremos eleições em 2022. Mais parece é que o chefe miliciano se prepara para apequenar ou mesmo liquidar o STF e o governo democrático, expandir ao máximo o estado de exceção já existente, proclamando um novo ciclo demencial tirânico, sob a proteção dos militares e benção dos demais blocos golpistas, fingidamente constrangidos. Proclamam estarem mal com ele, mas piores sem ele. Nenhum dos blocos da revolução em processo tem poder de veto sobre os demais, perdida definitivamente a anterior hegemonia das forças civilizadas pró capitalismo.

Navega a toda vela a Barca do Inferno, com seus quatro contingentes revolucionários a bordo, quais sejam, os militares, a monarquia miliciano-pentecostal, o conluio policial-judicial-midiático, e o congresso de capitalistas dominado pelas bancadas da bala, bola, bíblia, bulas, bois e basbaques em geral. Ao tentarem resolver, a seu modo, os dilemas do capital, conduzem o país e a si próprias ao suicídio.

Ninguém e nada, até o momento, impede ou impedirá o trajeto incrível dessa nau terrificante.

Nós, aqui, tudo faremos para apertar o carnegão dessa pústula que vai gangrenando nossa construção nacional coletiva, penta secular. Reiniciamos a luta pela revolução brasileira, aquela que nos conduzirá à segunda e plena independência, à soberania econômica e política da nação e à plenitude de direitos da reprodução da força de trabalho, sob a democracia das e para as maiorias, liquidando o pesadelo sem fim do capitalismo da miséria em que vegetamos. Este o objetivo central da *Fim do Mundo*.



Finado está o Brasil nascido em 1500. Nascidos como fim do mundo no Paraíso, fenecemos como fim do paraíso no mundo, transportados na Barca do Inferno para os EUA. O Brasil mudou-se para o nada.

Sáímos da era das catástrofes e entramos na era do colapso.

São Paulo, 14 de agosto de 2019

13

### | es | Fin del mundo

Porque estamos en el fin de varios mundos, esta es nuestra conclusión. Otros nacen, apenas los conocemos.

Nacimos como el fin del mundo, crecimos como un desastre en proceso, un monumento a la violencia sin precedentes de la deshumanización total bajo el imperio del capital. Tierra de personas esclavizadas compradas o conquistadas en la guerra a los nativos de esta o de otras tierras.

Llegó el fin de Brasil. Se ha cambiado.

Llegó el fin de la larga fase histórica que comenzó a fines del siglo XVIII con la Revolución Industrial, debido al surgimiento del cuarto órgano de la máquina- el órgano de control-, y su personaje, el capital industrial microelectrónico, naturalmente transformado en nuevo capital financiero, gobernante del nuevo orden mundial del capital.

Llegó el fin del mundo unipolar que se abre después de la quiebra organizada de la URSS. Se eleva en el este y con algunos adherentes occidentales e incluso un africano, un nuevo polo

### | en | The end of the world

Well, we are at the end of several worlds, this is our conclusion. Others are born, we barely know them.

We were born as the end of the world, we grew up as a disaster in process, a monument to the unprecedented violence of full dehumanization under the capital's empire. Land of enslaved people bought or conquered in the war to the natives of this or other lands.

Deceased is Brazil. Moved.

The long historical phase that began at the end of the 18th century with the Industrial Revolution ended, due to the emergence of the fourth organ of the machine - the control organ - and its character, the microelectronic industrial capital, naturally transformed into a new financial capital, ruler of the new world order of capital.

Deceased is that unipolar world that opens after the USSR's organized bankruptcy. It rises in the east and with some western adherents and even an African, a powerful new geopolitical pole, ready to become the expression of a new first



geopolítico poderoso, listo para convertirse en la expresión de una nueva potencia económica mundial del capital, China.

Llegó el fin del movimiento político del comunismo mundial, la lucha contra la cual había alimentado la Guerra Fría en la posguerra.

Llegó el fin, por lo tanto, el ímpetu revolucionario y el prestigio masivo de las antiguas vanguardias intelectuales y políticas del comunismo y el socialismo, así como de las otras fuerzas de transformación social, demócratas y patriotas populares.

Llegó el fin de la fase desarrollista del proyecto capitalista para las ex colonias y del llamado tercer mundo en general, tal como ocurrió en el período posterior a la Segunda Guerra Mundial. En su lugar, se proyectan en Brasil las fuerzas de la revolución de la ultraderecha proimperialista, antipopular, antidemocrática y antinacional. Es la ultraderecha a elevar, en su mayoría, hoy en día, el estándar de la revolución y proclamarse revolucionaria, agente de su revolución en la contrarrevolución, un proceso iniciado en los años 60 y que solo ahora llega a su ápice. Una revolución para el control exclusivo del capital sobre la reproducción social.

Llegó el fin de la, proclamada en 1964, lucha de las burguesías brasileñas por la plena soberanía económica y política de la nación, éstas permanecerán acurrucadas en el regazo de una subordinación expandida, conquistadas por la victoriosa contrarrevolución.

Llegó el fin, en Brasil, de la cuarta etapa de la contrarrevolución proclamada en 1964, la llamada Nueva República. El sentido de la contrarrevolución, sobre todo, fue la completa abdicación, por parte de las clases propietarias nativas, de luchar por la plena soberanía económica y política de la nación. Las fuerzas del

world economic power of capital, China.

Deceased is the political movement of world communism, the struggle against which it had fueled the Cold War in the post-World War II. Deceased, therefore, is the revolutionary momentum and mass prestige of the former intellectual and political vanguards of communism and socialism, as well as of the other forces of social transformation, democrats and popular patriots.

The developmentist phase of the capitalist project for the ex-colonies and the so-called third world in general deceased, as it had occurred in the post-World War II period. In its place, in Brazil, the pro-imperialist forces, anti-popular, anti-democratic and anti-national ultra-right's revolution are projected. It is the ultra-right wing majorities raising the revolution banner and proclaiming itself revolutionary, its revolution agent in the counter-revolution, a process that started in the 60s and only now reaching its peak. A revolution for the exclusive control of capital over social reproduction.

Deceased and proclaimed in 1964 the struggle of the Brazilian bourgeoisies for the full economic and political national sovereignty, these will remain, huddled in the lap of expanded subordination, won by the victorious counterrevolution.

Deceased is the counter-revolution fourth stage proclaimed in 1964 in Brazil, the so-called New Republic. The counterrevolution meaning, above all, was the complete abdication, by the native proprietary classes, of fighting for the full economic and political nation sovereignty. The native capital forces, since then, have been quieted within the womb of expanded subordination, advanced in high monopolization,



capital nativo, desde entonces, se han apaciguado dentro del útero de la subordinación expandida, avanzados en alta monopolización, y hoy, en el proceso de desindustrialización y reprimarización. La revolución burguesa conservadora se cristaliza como dirección socioeconómico regresiva.

Llegó el fin de la fuerza y el prestigio, así como de las fuentes teóricas, del comunismo oficial, ocuparán su lugar las fuerzas pro-democracia, no revolucionarias del movimiento socialista y social liberal, abandonando la lucha contra el capital y las fuerzas aliadas a él.

En el caso de las antiguas colonias ibéricas, esta matriz teórica deja más de un siglo de teorías de interpretación de la particularidad de los capitalismos nacidos allí, forjados por las más diferentes vertientes teóricas. En lugar de comprobar la existencia de los capitalismos de la miseria que prevalecían en todas esas antiguas colonias, se transitó a la idea de que todos estos países pueden evolucionar naturalmente a capitalismos desarrollados, similares a los europeos, siendo suficiente para que esto sucediera, la lucha democrática en marcos constitucionales, políticas públicas incluyentes y la distribución de la renta.

Llegó el fin, en estos momentos, esa teoría evolucionista metafísica del mejoramiento socioeconómico destruida por la fuerza de las determinaciones contrarrevolucionarias inmanentes a la formación histórica de estas naciones. El caso de Brasil es el más llamativo. Aquí, la lucha democrática después de la Constitución de 1988, en un error fatal, se auto concibió como el fin de la contrarrevolución del 64. La estrategia del mejoramiento soñó con ser una bandera incógnita que cruza el bosque contrarrevolucionario. Tuvo cuatro mandatos presidenciales a su disposición. Al contar con el obvio rechazo frontal de las fuerzas conservadoras, tampoco supo cómo

and today, in the process of deindustrialization and reprimarization. The conservative bourgeois revolution crystallizes as regressist socioeconomic rule.

Once the official communism's strength and prestige over, as well as their theoretical sources, pro-democracy, non-revolutionary forces of the socialist and social liberal movement will take their place, abandoning the struggle against capital and forces allied with it.

In the case of ex-Iberian colonies, this theoretical matrix leaves more than a century of interpretation theories about the capitalism's born there particularity, forged by the most different theoretical strands. Rather than attesting to the misery capitalism's existence in force in all the former Iberian colonies, the conception that all these countries can naturally evolve to developed capitalism, similar to the European ones, has been carried out. For this, the democratic struggle in constitutional frameworks, emancipatory public policies and income distribution are enough.

At that moment, this socioeconomic improvement metaphysical evolutionary theory is deceased, destroyed by the counterrevolutionary determinations force immanent to the historical formation of these nations. The Brazil case is the most striking. Here, the democratic struggle after the 1988 Constitution, in fatal error, conceives itself as the 64's counterrevolution end. The "improvementist" strategy dreamed of being a flag crossing the counterrevolutionary forest incognito. It had four presidential terms at his disposal. When counting on the obvious frontal conservative forces rejection, it also did not know how to defend the central nucleus of his warriors, assuming that his sacrifice was sufficient





defender el núcleo central de sus guerreros, suponiendo que su sacrificio era suficiente expiación para avanzar aún más en su proyecto, sus conquistas. Esto fue leído, por sus enemigos, como un santo y seña para la revancha en la guerra contrarrevolucionaria. Se abrieron las puertas para el fin del gobierno de Dilma y la derrota de las fuerzas populares. La revolución en la contrarrevolución puede prosperar desde entonces.

Llegó el fin del prestigio de las fuerzas políticas tradicionales, que emergen de la dictadura, así como las nuevas fuerzas asociadas con ellas y las del mejoramiento, la representación contrarrevolucionaria se deslizará al regazo de la ultraderecha militante y pentecostal.

Llegó el fin de La Nueva República, han sido elegidas las fuerzas de destrucción del estado nacional, de la liquidación de los derechos sociales de las mayorías trabajadoras y su consiguiente miserabilización, de la devastación ambiental a ser dominada por los negocios, para avanzar sobre la selva amazónica y sus recursos naturales, de la liquidación de la educación y la ciencia nacional, en fin, del tránsito geopolítico neocolonial hasta el campo de la cosmovisión de la ultraderecha norteamericana. En resumen, pasamos al monopolio de la exclusividad de la gestión del capital sobre la reproducción social. Por lo tanto, existe un fenómeno único en la historia occidental contemporánea, más allá de la migración de personas, pero de un país, de modo voluntario y conscientemente, al espacio geopolítico de otro, en este caso, de la potencia declinante de América del Norte, a través de la concesión voluntaria, unilateral y gratuita de la soberanía nacional.

Llegó el fin, también, de La fase histórica de la decencia, de la cortesía y los buenos modales de la contrarrevolución, que ha estado en vigor

atonement to further advance his project, its conquests. This was read, by its enemies, as a saint and a password for the rematch in the counterrevolutionary war. The doors were opened for the end of the Dilma government and the popular forces defeat. The revolution in the counterrevolution can thus prosper since then. Once the traditional political forces prestige - emerging from the dictatorship, as well as the new forces associated with them and those of "improvementism" - is deceased, the counterrevolutionary representation will slide into the lap of the far right wing, militia and Pentecostal

The New Republic is deceased, have been elected in its place the forces of the national state's destruction, of the majority workers social rights liquidation and their consequent "miserabilization", of the environmental devastation to be dominated by business, to move forward about the Amazon rainforest and its natural resources, from the liquidation of national education and science, in short, from the neo-colonial geopolitical transit to the field of the North American ultra-right worldview. In short, we move on to the capital management exclusivity monopoly over social reproduction. Thus, there is a unique phenomenon in contemporary Western history, beyond the people migration, but from one country, voluntarily and consciously, to the geopolitical space of another, in this case, the declining North American power, through the voluntary, unilateral and free national sovereignty granting.

The historic phase of the counterrevolution decency, civility and good manners, which has been in force since the 1988 Constitution was proclaimed, was also deceased, as it emerged



desde que se proclamó la Constitución de 1988, pues emergió de sus entrañas la fiera bestia de la ultraderecha miliciana, que empalmó el poder ejecutivo, capaz de implementar su proyecto político-económica contra la Constitución y por la destrucción sistemática y necesaria de la nación. Estamos siendo gobernados mediante el uso de mentiras, violencia, estupidez y brutalidad.

Llegó el fin, pues, la certeza de que tendremos elecciones en 2022. Parece más que el jefe de la milicia se está preparando para disminuir o incluso liquidar el STF y el gobierno democrático, expandir al máximo el estado de excepción existente, proclamando un nuevo ciclo de demencia tiránica, bajo la protección de los militares y la bendición de los otros bloques golpistas, que simulan estar avergonzados. Afirman estar mal con él, pero peor sin él. Ninguno de los bloques de la revolución en proceso tiene poder de veto sobre los demás, la antigua hegemonía de las fuerzas civilizadas procapitalistas se perdió definitivamente.

Navega a toda vela el Barco del Infierno con los cuatro contingentes revolucionarios a bordo, a saber, los militares, la monarquía miliciano-pentecostal, la colusión policial-judicial-mediática y el congreso de capitalistas dominado por las bancadas de la bala, bola, biblia, bulas, bueyes y burros en general. Al tratar de resolver los dilemas del capital a su manera, llevan al país y a sí mismos al suicidio.

Nadie y nada, hasta ahora, impide o impedirá el increíble curso de este aterrador barco.

Nosotros, aquí, haremos todo lo posible para tensar la carne de esta pústula que está gangrenando nuestra construcción nacional colectiva, penta secular. Reiniciamos la lucha por la revolución brasileña, la que nos llevará a la segunda y plena independencia, a la soberanía económica y política de la nación y a la plenitud

from its bowels the bestial beast of the ultra-right militia, which stole the executive branch, capable of implementing its political-economic project against the Constitution and for the systematic and necessary destruction of the nation. We are being governed through the use of lies, violence, stupidity and goodness.

The certainty that we will have elections in 2022 is deceased. It seems more that the militia chief is preparing to diminish or even liquidate the STF and the democratic government, expand the existing state of exception to the maximum, proclaiming a new cycle of tyrannical dementia, under the military protection and other coupist blocs' blessing, pretending to be embarrassed. They claim to be bad with him, but worse without him. None of the revolution blocs in process has veto power over the others, the former hegemony of civilized pro-capitalist forces being definitively lost.

Sail the Hell Boat in a hurry with all four revolutionary contingents on board, namely, the military, the militia-Pentecostal monarchy, the police-judicial-media collusion, and the capitalists congress dominated by the benches of bullet, ball, bible, bulls, cattle and goofys in general. In trying to resolve capital dilemmas in their own way, they lead the country and themselves to suicide.

Nobody and nothing, so far, prevents or will prevent the incredible course of this terrifying ship.

We, here, will do everything to squeeze the nucleus of this pustule that is gangrening our collective national construction, penta secular. We restarted the struggle for the Brazilian revolution, the one that will lead us to the second and full independence, to the nation economic and



de los derechos plenos de reproducción de la fuerza de trabajo, bajo la democracia de las mayorías y para las mayorías, poniendo fin a la pesadilla interminable del capitalismo de la miseria en el que vegetamos. Este es el objetivo central de la *Revista Fim do Mundo*.

Llegó al final el Brasil nacido en 1500. Nacidos como fin del mundo en el Paraíso, fenecemos como el fin del paraíso en el mundo, transportado en el Barco de los Infiernos para los Estados Unidos. Brasil se mudó a la nada.

Dejamos la era de las catástrofes y entramos en la era del colapso.

São Paulo, 14 de agosto de 2019

political sovereignty and to the workforce reproduction under full rights, under the democracy of and for the majorities, ending the endless nightmare of the misery's capitalism in which we vegetate. This is the central objective of the *Revista Fim do Mundo*.

Deceased is Brazil born in 1500. Born as the end of the world in Paradise, we died as the end of paradise in the world, transported in the hell's boat to the USA. Brazil moved to nothing.

We left the catastrophes era and entered the collapse era.

Sao Paulo, August 14, 2019



## Nota complementar dos Editores

Este primeiro número da Revista Fim do Mundo é o resultado de um trabalho coletivo que perdurou quase 1 ano de debates de ideias. Fruto das periódicas reuniões dos pesquisadores do IBEC – Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos, levantamos a necessidade de ter um espaço científico em que possamos apresentar trabalhos e dialogar com a sociedade na direção da construção de uma teoria dos trabalhadores.

Enquanto primeiro número de uma revista científica, este volume traz aos leitores um conjunto de trabalhos encomendado com autores que desenvolvem pesquisas do âmbito do “Fim do Mundo” como apresentamos neste Editorial. Estes trabalhos buscam preencher um largo espectro de debates necessários para iniciarmos uma trajetória de pensamento social envolvendo grande parte dos pesquisadores dedicados a pensar uma sociedade para além do capital. Nossos próximos números serão definidos por dossiês temáticos. Estes trabalhos foram reunidos entre agosto de 2019 e fevereiro de 2020.

Agradecemos de antemão o trabalho da Artista convidada Marieta Magaldi, cujo desafio de pensar a ideia do “fim do mundo” a partir do Brasil enriqueceu enormemente a qualidade do resultado final do nascimento da Revista Fim do Mundo. Sua pintura denominada “Fim do Mundo” nos leva a um universo de reflexões que somam àquelas presentes nos artigos, resenhas e entrevistas.

Na seção de Artigos, contamos com a importante contribuição do pesquisador brasileiro radicado no Chile, Sérgio Bacchi, cuja descoberta científica do quarto órgão da máquina nos permite compreender o que ele chama de “**A crise geral do capital**”. O segundo artigo é uma reflexão do



Coordenador Geral do IBEC, Paulo Alves de Lima Filho, sobre a conjuntura brasileira que se apresenta com a eleição do Presidente Jair Bolsonaro, cuja sua definição se dá em **“Contra a Síndrome de Neandertal”**. O terceiro artigo **“Evangélicos e Extrema Direita no Brasil: um projeto de poder”**, da socióloga Manuela Lowenthal, nos apresenta uma discussão necessária para compreender o capitalismo de parte do mundo subdesenvolvido, cuja construção ideológica se expressa no fenômeno das igrejas Pentecostais e Neopentecostais. O quarto artigo **“Cursos Superiores de Tecnologia no Brasil: Origem e Atualidade”**, da pesquisadora Zuleica Vicente, expressa as contradições da educação superior no Brasil na lógica do ensino tecnológico.

O quinto artigo, **“Introdução ao pensamento de Francisco de Oliveira: um *avis rara* na dialética brasileira”**, nos apresenta uma discussão sobre a contribuição para a sociedade do sociólogo brasileiro Francisco de Oliveira. O trabalho foi desenvolvido pelo Professor Adilson Marques Gennari que ademais de ter a obra do autor como referência obrigatória, foi seu orientando de pós-graduação.

O sexto e último artigo busca apresentar de forma fundamentada a questão do Golpe de Estado na Bolívia ocorrido durante a elaboração deste número, estando no centro de muitas discussões. O trabalho aqui apresentado foi desenvolvido pelo pesquisador Fabio Castro, cuja tese de doutorado em desenvolvimento discute o projeto de transição da Bolívia. O resultado apresentado **“Bolívia pré-golpe: notas de um estudo de Campo”** foi realizado em julho de 2019, pouco antes da efetivação do Golpe de Estado. Além do artigo, neste número ainda apresentamos um manifesto em oposição ao golpe, elaborado pelos pesquisadores do IBEC.

As resenhas deste número foram desenvolvidas a partir de obras que apresentam importantes contribuições à compreensão do “Fim do Mundo”.



Na primeira resenha, Ivan Jacob nos apresenta o livro "**A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo**" de Marcelo Badaró Mattos, cuja contribuição ao tema central das discussões em nosso campo de pesquisa, o Trabalho, indica importantes elementos para o aprofundamento de uma abordagem crítica. Na segunda Resenha, Raissa Moraes nos apresenta o livro "**Ideias para adiar o fim do mundo**" de Ailton Krenak, cuja contribuição nos faz refletir a partir de uma cosmovisão indígena sobre os desafios postos para enfrentar os tempos vindouros.

As entrevistas que completam este número apresentam discussões muito produtivas para se pensar a sociedade e o campo do pensamento crítico. O primeiro entrevistado é o escritor venezuelano **Modesto Emilio Guerrero**, cujas ideias sobre a América Latina contribuem com a interpretação das particularidades de nossa região. A segunda entrevista é com a direção do **Centro Científico Educacional de Estudos Marxistas Contemporâneos** da Universidade de Moscou, na figura do economista Aleksandr V. Buzgalin, cuja discussão nos mostra um panorama do pensamento marxista russo pós-soviético.

Em tempos de crise estrutural e distopias, quando a sensação generalizada é de que nada será como antes, a Revista Fim do Mundo nasce para resgatar a revolução e a utopia. Boa leitura a todos.

Abril de 2020

Os editores



# Artigos



## Resumo

Evolução do capitalismo e salto qualitativo nos fundamentos da Revolução Industrial; a máquina e seus órgãos; o surgimento do quarto órgão da máquina, o órgão de controle; consequências históricas após o seu surgimento; a nova etapa histórica do capitalismo; o capital não mais consegue expandir as novas forças produtivas; crise geral do capital e sua decadência inevitável.

**Palavras-chaves:** crise, máquina, produção.

## Resumen

Evolución del capitalismo y salto cualitativo en los fundamentos de la Revolución Industrial; la máquina y sus órganos; la aparición del cuarto órgano de la máquina, el órgano de control; consecuencias históricas después de su surgimiento; la nueva etapa histórica del capitalismo; el capital ya no puede expandir las nuevas fuerzas productivas; crisis general del capital y su inevitable declive.

**Palabras clave:** crisis, maquina, producción.

## Abstract

Evolution of capitalism and qualitative leap in the foundations of the Industrial Revolution; the machine and its organs; the emergence of the fourth organ of the machine, the control organ; historical consequences after its emergence; the new historical stage of capitalism; capital is no longer able to expand the new productive forces; general capital crisis and its inevitable decline.

**Keywords:** crisis, machine, production.

---

<sup>2</sup> Trabalho original de setembro de 2010, recebido por e-mail pelo coordenador do IBEC. Aqui se trata de uma versão abreviada, destinada a ser reproduzida neste número da Revista Fim do Mundo (obs. do revisor, Paulo Alves de Lima Filho, fevereiro de 2020).

<sup>3</sup> Engenheiro eletrônico especializado em construção de computadores, fez pós graduação em Cuba e na Bulgária na área de linguagem de programação, trabalhou no Chile de Allende, em Moçambique nos anos de 1980 e gerenciou o desenvolvimento de um sistema operativo de controle industrial no Brasil. [s.bacchi@gmail.com](mailto:s.bacchi@gmail.com)





## Introdução

Este trabalho busca demonstrar a validade da teoria marxista para analisar o capitalismo atual justamente por ser uma teoria aberta, que permite ajustar-se às mudanças da realidade sem negar-se a si mesma.

A base deste trabalho é, sobretudo, o descobrimento de Marx, a lei do capitalismo, “Tendência à Queda da Taxa de Lucro” presente no livro 3 de “O Capital” e outros conceitos também descritos por Marx em “O Capital”, como a da composição orgânica do capital. Examino inicialmente, além disso, diversos temas elementares, para poder chegar ao objetivo sem que apareçam conceitos como que saídos da manga de um mago, chegando a conceitos que são deduzidos dialeticamente, seguindo o fio condutor teórico desenvolvido por Marx e Engels, nossos fundadores.

A primeira manifestação visível da crise geral do capital foram as ocorrências de 1968<sup>4</sup>, como deixo claro mais adiante onde descrevo a máquina típica da época atual desde o início dos anos 1960, após o surgimento do **órgão de controle**, o quarto órgão da máquina - descrita por Marx com somente três órgãos<sup>5</sup> -, no terceira seção deste trabalho, intitulado “A Máquina”.

Compreender esta afirmação significa também compreender o processo de formação do valor no sistema capitalista, ou mesmo em qualquer regime de classe.

Significa saber que só o trabalho humano gera valor. Justamente esta afirmação está no centro das concepções econômicas de Marx e também deste trabalho. Então podemos entender, em profundidade, aquilo

---

<sup>4</sup> “O Poder da Ideologia” Istvan Mészáros, Editorial Boitempo, 2004.

<sup>5</sup> Karl Marx “O Capital” Crítica de la Economía Política. Livro Primeiro, Volume I – DIFEL Difusão Editorial S.A. 1984, 9ª edição, tradução de Reginaldo Santana.



que aconteceu para gerar a crise de 2008, ou seja, uma tentativa de sustentar um sistema financeiro não apoiado no trabalho produtivo, mas somente na circulação financeira, o que levou a desmoronar toda essa economia, levando o mundo à beira do colapso econômico, isto significaria a paralisia de todos os sistemas financeiros, que em longo prazo será o fim das finanças no capitalismo se não abolirmos este sistema e inventarmos outro que não se baseie no mercado, ou seja, que venha a abolir a exploração do homem pelo homem e que passe a distribuir a riqueza produzida visando em primeiro lugar satisfazer as necessidades de todos em igualdade de condições.

Portanto, nosso objetivo aqui é demonstrar que o capital não tem condições de superar a crise na qual está submerso há já uns 45 anos, empregando, sobretudo os conceitos desenvolvidos por Karl Marx e demonstrando assim que esta teoria, o marxismo, está viva e é a que pode dar conta dos sucessos do processo histórico até o fim do capitalismo.

### **O fim do fordismo-taylorismo e a automação industrial**

Com o desenvolvimento da ciência como força produtiva imediata, o aparecimento de um surto de descobertas científicas e o desenvolvimento de inúmeros campos da ciência e da técnica durante o século XX levou ao aparecimento dos equipamentos digitais no final da primeira metade do século. Esses equipamentos rapidamente evoluíram em máquinas programáveis, os computadores e destas em microcomputadores que passam a ser produzidos em massa.

Essas máquinas naturalmente foram utilizadas no controle de outras máquinas, tais como tornos mecânicos, fresadoras e por último, em muitas máquinas que se utilizam na produção.



A grande vantagem, do ponto de vista técnico, das máquinas controladas por computador ou por rede de computadores, é por um lado, a precisão com que atuam nos objetos que fabricam, que passa algumas vezes de decímetros a milímetros, e por outro, a velocidade altíssima com que trabalham. Por exemplo, um robô soldador, utilizado na indústria automobilística distingue entre dois pontos a uma distância de 2 mm e pode ter uma jornada de trabalho de 24 horas 7 dias por semana. Um ser humano não consegue distinguir uma distância homogênea entre as soldas, podendo errar em 20 ou 30 mm e mais, quando cansado, sem contar que tem uma jornada de trabalho muitíssimo mais reduzida que o robô.

Mas do ponto de vista econômico, as vantagens são duas: a primeira, a velocidade delas, muitas vezes superior à máquina controlada manualmente e, segundo, a permissão para dispensar uma imensa quantidade de trabalho vivo. Eis aí o responsável pelo desemprego de mais de 10% dos trabalhadores do mundo e que continua aumentando, sem chance de diminuir enquanto houver capitalismo, apesar do que diga a propaganda do capital.

Por outro lado, a aplicação do controle automático na produção tem um só limite. O único limite que encontra a automação industrial é o do trabalho criativo. Nenhuma máquina, das que os homens desenvolveram até hoje, é capaz de realizar o menor trabalho criativo, mas somente pode executar um programa previamente armazenado em seu interior. Portanto, podemos desenvolver máquinas para executar todas as operações produtivas somente depois de desenvolvido um protótipo do produto que funcione corretamente.

Sabemos que toda sequência de operações passível de ser reduzida a um algoritmo ou um diagrama de fluxo, como é normalmente conhecido,



pode ser reduzida a um programa para computador. Sabemos também que só um ato criativo não pode ser reduzido a um programa computacional, porque em realidade não sabemos o que vamos encontrar mais adiante numa criação. Então ao homem estaria somente reservada a criação, abandonando às máquinas todo outro trabalho, mas isto somente se nos livrarmos do capitalismo.

Se a sociedade vivesse num regime social onde a produção não visasse lucro, a automação industrial libertaria o homem de uma imensidão de trabalhos cansativos e alienantes.

## A Máquina

Assim Marx abre o capítulo XIII de “O Capital”, intitulado “A maquinaria e a indústria moderna”<sup>6</sup>:

*Em sua obra “Principles of Political Economy”, John Stuart Mill diz: “É duvidoso que as invenções mecânicas feitas até agora tenham aliviado o labor diário de algum ser humano”.*

E numa nota de rodapé Marx afirma:

*Mill deveria ter dito: “De algum ser humano que não viva do trabalho alheio. As máquinas aumentaram o número dos abastados ociosos”.*

E segue:

*Não é esse o objetivo do capital quando emprega maquinaria. Esse emprego como qualquer outro desenvolvimento da força produtiva do trabalho, tem por fim baratear as mercadorias, encurtar a parte do dia de trabalho da qual precisa o trabalhador para si mesmo, para ampliar a outra*

---

<sup>6</sup> Karl Marx “O Capital” Crítica da Economia Política. Livro Primeiro, Volume I – DIFEL Difusão Editorial S.A. 1984, 9ª edição, tradução de Reginaldo Santana.



*parte que ele dá gratuitamente ao capitalista. A maquinaria é meio para produzir mais valia.*

Portanto, é primordial ter em mente este fato quando se estuda a máquina. Em primeiro lugar, é um meio de produzir mais valia na nossa sociedade atual.

Mais adiante, na nota de rodapé nº 89, comentando a máquina de fiar de John Wyatt, Marx diz:

28

*Antes dele, foram empregadas máquinas para fiar, embora muito imperfeitas, e a Itália foi provavelmente o país onde primeiro apareceram. Uma história crítica da tecnologia mostraria que dificilmente uma invenção do século XVIII pertence a um único indivíduo. Até hoje não existe essa obra. Darwin interessou-nos na história da tecnologia natural, na formação das plantas e dos animais como instrumentos da produção necessária à vida das plantas e dos animais. Não merece igual atenção a história da formação dos órgãos produtivos do homem social, que constituem a base material de toda a organização social? E não seria mais fácil reconstituí-la, uma vez que, como diz Vico, a história humana se distingue da história natural, por termos feito uma e não termos feito a outra? A tecnologia revela o modo de proceder do homem para com a natureza, o processo imediato da produção de sua vida e assim elucida as condições de sua vida social e as concepções mentais que delas decorrem. Mesmo uma história da religião que ponha de lado essa base material, não é uma história crítica. Em realidade, é muito mais fácil descobrir o cerne terreno das nebulosas representações religiosas, analisando-as, do que, seguindo o caminho oposto, descobrir, partindo das relações da vida real, as formas celestiais correspondentes a essas relações. As falhas do materialismo abstrato fundado sobre as ciências*



*naturais, excluindo o processo histórico, são logo percebidas quando nos detemos nas concepções abstratas e ideológicas de seus porta-vozes, sempre que se aventuram a ultrapassar os limites de sua especialidade.*

Desta maneira, abordamos igualmente o caráter da ciência em geral, além da necessidade de investigar e registrar de forma crítica a história de nossos meios de produção, pois expressa todo o caráter de classe dos mesmos<sup>7</sup>.

É nesse mesmo capítulo onde Marx elabora a sua definição de máquina. Interessante notar que, para Marx, a máquina representa um salto qualitativamente novo em relação à ferramenta, que permitiria à humanidade passar a produzir uma existência nova para si, apesar de que isto não haja ocorrido até nossos dias. Marx critica a falta de critério que tiveram matemáticos, mecânicos e economistas da época, ao afirmar que a máquina era puramente uma ferramenta complexa, não uma construção qualitativamente nova, antes inexistente, que resulta da agrupação de numerosos instrumentos mecânicos.

Afirma Marx:

*Toda maquinaria desenvolvida consiste de três partes essencialmente distintas: o motor, a transmissão e a máquina ferramenta<sup>8</sup>.*

O *Motor* – É o órgão encarregado de entregar a energia a toda a máquina. Existe, historicamente uma infinidade de tipos de motores, mas todos transformam uma forma dada de energia em energia mecânica para mover o mecanismo. Na época em que viveu Marx, a física ainda não havia

---

<sup>7</sup> Atente-se para o fato de que nossas máquinas carregam o caráter da classe da sociedade que as produziu.

<sup>8</sup> Página 425 da obra já citada.



desenvolvido o conceito de energia. Podemos encontrar a roda de água que transforma a energia de uma queda de água em movimento rotatório, o moinho de vento que transforma a energia eólica em movimento rotatório, o motor a vapor que transforma a pressão do vapor de água em movimento de vaivém horizontal que uma biela transforma em movimento rotatório, precursor do motor a explosão dos veículos atuais. Existem máquinas movidas por força animal – do burro, do boi e outros -, como nas usinas de açúcar do Brasil colonial, e Marx fala de moinhos na Alemanha movidos por força humana, homens a quem punham no pescoço uma roda grande de madeira para evitar que durante o trabalho levassem o trigo moído à boca. Mas a descoberta do motor elétrico trouxe consigo uma série de avanços na organização da fábrica, pois, dentre outras vantagens, a eletricidade pode ser utilizada a muitos quilômetros de distância de onde é gerada. O motor é mais compacto e pode estar alojado no seio do mecanismo.

*A Transmissão* – A transmissão é a encarregada de modificar e transmitir o movimento rotatório do motor de diferentes maneiras e entregar a energia necessária para mover a máquina ferramenta. A transmissão pode modificar o movimento rotatório, transformando-o em horizontal ou vertical, e inverter o sentido de rotação, produzir movimentos periódicos com polias excêntricas, gerar movimentos de vaivém com bielas, etc.. As engrenagens, eixos, polias, correias, etc., formam parte da transmissão.

*A Máquina Ferramenta* – Sobre a máquina ferramenta disse Marx:

*Os aparelhos e instrumentos com que trabalha o artesão e o trabalhador manufatureiro na máquina aparecem de modo geral, apesar de que muitas vezes, sob forma muito modificada, não são mais*



*instrumentos do homem senão que ferramentas de um mecanismo, instrumentos mecânicos.*

Hoje, o serrote do carpinteiro se tornou uma serra elétrica. E assim ocorreu com quase todas as ferramentas. Mas sempre a máquina ferramenta será o objetivo, tanto do motor, que lhe entrega energia, como da transmissão, que adapta o movimento às necessidades da máquina ferramenta. É nesta máquina ferramenta onde o objeto do trabalho resulta elaborado da forma desejada. Sobre a máquina ferramenta recai a responsabilidade das transformações dos objetos do trabalho.

Uma máquina ferramenta particularmente interessante de se examinar, é um torno mecânico, onde o metal é fixado para dar-lhe inúmeras formas, de acordo ao objetivo do operador da máquina, desde uma porca de parafuso a um parafuso. O motor, assim como a transmissão, são mecanismos altamente complexos como para dar versatilidade ao torno. O motor possui um sistema de regulação de velocidades, a transmissão pode fazer girar diferentes eixos a diferentes velocidades para regular a efetividade da ferramenta de corte, dando o passo exato, por exemplo, de determinada rosca a ser aberta no metal. Um operador de torno mecânico é um trabalhador altamente especializado. Deve ter conhecimentos dos materiais com os quais trabalha, metais e ligas metálicas, e saber como escolher e afiar as diferentes ferramentas de corte para cada material e cada tipo de trabalho que realizar, conhecer as velocidades que deve empregar de acordo com o material e tipo de trabalho, sem contar que deve conhecer à perfeição a máquina que opera e suas limitações.

Marx escreveu a respeito da ausência de uma história crítica dos órgãos de produção da humanidade. Como ele afirma, a partir de Darwin se aperfeiçoa a história do desenvolvimento dos órgãos dos seres vivos, *mas os*





*órgãos elaborados pelos homens para a produção de sua vida seguem sem uma história crítica onde se possa estudar certas particularidades de nossas próprias vidas.*

O que acima descrito é a máquina da época em que Marx escreveu “O Capital” e que se desenvolveu por muitos anos mantendo o mesmo caráter. Entretanto, a partir de meados da década de 1960, houve um salto qualitativo na construção de máquinas que mudou seu caráter. Este salto se deu em função do surgimento da máquina programável, que introduziu a aplicação, nas máquinas, de um quarto órgão, **o órgão de controle.**

A máquina programável, de por si, já seria tema para diversos capítulos, pois sua importância no desenvolvimento da sociedade humana é imensa, basta dizer que a internet é uma complexíssima máquina programável que se estende por todo o mundo e tem seus motores em cada máquina conectada a ela. Entretanto, por falta de espaço deixaremos de acrescentar muito mais sobre ela.

O fundamental a seu respeito já foi dito, qual seja, é capaz de executar um programa qualquer que possa ser resumido por um algoritmo, e sua maior limitação é não poder criar nem uma linha de nada, pois não dispõe de consciência. Muitos querem ver naquilo que chamam de inteligência artificial certo grau de criatividade, mas, pelo menos até hoje, o que temos são diretivas programadas de um certo objetivo e programas de variação de determinados parâmetros e quando uma variação faz os resultados do programa aproximar-se mais do objetivo descrito no programa, o novo parâmetro ou parâmetros são adotados, caso contrário são descartados.

Para Marx já estava claro que a máquina desenvolvida pelo capital fora desenvolvida segundo as necessidades do capital para maximizar a mais



valia, esquecendo-se do conforto no trabalho, a segurança do trabalhador e muitos outros detalhes, como a economia máxima de energia, o mínimo de poluição do meio ambiente, etc...

Ao se tornarem críticos, somente em nossos dias vêm à tona estes assuntos, pondo em perigo toda a existência da vida na terra e mesmo a própria Terra como planeta do sol.

### Consequências do salto qualitativo da máquina na sociedade

As consequências desse salto foram muitas e em diferentes campos da sociedade:

*Consequências sobre a mais valia, ou seja, sobre o capital<sup>9</sup>:*

Como comenta Marx no livro 3 d'O Capital:

*A relação entre a mais-valia e o capital variável  $v$ , isto é,  $m/v$ , chamamos de taxa de mais-valia, designada por  $m'$ . Assim  $m/v = m'$ , e, por conseguinte  $m = m'v$ . Referida ao capital total e não ao capital variável, a mais-valia chama-se lucro  $l$ , e a relação entre ela e o capital total  $C$ , isto é,  $m/C$ , taxa de lucro  $l'$ . Desse modo,  $l' = m/C = m/c+v$ , e substituindo  $m$  pelo seu valor  $m'v$ , encontrado acima, temos  $l' = m'v/C = m'v/c+v$ ; equação que se pode exprimir na proporção  $l':m' = v:C$ ; a taxa de lucro está para a taxa de mais-valia como o capital variável está para o capital total<sup>10</sup>.*

A proporção  $l':m' = v:C$  pode ser escrita  $l'/m' = v/C$ . Conclui-se que a taxa de lucro é sempre menor que a taxa de mais-valia, já que  $C$  que é igual a  $c+v$ , é sempre menor que  $v$ .

<sup>9</sup> Todas as fórmulas aqui presentes estão no livro 3 de "O Capital" de Karl Marx.

<sup>10</sup> O Capital – Crítica da Economia Política; Livro 3, Volume IV, III Relação entre Taxa de Lucro e de Mais-Valia página 54 Editora Difel, 1983



Marx define outro conceito, o de Composição Orgânica do Capital como **COC = c/v**.

No livro 3 de "O Capital" Marx depois de extensa análise das fórmulas da taxa de mais-valia e taxa de lucro, fazendo variar um dos fatores e mantendo os demais fixos conclui que: "A taxa de lucro é determinada por dois fatores principais: a taxa de mais-valia e a Composição Orgânica do Capital" <sup>11</sup>.

Portanto sendo a composição orgânica do capital (COC) igual ao capital fixo, ou seja, o conjunto de máquinas, instrumentos, ferramentas, instalações, edificações, etc., dividido pelo capital variável, ou seja, a massa de salários paga pelo capitalista; na medida em que os trabalhadores vão sendo substituídos por máquinas, sucede que a COC aumenta constantemente, isto quer dizer que automatizando a produção a taxa de lucro diminui constantemente, pois é inversamente proporcional à COC, e significa despedir constantemente os trabalhadores especialmente nos países mais industrializados. Ao despedir imensas quantidades de trabalhadores o poder aquisitivo da sociedade cai; como as máquinas não consomem o que elas mesmas produzem as mercadorias não encontram compradores, salvo através do endividamento, tal qual sucede hoje em dia.

Além disso, também no livro 3 de "O Capital", na terceira parte, intitulada "Tendência a Cair da Taxa de Lucro", Marx dedica mais de 30 páginas em descrever essa lei do capitalismo e em seguida analisa 6 fatores que se opõem a essa lei, que são:

- 1º - Aumento do grau de exploração do trabalho;
- 2º - Redução dos salários;
- 3º - Baixa de preço dos elementos do capital constante;

---

<sup>11</sup> Idem página 76.



- 4º - Superpopulação relativa;
- 5º - Comércio Exterior;
- 6º - Aumento do Capital em Ações.

Em seguida se dedica a analisar as contradições internas dessa lei.

Como tudo na natureza depende de um limite, quando a taxa de lucro baixa a determinado ponto diferente de zero, mas razoavelmente baixo, na verdade, o capital já não pode suportar, pois a reprodução ampliada se interrompe e o sistema entra em crise que não é cíclica, senão que uma crise generalizada do sistema. *Com isto queremos dizer que o capitalismo, a partir deste momento, está condenado a uma decadência constante e irreversível, tal como descreve Marx em suas obras. E o capital como um todo já não consegue conter mais as novas forças produtivas em seu seio.*

Estas consequências, que se puderam observar em nosso cotidiano no caso da crise financeira de 2008 nos EUA, se estendeu pela Europa e praticamente por todo o mundo. O exemplo desta crise e de outras demonstram a validade das descobertas de Marx para os processos que ocorrem em nossos dias.

#### *Consequências sobre os estados nacionais e o imperialismo:*

No instante da saturação do sistema, isto é, quando o sistema já não pode conter mais forças produtivas em seu seio, a burguesia começa a buscar meios de aumentar sua taxa de lucro. Com a queda das taxas de lucro, o imperialismo imediatamente tomou medidas para freá-la.

Abrindo um parêntesis, podemos dizer que a ciência da economia da burguesia, se é que se possa chamar isso de ciência, nega rotundamente que o valor só é gerado pelo trabalho humano vivo. No conceito dessa classe, é a rotação do capital que gera riqueza, porque essa é a aparência



para quem administra o capital. Para essa classe, os trabalhadores não existem, senão como um estorvo aos lucros. Então, quando os trabalhadores já não são necessários, creem que os lucros vão aumentar despedindo-os. Além disso, mesmo que alguns se deem conta de que essa não é a verdade, não podem fazer nada, devido à anarquia total reinante na produção privada.

Quando as máquinas modernas, dotadas de órgão de controle, começaram a funcionar, é claro, alguns capitalistas tiveram grandes lucros, mas depois, com a difusão da nova tecnologia, não só esses primeiros deixaram de auferir grandes lucros, senão que os lucros de forma geral caíram e continuam a cair. As crises vieram uma após outra e todas, até agora, sempre foram tratadas como meras crises cíclicas, mas diferentemente de uma crise cíclica, quando ela é uma crise de crescimento, que indica que a casa deve ser rearmada, uma crise geral, terminal ou sistêmica indica que a arrumação da casa deve começar por mudar o regime social, e é isso que a burguesia nega, o que conduz ao agravamento da crise, como notamos na última crise que eclodiu no seio do país hegemônico, os EUA.

Depois de alguns ensaios sem êxito, o imperialismo resolveu mudar a orientação de seus governos, abandonando o keynesianismo e adotar o neoliberalismo. Esta nova forma de governar busca, sobretudo, acabar com qualquer direito trabalhista, mas, além disso, acabar com todos os direitos que o povo ganhou em duras lutas seculares, ao preço de inúmeras vidas.

*As Consequências sobre os trabalhadores:*

As verdadeiras vítimas da queda das taxas de lucro foram os trabalhadores de todo o mundo. Isso porque o capital procura até hoje recuperar seus lucros, sobretudo diminuindo as conquistas da classe



trabalhadora e expulsando o trabalhador para a rua. Esses trabalhadores, chamados então de excedentes, desde essa época são tratados pelos burgueses, em alguns lugares, como delinquentes e há, mesmo, círculos burgueses que advogam o extermínio das populações excedentes.

Assim é que acabam com o direito à educação, à saúde, garantidas pelo estado. Além disso, o império passa a privatizar todos os serviços que se encontravam em mãos do estado, por serem nacionalmente estratégicos, como empresas telefônicas, empresas de fornecimento de água e energia elétrica à população, o que representa um alto ônus a estas, já que as empresas privadas que se apoderaram dessas empresas subiram os preços desses serviços exageradamente e os serviços, em geral, caíram de qualidade.

E a todo o dito anteriormente devemos acrescentar que o desemprego ocasionado pela automação industrial gerou uma população de miseráveis que em países tropicais como o Brasil, por exemplo, podemos ver nas cidades, nas quais antes havia indústrias anteriores à automação, inúmeras famílias passam a viver na rua a céu aberto ou sob viadutos, com todos os seus pertences. É o caso da cidade de São Paulo, por exemplo.

Mesmo nos países centrais, sobretudo na Europa, os trabalhadores, apesar de gozar de melhores remunerações e nível de vida, ultimamente começam a reagir contra a situação em que se encontram e as manifestações se reproduzem. Mas até agora não conseguiram uma proposta que seja minimamente unitária e possa antepor-se ao avanço da precarização do trabalho.



## Conclusões

Neste documento tentamos advertir que, enquanto houver capitalismo, a teoria de Marx será uma insubstituível arma teórica de luta contra o sofrimento imposto por esse regime social, que em sua senilidade passa a destruir vidas humanas ao ver sua acumulação ameaçada, como o fez em larga escala no Iraque, para citar um genocídio de grandes proporções, sem falar das mortes diárias pela miséria que impera no seio da sociedade, sobretudo na África.

Podemos entender claramente que a teoria de Marx não é algo concebido estaticamente e de uma vez para sempre. Se quiser continuar viva, a teoria deve acompanhar a evolução da própria vida. Creio que enquanto não houver uma profunda renovação teórica, em muitos aspectos, muitos dos partidos marxistas sobreviventes acabarão também se transformando em trastes do passado.

Mas essa renovação não significa simplesmente a negação pura e simples da teoria marxista, mas um desenvolvimento justamente em sua direção inicial, aos seus fundamentos. Mantendo a combatividade e lucidez que imperam nos trabalhos de nossos fundadores, Karl Marx e Friedrich Engels.

*Recebido em 10 out. 2019 | aceite em 15 fev. 2020*



# Contra a síndrome de Neandertal

Paulo Alves de Lima Filho<sup>1</sup>

39

## Resumo

O caráter do chefe do executivo e a relação da opinião pública para com ele; a revolução na contrarrevolução; o caráter da independência e a questão da soberania nacional; o caráter da economia política neoliberal; o fim do Brasil de 1500 e a nova era.

**Palavras-chaves:** Bolsonaro, contrarrevolução, soberania.

## Resumen

El carácter del presidente, jefe de ejecutivo y la relación de la opinión pública hacia él; la revolución en la contrarrevolución; el carácter de la independencia y la cuestión de la soberanía nacional; el carácter de la economía política neoliberal; el fin del Brasil de 1500 y la nueva era.

**Palabras clave:** Bolsonaro, contrarrevolución, soberanía

## Abstract

The character of the president, chief executive and the relation of public opinion to him; the revolution in the counterrevolution; the character of independence and the question of national sovereignty; the character of the neoliberal political economy; the end of Brazil in 1500 and the new era.

**Keywords:** Bolsonaro, counterrevolution, sovereignty

---

<sup>1</sup> Economista pela Universidade da Amizade dos Povos “Patrice Lumumba” – Moscou - Rússia, doutor em Ciência Política pela PUC-SP. Coordenador Geral do IBEC. [palf1951@gmail.com](mailto:palf1951@gmail.com)





## Introdução

Bolsonaro é tratado, de modo quase unânime, como adversário. Ele próprio, diariamente, ao contrário, se aplica em ser inimigo.

Um transgressor de todos os limites de forma e conteúdo, feito um marginal, um delinquente. Um conquistador, chefe de tropa colonial, a destruir os quilombos e aldeias indígenas. Tem o estado do seu lado, polícias, exército, justiça. Persegue, prende, condena com e sem causa (mata, ainda que não diretamente).<sup>2</sup> Chefe de tropa do exército de ocupação, vai inchando o estado de exceção.<sup>3</sup> Fala sem nojo e pejo as coisas mais terríveis e desencontradas, diz e desdiz, faz barbaridades enquanto afirma fazer e não faz, com seu falar claudicante de caipira da zona atibaiense, espriado por toda a baixada santista e Vale do Ribeira, zona produtiva e comercial, entre os séculos XVI e XVII, que abastecia de alimentos o Pernambuco colonial.

Um chefe huno, chefe de guerra, tratado por todo o público oficial e oficioso com desdém cerimonioso, como se fora amigo involuntário e tolerado. Amigo não, conviva do festim do capital, assentado nas quatro pernas de seu golpe dentro do golpe. Como? Uma fatalidade histórica.

## Revolução a quatro pés

Sim, afirmamos, golpe, movimento brusco e demolidor de relações sociais, uma revolução. Seus atores a proclamam. Os arquidukes milicianos e seu rei de guerra, capitão generalíssimo, devoto do astrólogo filosofante. O Grande Moro, juiz togado maior da mesa inquisitorial, maior mesmo que os

---

<sup>2</sup> Vide <https://exame.abril.com.br/brasil/suicidio-de-reitor-da-ufsc-poe-pf-sob-suspeita/>

E também <https://jornalggn.com.br/noticia/bastardos-inglorios-por-luis-costa-pinto/>. Sem nos esquecer de Marielle e das estatísticas policiais.

<sup>3</sup> Serrano, Pedro in: <https://blogdadacidania.com.br/2016/03/jurista-pedro-serrano-diz-que-brasil-caminha-para-ditadura/>



juízes funcionários supremos, do tribunal máximo. Homem treinado nos escritórios gringos, elevado de caipira da província periférica ao doutorado em leis menores, sempre listas para atropelar os códigos oficiais, para o reinado das artes excepcionais. Os maiores da tropa generalícia reservista, inativa, vetustos líderes já sem serventia, de nativos e gentios, lugares-tenente dos oficiais com mando ativo. Por fim, a tropilha obesa da nobreza argentária dos legisladores congressuais, de seus vários clubes poderosos – da bala, bola e da bula, da bíblia e dos bois, dos basbaques.

Quatro pés da mesa a comandar a revolução dos poderosos. Pés imperfeitos, a trançarem-se como se indecisos, cada um deles às voltas com seus problemas, seus dilemas existenciais. Entre eles há, porém, certa hierarquia, seja na condução da carruagem da revolução, ou das funções a desempenhar. Os passos trôpegos de cada uma delas enchem as páginas dos jornais e revistas, dos noticiários televisivos. Tropeçam, escorregam, se trançam, caem de joelhos sobre a grama do planalto ou o cimento polido e acarpetado dos palácios e ministérios. Se contradizem, disputam, entre si, a supremacia, mas seguem decididos o curso de sua obra transformadora.

Não há Brasil no cubículo onde se assentam ou nas cavernas onde revoam pequenos mamíferos noturnos. Seus horizontes não vão além do cerrado seco, esturricado, desértico. O figurante exemplar não concebe a vastidão do mundo, ou mesmo do país continental que lhe coube nascer. Odeia tudo o que vai além de suas ideias pré-concebidas, a bailar em torno dos grandes poderes. De modo que hoje podem ser assim, logo mais outras e assim por diante. Feito um colar de contas de diferentes cores. Sempre haverá outra e outra a servir para uma resposta. Nenhuma tem a mínima noção do que sejam as contas nacionais, o censo, o vasculhar do espaço terreno pelos satélites, o efeito estufa, a importância do cerrado ou da



Amazônia, a estupidez nacional por via do porte quase irrestrito de armas e outras idiotices racistas, homofóbicas, a assediar a população estupefata com o jorro intermitente de seu vomitório, com as ameaças de perda de liberdades.

### **Soberania nacional**

A sua noção de soberania não vai além da geografia, alienada para todo o sempre à bandeira gringa e seu boçal presidente, aos quais diariamente deve bater continência nas manhãs e tardinhas planaltinas. Ele chegou do mundo obscuro dos porões, das entranhas do Condor, mal tolera o sol, o carnaval, o ir e vir sem método dos civis, a incerta variedade do viver em sociedade. Mal tolera as leis, o congresso, mal sabe da economia do mundo e da política dela emergente, quanto mais a da pátria. Odeia tudo o que for identidade nacional das maiorias. Mal sabe que a economia política neoliberal é uma glorificação religiosa da morte, a negação do sentido original da disciplina, o da conquista da riqueza para a glória da nação, soberana sobre tudo e todos, sobre todo o planeta. A financeirização potenciada pela taxa nacional colossal de monopolização da estrutura econômica (e dos negócios e bancos, em particular), impõe à nação um veto criminoso à industrialização soberana (e à industrialização em geral) e à venda da força de trabalho, uma espécie de *lockout* patronal contra a democracia, restringindo ainda mais os limites democráticos do regime do salariedade, expandindo-se à ditadura de fato do grande capital financeiro. Dos trabalhadores, destituídos da legislação democrática, das leis da carta protetora que lhes garantia condições menos miseráveis de venda da sua força de trabalho, se exige serem transformados em objeto de ainda maior superexploração, para goáudio do capital, assim reconduzidos a uma



escravidão salarial ainda mais terrível do que a vigente sob a contrarrevolução até a abertura democrática. O capitalismo da miséria se miserabiliza exponencialmente.

Para ele o Brasil será isso, um protetorado *wasp*, uma Irlanda evangélica montada no cavalo dócil dos cristãos católicos e outras religiões não cristãs, de etnias cristianizadas à força, expressão da desumanidade cristã exclusiva para o capital, da floresta tropical devastada, da miséria escravocrata a servir os delinquentes de todas as castas congressuais.<sup>4</sup>Prepara, talvez, a realização do grande sonho ancestral do novo regente, a divisão do país em novas repúblicas dominadas pelas milícias evangélicas. O imperialismo norte-americano, já fez isso em todos os continentes, porque não faria do Brasil sua nova vítima?

Escravo da sua pequenez, no seu espelho vendo-se gigante imbatível, nos arrasta ao cadafalso da história, como vítimas, para susto e escárnio dos que navegam a velas enfunadas rumo ao futuro, em sentido contrário ao nosso. Assim damos adeus definitivo ao nosso antigo destino glorioso, antevisto no hino nacional da República. Deixamos de ser simplesmente o que éramos para não sermos mais nada. Retornamos ao nosso novo nada original, entregues à nossa nova humanidade penta secular, pronta para uma nova jornada. Escravos, assim, de nossa abismal ignorância de si, de nossas fantásticas possibilidades, enquanto livres, soberanos, que nos arrasta pontual, metódica e cronicamente à rica miséria de seus potentados, à miséria miserável de seus trabalhadores, de seu povo, à nova cultura de sua pátria do capital.

---

<sup>4</sup> Marques, Luiz in: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-marques/o-ultimo-seculo-das-florestas-tropicais>



Porta-se como um delegado de costumes enviado para impor ordem, de rebenque em punho, pronto a dissolver a balbúrdia e as ideias erradas, a trancafiar-nos, a nos colocar de castigo no armário e nos deixar cheios de medo e terror. É personagem funcional aos desígnios neocoloniais das burguesias nativas, alegres e emocionadas (às lágrimas quando da aprovação da primeira etapa da reforma da Previdência) a proceder ao desmanche da nação, transformando-a em novo protetorado norte-americano, desde a cabeça de ponte pentecostal e milícias antirrepublicanas, a empurrar a nação ao nada de sua nova e radical transição neocolonial, diluída em ácido sulfúrico.<sup>5</sup>

Estamos diante de um inimigo que se delicia em declarar-se devoto de interesses minoritários e de um universo ideológico colonial, antidemocrático, escravagista, portanto antinacional, antipopular, anti-assalariados em geral. Inimigo vassalo de potência estrangeira em declínio e estertorando sob a férula de um celerado de ultradireita decidido a reverter o rumo da história por meio de estratégia geopolítica de guerra contra as potências emergentes.<sup>6</sup> É o personagem providencial do capital, contra o qual se deve construir a força social votada à sua derrota. Deve ser tratado como tal e não como o adversário que amanhã será derrotado em improváveis futuras eleições a serem ganhas pelas mesmas forças cujos equívocos teórico-práticos nos conduziram a esta vitória da revolução dentro da contrarrevolução de 1964, quando desta ainda não saímos e da

---

<sup>5</sup>As lágrimas de Rodrigo Maia in: <https://www.folhavoria.com.br/politica/noticia/07/2019/maia-vai-as-lagrimas-e-agradece-votacao-expressiva-na-reforma-da-previdencia-momento-historico>

<sup>6</sup> Escobar, Pepe in: <https://www.viomundo.com.br/politica/pepe-escobar-o-brasil-no-epicentro-da-guerra-hibrida.html>



qual eles não tiveram nem tem ainda consciência, supondo até agora, desde 1985, haveremos entrado definitivamente na democracia.

Ele recém chegou do baixo Vale, do território neocolonial da miséria do Vale do Ribeira. Seu presente é nosso passado. Ele não aspira regredir à colônia, simplesmente quer voltar para casa.

## **Conclusão**

O Brasil nascido em 1500 acabou. O novo Brasil, o da segunda independência, radical e popular, começa a sua marcha hesitante. Precisa ocupar as ruas, as revistas e os livros, os corações e mentes dos humilhados e ofendidos pela nova ordem. A opção neandertal é suicida. Decididos a não acompanhar os seus parentes sapiens-sapiens, se deixaram ficar tranquilamente em suas cavernas, acompanhados de suas famílias. Foram encontrados recentemente pelos mergulhadores arqueólogos-espeleólogos, nas grutas profundas, dezenas de metros sob o mar, nas encostas mediterrâneas, juntinhos em sua morte coletiva.

*Recebido em 01 set. 2019 | aceite em 15 fev. 2020*



## Resumo

O presente artigo busca compreender como se estabelece a relação entre a doutrina das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais e as concepções do contexto político e social atual, através de uma ótica que relaciona a religião evangélica com a ascensão da extrema direita no Brasil, e consequentemente, a vitória eleitoral do governo Bolsonaro. A partir disso, o artigo visa discutir e compreender o momento histórico atual e os fenômenos que se manifestam na produção e na reprodução da realidade das estruturas sociais, mostrando assim, os interesses que movem as relações concretas entre os homens, e entre os homens e o mundo em que habitam.

**Palavras-Chave:** Evangélicos, Bolsonaro, Extrema direita.

## Resumen

Este artículo busca entender cómo se establece la relación entre la doctrina de las iglesias evangélicas pentecostales y neopentecostales y las concepciones del contexto político y social actual, a través de una óptica que relaciona la religión evangélica con el surgimiento de la extrema derecha en Brasil y, en consecuencia, la victoria electoral del gobierno de Bolsonaro. En base a esto, el artículo tiene como objetivo discutir y comprender el momento histórico actual y los fenómenos que manifiestan la producción y reproducción de la realidad de las estructuras sociales, mostrando así los intereses que mueven las relaciones concretas entre los hombres, y entre los hombres y el mundo en que habitan.

**Palabras clave:** evangélicos, Bolsonaro, extrema derecha.

## Abstract

This article aims to understand how the relationship between the doctrine of the Pentecostal and Neopentecostal evangelical churches and the conceptions of the current political and social context is established, through a perspective that relates the evangelical religion with the rise of the extreme right in Brazil, and consequently, the electoral victory of the Bolsonaro government. From this, the article aims to discuss and understand the current historical moment and the phenomena that manifest the production and reproduction of the reality of social structures, thus showing the interests that move the concrete relations between men, and between men and the world they inhabit.

**Keywords:** Evangelicals, Bolsonaro, Far right wing.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela UNESP pesquisa a relação entre neopentecostalismo, sistema econômico, política e mercado. [lowenthalmanuela@gmail.com](mailto:lowenthalmanuela@gmail.com)



## Introdução

Historicamente, a religião é um instrumento de importante centralidade na sociedade, e está em muitos momentos vinculada de alguma forma ao Estado. Nesse sentido, a igreja passou a ser, em algumas situações, uma ferramenta de coerção social e cumpre com a função de manutenção da ordem, exercendo grande influência sobre as condutas de comportamento, produção de ideias e formação de consciência. Marx não pôde prever a “Teologia da Prosperidade”, mas esta aparece como um ótimo exemplo de uma ideologia que, transmutada em religião e materializada na vida concreta, se expressa no comportamento e nas relações sociais, e é condicionada por uma vida mediada pela mercadoria, sendo a religião perfeita para o sucesso do neoliberalismo.

Como parte constituinte da vida social, a religião, enquanto esfera simbólica se torna igreja e a igreja como representação social de um sentimento subjetivo do homem, uma instituição no momento em que se vê imersa na estrutura reprodutiva das sociedades burocratizadas. De fato, o capital envolve todas as dimensões sociais em sua dinâmica, criando modos e meios totalizantes e dominantes de mediações reprodutivas, se articulando, a fim de subordinar todas as funções de reprodução social para a geração de lucro e manutenção de hierarquias de poder. Como hierarquias de poder entendemos aqui as estruturas que sustentam o sistema vigente.

Geralmente, a moral é uma das principais ferramentas para que uma estrutura de poder seja mantida; o controle de corpos, condutas de comportamento, vida e, principalmente, a sexualidade, todos estes instrumentos de domínio de toda uma classe, e a religião atua perfeitamente nessa esfera, ditando exatamente o que deve e o que não deve ser feito, o que devemos ou não julgar como certo ou errado, o que Deus aceita ou não.





Quando um vertente religiosa ganha muito domínio e influência sobre grande parte da população de um país, como ocorre no Brasil com as igrejas evangélicas, fica fácil ditar as condutas e manipular os comportamentos. E quando essa vertente religiosa se vincula a uma vertente política, o país se torna completamente vulnerável aos interesses desses grupos como se fossem seus próprios interesses.

No Brasil, ainda há um fator agravante da situação: a crise econômica. A condição econômica do país produz eventos fundamentais e circunstâncias favoráveis para a propagação de certas maneiras de pensar, além de proporcionarem determinada vulnerabilidade da população, conseqüente do desespero coletivo e da ausência de horizontes e utopias concretas acerca da estabilidade do país. A crise econômica afeta não apenas a vida financeira, mas também interfere diretamente na subjetividade das pessoas, na capacidade de sonhar e nas formas de se fazer política e de perceber o mundo ao seu redor. É nesse terreno fértil que surgem figuras como a de Bolsonaro: alguém que se auto intitula uma espécie de “salvador da pátria”, que apresenta supostas soluções para o país, um homem “de família”, religioso, que fala a linguagem do povo, articula ideias fáceis e simples que o senso comum anseia, destilando preconceitos e dando forças aos que pensam como ele, ou estimulando aqueles que estavam perdidos e sem nenhuma representação ou direção para seguir.

Bolsonaro é a imagem e semelhança de um país abandonado materialmente, desprezado economicamente, humilhado intelectualmente, mas com poucos recursos para pensar um novo caminho. Quando o caminho é dado sem grandes esforços, como uma fórmula mágica, como um remédio de cura imediata, como porta voz dos caminhoneiros, dos “tiozões” machistas, dos “Homer Simpsons” de verde amarelo, tudo fica tão lindo e



mágico, que a ilusão cresce e o medo desaparece. A multidão se fortalece em ideias rasas, superficiais e imediatistas, todas em nome de Deus, todas acionando um Deus neopentecostal que humilha e insulta todos aqueles que são diferentes deles, um Deus intolerante e irresponsável. A multidão toma força, e essa força passa a se considerar indestrutível. Essa massa atropela tudo e todos aqueles que discordam ou a questionam, assim como um dogma desesperado. Os adeptos de Bolsonaro se parecem com um fundamentalista ou um extremista, acionando a religião para justificar seus atos inconsequentes.

Porém, um discurso político por si só não se sustentaria, é preciso mais. É preciso um suporte emocional, um apelo religioso, uma estrutura mais sólida para sustentar toda essa visão de mundo. É preciso que o bolsonarismo seja impulsionado por uma religião. Qual religião é inquestionável, assim como o extremismo da direita? A igreja evangélica. É nesse sentido que a igreja se alia à política. Dois campos de poder e hierarquia distintos, porém que exercem grande influência em todos os setores sociais, ocupando a função de base da sociedade. O campo político recebe o que precisa: a coerção moral e inquestionável dos seus preceitos, e a igreja por sua vez ganha a força legitimadora de sua doutrina, recebendo um caráter burocrático e oficializando seus dogmas. Através de figuras de religiosos no Congresso, o que chamamos de “bancada evangélica”, os evangélicos passam a ter representantes no poder e dessa forma conseguem transformar sua doutrina em lei, lutando contra toda e qualquer possibilidade de mudança nas estruturas sociais e nas bases do patriarcado.

É a “eficácia simbólica” na qual Bourdieu (2008) se refere, ou o que Berger (2010) chama de “estrutura de plausibilidade”. A religião precisa fazer sentido naquele contexto, assim como o discurso político também



deve estabelecer uma relação afetiva com o indivíduo, Ela necessita fazer parte dos significados e partilhar da linguagem e símbolos para que possa participar da consciência das pessoas e construir definições plausíveis de realidade.

Mas como ocorreu esse processo? Essa é uma pergunta que muitos intelectuais, muitos teóricos e os indignados estão fazendo. Realmente é importante identificar como tais elementos são ligados para formar processos discursivos em relação a um contexto ideológico, e como o discurso oculta as estruturas colocadas, assim como o poder é inserido na linguagem de modo a obscurecer o que há por trás de um evento social, de maneira conveniente aos interesses ideológicos dominantes. Porém, nos parece que a realidade é muito mais complexa do que pensamos em nossas vãs teorias, e o fenômeno “evangélicos bolsonaristas” é a prova concreta disso.

A ideologia pode forjar representações em um discurso que é recebido como natural e inevitável, pois os interesses particulares, em última instância, apresentam um vínculo orgânico com aquilo que se relacionam, e tem vínculo direto com o processo pelo qual os interesses de determinados tipos são ocultados, racionalizados, universalizados, legitimados em nome do poder político e da manutenção da ordem social.

No caso das igrejas evangélicas, o discurso reproduzido no interior de seus templos se articula a partir da apropriação da experiência pessoal do sujeito para atingir um nível de consciência prática, construindo uma identidade comum entre os frequentadores, porém retirando todo impulso coletivo social e a concepção de construção da história. A transformação é atribuída ao sujeito individual e à sua fé, gerando “tipos ideais” artificialmente construídos e não sujeitos coletivos reais.



O presente artigo busca, portanto, compreender o caráter e a estrutura interna dessas concepções do contexto político e social atual através de uma ótica que relaciona a religião evangélica com a ascensão da extrema direita no Brasil, e conseqüentemente, a vitória eleitoral do governo Bolsonaro, e a partir disso compreender o momento histórico atual e os fenômenos que se manifestam na produção e na reprodução da realidade das estruturas sociais, mostrando a partir disso, os interesses que movem as relações concretas entre os homens, e entre os homens e o mundo em que habitam.

### **Sobre ideologia**

Tanto o fundamentalismo religioso quanto a extrema direita se nutrem da intolerância e a imposição de uma verdade absoluta, construindo meios e formas de impulsionar essas ideias, muitas vezes a partir da ignorância da população. Ignorância no sentido de desconhecer a realidade. Para isso, utilizam-se de mecanismos de controle e inversão da realidade, a fim de que a população não tenha acesso às reais forças que estão por trás das circunstâncias estabelecidas.

A religião é a ponte por sobre a qual a ideologia dominante passa a exercer o seu poder, se realizar e se manter enquanto *status quo*. De acordo com essa perspectiva, a religião é o modo de operação do discurso ideológico da extrema direita, sendo sua forma institucional/ instrumental, em outras palavras, é a sua porta voz.

O termo ideologia vem sendo muito citado nos últimos tempos, e em quase todas as situações e diálogos, de forma extremamente equivocada e banalizada. Ideologia é um conceito tão complexo, que dentro do próprio marxismo, há divergências em relação ao real significado. Porém, no



contexto atual, este termo está sendo usado e difundido como sendo o sinônimo de tudo aquilo que não diz respeito aos preceitos e interesses da extrema direita, como se “ideologia” se referisse necessariamente à esquerda.

Segundo Isteván Mészáros (2008):

A ideologia como forma específica de consciência social, é inseparável das sociedades de classes. Ela se constitui como consciência prática inescapável de tais sociedades, vinculada à articulação dos conjuntos de valores e estratégias rivais que visam ao controle do metabolismo social sob todos os seus principais aspectos. Os interesses sociais, que se revelam ao longo da história e que se entrelaçam de modo conflitante, encontram suas manifestações no plano da consciência social na grande diversidade do discurso ideológico, relativamente autônomo (mas, de forma nenhuma independente), com seu impacto poderoso mesmo sobre os processos materiais mais tangíveis do metabolismo social. (MESZAROS, 2008. p. 9)

O que Mészáros quer dizer com isto é que ideologia é uma mistificação própria de sociedades que possuem conflitos de classes assimétricos, sendo um recurso utilizado para mistificar essa luta e esses conflitos, produzindo a manutenção das classes dominantes através de discursos e outros inúmeros recursos (como a religião) para promover a não percepção e não consciência dessa hierarquia de dominação. Segundo o autor, ainda, o que define ideologia não é a “falsa consciência” ou a subestimação da razão, mas é a sua situação real em um determinado tipo de sociedade.

Essa mistificação em torno da realidade cria situações nas quais as classes dominadas passam a fazer coisas e a defender segmentos e governos



que vão totalmente contra seus interesses. Há um “consenso” que envolve valores e diretrizes práticas que são, na realidade, totalmente adversos as suas necessidades.

É exatamente isto que vemos no Brasil atual: os chamados “pobres de direita” defendendo um governo completamente avesso a pobres, e que retira cada vez mais os direitos dos trabalhadores e programas sociais. Porém, este fenômeno é muito mais complexo do que parece à primeira vista, e tem relação direta com luta de classes.

A realidade do cotidiano vai além do binarismo colocado em redes sociais, de um lado a esquerda e de outro os “protofascistas” ou “bolsominions”, como são chamados os eleitores do presidente Jair Bolsonaro. Os efeitos entre a direita e a esquerda tem raízes mais ocultas do que se pode imaginar, e a semente é a igreja evangélica, como iremos falar a seguir.

### **A igreja evangélica e a sua doutrina**

Essas igrejas oferecem “ajuda espiritual”, pois afirmam que o fracasso seria “coisa do Diabo”, desprezando-se a origem histórica e material destas necessidades e demandas. Um exemplo disto é uma afirmação que R. R. Soares e Edir Macedo, dois dos principais protagonistas de igrejas evangélicas, fizeram sobre a extensão da “ação demoníaca” no Brasil “Agindo na religião, são os culpados pelo fato de o Brasil não ser um país bem mais desenvolvido” (MACEDO, 2000).

Deus é colocado como terapeuta e a igreja como mediadora. Os problemas sociais são transferidos para o campo espiritual. Sob essa ótica, os cultos neopentecostais podem ser tidos como um momento de fuga das circunstâncias e contradições reais, em que vivências e experiências



transcendentais que proporcionam sensações de bem-estar e alívio são oferecidas ao fiel e servem a ele, como um momento de felicidade nas quais muitos não experienciam no seu cotidiano, devido a exploração no trabalho, as situações de precariedade e necessidade material, além da insegurança da vida contemporânea.

A busca religiosa ganha um novo contorno, por meio de inserção na vida contemporânea globalizada, no mercado de trabalho cada vez mais excludente, e acima de tudo, na busca pela ascensão social (ORO, 2003). A ascensão social não diz respeito somente ao ganho econômico, mas à toda uma construção ideológica sobre um imaginário econômico que promove a competição, criando esquemas de pensamento de mercado. São os valores de uma ética profissional postulada pelo mercado livre e neoliberal, que se aloja no país, principalmente, nos anos 1990.

Diante deste contexto incerto da "década neoliberal", complexificam-se as relações e o nível de sociabilidade, intensificando-se também as crises individuais e subjetivas. As formas de produzir e reproduzir a vida se diversificam, surgindo também novas formas de consumo material e simbólico, nas quais se envolvem as maneiras de experienciar a religião. Esse cenário cria mudanças internas no campo religioso, como o surgimento de igrejas de diferentes denominações que passam a oferecer soluções para enfrentar os problemas pessoais decorrentes dos sacrifícios impostos à população pelas mudanças sociais ocorridas na "década neoliberal". Os indivíduos passam a procurar instituições que contemplem suas necessidades espirituais e as oriente diante da situação de precariedade social. A igreja como esfera simbólica da sociedade se apresenta como produtora e ao mesmo tempo produto. Como podemos observar nos escritos de Karl Marx sobre a religião, na qual consideramos aqui ainda atual:



A angústia religiosa é ao mesmo tempo a expressão da dor real e o protesto contra ela. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, tal como o é o espírito de uma situação sem espírito. “É o ópio do povo” (MARX, 2010; p. 304).

Para Marx, a religião expressa também um protesto e uma resistência do oprimido contra a angústia existencial, que advém em última instância da miséria material. A igreja, embora tenha se submetido à racionalização burocrática na qual envolve metas, estratégias, meios de maximizar seus benefícios e alcançar de forma eficaz seus objetivos, é hoje o local onde os indivíduos podem se refugiar dessas relações, encontrando abrigo emocional. As igrejas mais do que nunca apresentam o sentido de uma comunidade com laços fortes e estáveis, que une e fortalece um grupo, como uma comunidade da fé que protege os indivíduos do que Durkheim (1970) chamaria de anomia social.

Peter Berger (1984) sustenta também a perspectiva que considera a religião como uma ferramenta de integração moral da sociedade, cuja função primordial se perdeu e se degenerou. As principais críticas que essa teoria recebe é a de que essa análise do comportamento dos indivíduos é insuficiente, pois não considera os valores dos indivíduos (Hechter, 1997) adquiridos a partir de um contexto social (Sherkat, 1997) e tampouco considera o status, a mobilidade social e as normas grupais (Shertak e Wilson, 1995). O que ocorre é que, de fato, há um pluralismo religioso que possibilita uma maior diversidade de religiões que passam a competir entre si, essa competição acarreta em uma dinâmica de mercado que abrange uma complexa rede de relações e que oferta e possibilita diferentes formas de se relacionar com o sagrado na sociedade contemporânea.





A mudança no papel e função da igreja na esfera social tem influência no processo pelo qual setores da sociedade e da cultura se subtraem à dominação das instituições e símbolos religiosos tem relação direta com uma determinada secularização da consciência. Porém, essa secularização ocorre no plano burocrático principalmente, ocorrendo que os vestígios de uma concepção religiosa de mundo permanecem fortes e cada vez mais presentes.

Apesar de apresentarem grande participação na esfera da política, não demonstram grande interesse em problemas em relação às contradições sociais ou desemprego, por exemplo, afinal, são problemas atribuídos por eles a causas divinas. Seu engajamento na esfera política visa a conquista de poder e atendimento dos interesses das causas evangélicas e da instituição. Em seus cultos, não se atentam a projetos sociais ou com perfil de militância política, visam se ajustar às demandas sociais interessadas na resolução de problemas cotidianos e pessoais, e satisfação de desejos materiais, funcionando como pronto socorro espiritual especializado na venda de “bens de salvação” (MARIANO, 1999).

Este é um ponto importante no tocante à relação e incorporação ao sistema capitalista, uma vez que a desarticulação do coletivo é um dos princípios que sustentam a ideologia neoliberal, retirando o senso da atuação coletiva como práxis revolucionária. As igrejas tradicionais, principalmente a Igreja Católica, sempre promoveram em sua doutrina formas de atuação em grupo, visando o bem da comunidade. Esta postura entra em choque diretamente com o novo comportamento da sociedade moderna, que cada vez mais individualiza e fragmenta as formas de sociabilidade.



## **Relação entre Fundamentalismo religioso e extrema direita**

O fundamentalismo religioso se caracteriza pelo apego à ideia de verdade absoluta. Para o fundamentalista religioso, a bíblia detém a verdade absoluta e essa verdade é incontestável, isso envolve desconsiderar toda e qualquer possibilidade de questionamento acerca da veracidade de um dogma, assim como exclui a possibilidade de que a bíblia seja passível de diversas interpretações. Interpretações estas que podem variar de acordo com o contexto histórico e social. Em suma, o fundamentalismo religioso é a concepção que impede o pleno convívio entre as diferenças, sejam elas em relação à religião ou qualquer outra forma de visão de mundo, ou forma de existir no mundo que não esteja conforme uma determinada leitura da bíblia.

Nesse sentido, o fundamentalismo religioso por si só é uma concepção de mundo perigosa, no sentido que advém da ideia de imposição e controle de corpos e mentes. Porém, o fundamentalismo religioso aliado ao extremismo político passa a ser um posicionamento que ameaça à democracia e a liberdade de uma sociedade, uma vez que um encontra no outro bases necessárias para se desenvolver e se expandir, a fim de que se tornem a única forma de pensamento possível, excluindo e oprimindo todas as outras formas de pensar, e principalmente, impedindo a oposição.

A oposição é o que move o mundo. Sempre foi assim em toda a história das lutas e revoluções da humanidade. É através da oposição que surge o novo. É através da contestação que se criam novas percepções acerca da realidade, e possibilidades de transformação desta realidade. O próprio Marx aponta para o fato de que a revolução deve ser permanente, as circunstâncias nunca devem permanecer incontestáveis, e nem suas instituições, pois a transformação deve ser eterna. É isso que o fundamentalismo teme, é isso que a extrema direita teme: a constante



mudança, e por isso pregam a conservação, a manutenção dos fatos, a verdade absoluta e incontestável, o dogma, recorrendo sempre à justificativa da “tradição” e apelando para a ideia de “preservação da família”.

Através da ideia de “preservação da família”, o monstro é alimentado. Quando o discurso da extrema direita mobiliza a ideia de que a família é sinônimo de tradição, e logo, faz parte dos interesses da direita, e a destruição da família é um projeto da esquerda, uma vez que a esquerda prega a transformação das antigas estruturas, clamando por um novo formato de sociedade, a ideologia é mobilizada.

É nesse sentido, que a religião, em específico, o fanatismo religioso, se alia ao campo político, mobilizando repertórios e construindo justificativas, se utilizando também de representações e interações sociais, forjando papéis na formulação de demandas, e acionando ações que mobilizam interesses particulares.

### **Em busca da Prosperidade**

Há uma ideia de que quem elegeu Bolsonaro foi a elite brasileira, as classes dominantes e privilegiadas, e isto não é de todo incorreto. Porém, para que este candidato fosse eleito, foi necessário que a maior parte da população votassem nele, e no Brasil, a maioria da população não é a elite, mas as classes menos privilegiadas. Isso quer dizer que grande parcela da população das classes pobres e extremamente miseráveis, optou por votar neste candidato. É claro que as motivações destas classes não são as mesmas das elites, e principalmente porque envolvem um fator determinante: a igreja evangélica e o direcionamento político realizado nos cultos.

As classes privilegiadas votaram em Bolsonaro com medo de perder seus privilégios, já as classes desprivilegiadas votaram com a esperança de



que passariam a ter privilégios, motivados em muitos casos pelo discurso dos pastores que em muitos casos observados expressaram seus posicionamentos de formar extremamente clara no período eleitoral<sup>2</sup>. Porém, esses anseios pela melhoria de vida da classe trabalhadora não se referem aos direitos da classe como um todo, mas sim da sua vida particular. Por isso, não dizem respeito à ampliação de direitos, mas sim de privilégios, pois privilégios são benefícios pessoais, ao contrário de direitos que tem estreita relação com o processo democrático de um país.

Essa motivação vinda de igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais têm relação direta com a Teologia da Prosperidade, uma vez que essa doutrina incentiva a prosperidade individual e pessoal, através de sucesso material em vida. É uma Teologia que não diz respeito à vida após a morte, ou ao céu, recompensas divinas ou algo do tipo, mas afirma que o sucesso em vida corresponde ao sucesso divino, ou seja, quanto mais bem sucedido economicamente, mais adorado por Deus você é. Essa ideia carrega também uma concepção fragmentada e alienada da vida em sociedade, e retira todo impulso coletivo e social. É o princípio da meritocracia, onde cada um é responsável pela sua própria condição econômica, isentando toda a responsabilidade do sistema econômico e político. Por isso, é a doutrina base do neoliberalismo, e que, em países emergentes como o Brasil, se torna perfeita ideologicamente.

Muitas igrejas evangélicas pregam a Teologia da Prosperidade, são as chamadas “igrejas neopentecostais”, e trazem juntamente com a ideia de sucesso material e prosperidade econômica, preceitos morais e

---

<sup>2</sup> Informação baseada em pesquisa de campo, juntamente a levantamento de dados via redes sociais realizada acompanhando o perfil das igrejas pentecostais e neopentecostais Universal do Reino de Deus, Assembleia de Deus, Igreja Deus é amor e Bola de Neve Church's, durante o período pré-eleitoral no ano de 2019.



extremamente rígidos em relação à vida, à sexualidade, à recriminação do divórcio, ao aborto, à homossexualidade, a bebidas, entre outras questões. Isto se dá por diversos motivos, mas principalmente pelo fato de que uma vida regrada é mais propensa ao sucesso profissional do que uma vida desregrada. Outro motivo maior e mais intrínseco a grande rigidez comportamental e rigor em relação à conduta de vida dos fiéis é que isto viabiliza o controle de corpos e mentes, facilitando a dominação e a manipulação por parte dos interessados.

Os interessados até então eram a própria instituição. Mas essa situação se modificou recentemente. Cada vez há mais interessados nesse “sucesso” da igreja, e assim vemos no Brasil a política estreitar intimamente os seus laços com a igreja evangélica. A presença de evangélicos na política vem gerando cada vez mais discussões sobre o lugar da religião no espaço público, pois essa entrada de atores religiosos na esfera política traz uma retórica de cunho confessional que, ao longo dos anos, vem se ajustando com o discurso estritamente político, modificando o seu contorno, perfil e caráter, em concordância com outras linhas discursivas próprias do espaço legislativo, expressando também a capacidade de articulação política e evidenciando a atuação dos parlamentares evangélicos em assuntos que entram em pauta neste espaço supostamente laico.

A Bancada Evangélica no Parlamento (eleita em 2014 para a Legislatura 2015-2019), em exercício no presente momento por 85 deputados/as federais e 2 senadores, num total de 87 parlamentares<sup>3</sup>, tem

---

<sup>3</sup> Os dados foram levantados com base em pesquisa do DIAP, na lista de eleitos apresentados pela Frente Parlamentar Evangélica e em consultas a assessores de parlamentares da Bancada da legislatura anterior. Foram examinados nome por nome e checados os/as eleitos/as que, de fato, tem vinculação religiosa – descartados o simples pertencimento a partidos identificados como religiosos ou o



como igreja predominante a Assembleia de Deus. Os parlamentares evangélicos acreditam que a expansão dos direitos da família<sup>4</sup> e o reconhecimento desta instituição em outros formatos significa a real destruição da família. Essa extinção, segundo eles, está sendo realizada e incentivada por seus adversários políticos. Diante disto, os parlamentares evangélicos criaram diversos projetos de lei que visam proteger a instituição familiar, como por exemplo, o Estatuto da Família. Para que esse posicionamento seja legítimo, é construída toda uma performance em torno da maneira como o debate será travado. Os atores religiosos passam a se apropriar de toda uma série de recursos próprios do ambiente político, na qual códigos, linguagens e toda uma gramática performática são construídos e acionados para defender juridicamente uma concepção religiosa, através de uma roupagem política.

De acordo com a leitura sobre os pronunciamentos advindos de membros da Frente Parlamentar Evangélica desde a sua fundação, em 2003, os discursos de caráter religioso são identificados não apenas em temas referentes à religião, mas também no reforço de posicionamentos de cunho moral e religioso, relacionados a questões sobre os direitos humanos, como aborto, consumo de bebidas alcoólicas, pesquisas com células tronco, entre outros assuntos que emergem no âmbito político. Um dos temas mais tratados ultimamente, entretanto, tem sido em particular o do conceito de família. Esse debate tem sido intensamente realizado no meio político, com especial e ativa atuação dos parlamentares evangélicos nas definições de classificações e arranjos familiares.

---

apoio recebido por uma determinada denominação evangélica na campanha eleitoral.

<sup>4</sup> Como por exemplo, o casamento gay e o reconhecimento de outros formatos de famílias, que não somente a formada por um homem e uma mulher e filho (s).



A bancada evangélica, por sua vez, reforçou seu posicionamento através de eventos que defendiam a “família tradicional”, promovendo encontros como Marcha da

Família com Deus pela Liberdade, a Marcha para Jesus e a Jornada Mundial da Juventude. Segundo a doutrina evangélica, Deus fez a família composta por homem e mulher para construir o mundo, e qualquer espécie de vínculos que não seja composta por laços heterossexuais é vista como uma afronta a vontade de Deus.

Segundo Regina Novaes (2002), as motivações religiosas são muito próximas das motivações políticas. Em ambas as esferas estão presentes razões, certezas, normas morais e sentidos para a vida, pois, ambas despertam o entusiasmo, a motivação ou a paixão, na qual são representações que tanto a crença religiosa quanto a política pressupõem (NOVAES, 2002).

Esses elementos podem contribuir para compreensão da ação política evangélica, assim como suas retóricas e aparatos discursivos, onde buscam respaldo jurídico para fazer valer suas reivindicações presentes em suas pautas conservadoras.

### **Bolsonaro acima de tudo, Igreja acima de todos**

Para muitos, Deus e Bolsonaro são duas formas de salvação de uma vida indigna. Essas pessoas não são necessariamente simpáticas ao fascismo, à segregação racial, ou a favor da tortura, da censura, da ação violenta de policiais. São pessoas vulneráveis economicamente, emocionalmente e desesperados em vários sentidos. O problema mais grave é que essas ideias circulam sem oposição ou crítica nos meios religiosos, frequentemente defendidas como liberdade de expressão ou em nome da bíblia. Essas ideias



se misturam com conservadorismo, reacionarismo, libertarianismo e a pior das características: são contra a democracia liberal, ou mesmo qualquer tipo de democracia.

Entre algumas aproximações, o que uniu essa nova direita brasileira ao discurso evangélico foi com certeza a obsessão pela moralidade e o monopólio da razão, excluindo toda e qualquer possibilidade de questionamento. Ambas elegem um inimigo para travarem uma guerra: seja o inimigo a própria esquerda ou o demônio. Atualmente a esquerda se tornou o próprio demônio segundo essa linha de pensamento.

Com um inimigo feito e ridicularizado ao extremo através de discursos de ódio e terror, o segundo passo é massificar ao máximo estes posicionamentos, difundindo informações não verídicas e manipuladas através de uma ferramenta de fácil acesso e que exige pouca reflexão: o *whatsapp*. Esse meio de comunicação se tornou a preferida dos eleitores do Bolsonaro. Em correntes que unem religião, Deus, demônio, ataques ao PT e apelações diversas, muitas pessoas compartilham sem absolutamente nenhum senso de consequência. A maior parte do conteúdo destas correntes é similar aos discursos dentro das igrejas evangélicas. Todos em torno de questões como: “Deus elegeu Bolsonaro para salvar o Brasil” ou “precisamos salvar o Brasil da ameaça comunista que ameaça a família tradicional cristã”, e até mesmo “forças demoníacas estão atacando contra o nosso presidente”.

No último dia 1 de setembro de 2019, o presidente Bolsonaro foi chamado pelo Bispo Edir Macedo para receber “unção” dentro da igreja Universal do Reino de Deus em culto evangélico no Templo de Salomão, no Brás, em São Paulo. O pastor afirmou que Bolsonaro foi eleito por Deus para liderar 210 milhões de brasileiros e que toda a mídia está contra ele e contra o presidente. Antes de iniciar a “unção”, o pastor comparou o presidente a





Deus. Edir afirmou que “Deus honra aqueles que o honram, assim como Bolsonaro<sup>5</sup>” e ainda “Bolsonaro vai arrebentar, não porque sou eu ou porque é ele, mas porque é o espírito santo”.

Diante destas falas e destes acontecimentos cada vez mais comuns, observa-se que há de fato uma superestimação em relação à figura do presidente, de modo que sua imagem torna-se, através de todo um simbolismo criado, um “mito”, no sentido mais preciso da palavra. No momento em que o pastor alega que Deus escolheu este presidente para governar o país e este fato é inquestionável, os fiéis de sua igreja o seguem cegamente, sem absolutamente nenhuma resistência.

### **A questão da família entre os evangélicos**

A questão da família é um dos pontos centrais no discurso de ambos os lados, tanto do conservadorismo político, quanto da tradição da igreja. Quando o fator “família” é mobilizado, é mobilizada também toda uma teia de sentidos e significados que afetam diretamente o imaginário e a subjetividade do cidadão médio. A família ocupa o lugar do sagrado: é uma norma moral. Não protegê-la é ser mutilado na própria noção de humanidade.

Como já nos mostrava Marx, a construção da família como o espaço da procriação é a condição de possibilidade para a formação social. Mas a família não é a base da reprodução social. Com o tempo passa a ocupar o lugar do sagrado, juntamente com a sua função na cadeia produtividade de dar continuidade às classes sociais e seus legados. A sagrada família e,

---

<sup>5</sup> Afirmação retirada, disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-recebeuncao-de-edir-macedo-e-bispo-diz-que-presidente-vai-arrebentar,70002992132>. Acesso em: 05 set. 2019.



principalmente, a imagem de José ganham destaque no culto religioso: a família é corporificada na Sagrada Família. A modernidade se funda, portanto nessa organização de família, a família patriarcal que tem uma organização muito bem definida e através disto permeia todas as relações de dominação e hierarquia. A religião é, nesse sentido, a instituição que protege essa organização familiar e tem como função usar todos os seus recursos para promover a manutenção dessa ordem.

Considerando que as classes altas se mantêm e se reproduzem através da continuidade de posse de bens e da condição material efetiva, a classe média por não possuir esse meio, se perpetua enquanto classe através do incentivo aos estudos, pela transmissão afetiva, invisível, imperceptível porque cotidiana e dentro do universo privado da casa, das condições que irão permitir aos filhos dessa classe competir no mundo do trabalho, com grandes chances de sucesso.

Já as classes baixas não possuem nem uma coisa e nem outra. A possibilidade de sonhar, de ter esperança, de ter apoio é muitas vezes um privilégio de classe. Como se sabe, a "corda sempre arrebenta do lado mais fraco", e o lado mais fraco no Brasil é também o lado dominado, não é exatamente um lado, mas uma camada, aquela que está embaixo, aquela que está à periferia, à margem, e lá a esperança e o ato de sonhar é um exercício de difícil execução e pouco óbvio, na qual a igreja tem papel central.

A igreja evangélica é a que mais atende essa demanda da população, sendo a Igreja Universal do Reino Deus nosso caso mais marcante. Os motivos são diversos, mas entre eles está a origem da igreja protestante que desde seus primórdios nos Estados Unidos surge como movimento não só religioso, mas também social, assim como na maneira pela qual e para onde



essa religiosidade se expandiu no mundo. Além disso, temos como fator importante a sua flexibilidade e capacidade de adaptação, que permitem novas variações do seu discurso, criando um formato adequado às classes periféricas e suas necessidades.

Essas igrejas proporcionam para as classes periféricas aquilo que as outras classes já possuem em suas vidas privadas: o incentivo e a esperança. Através da igreja, as crenças individuais e coletivas são atualizadas constantemente, assim como a ideia de uma promessa de futuro num sentido prático para orientar a conduta de vida. Esse fator é primordial para compreendermos a grande adesão de determinada classe às igrejas evangélicas.

Posto isso, acrescenta-se o fato de que essas igrejas, na qual o fiel tanto é grato na sua vida particular, passa a estimular outra figura, que não somente a de Deus, mas uma figura concreta, real, material, em vida, a figura de um homem que é colocado bem além do que um político, mas um salvador da pátria. Esta manipulação institui no imaginário comum do fiel um sonho a mais em sua vida, uma esperança, uma vez que Deus colocou Bolsonaro para dirigir a nação, segundo os dizeres do pastor.

É com base nisto que toda uma série de simbologias e significados são mobilizados na esfera da subjetividade do fiel, este que deposita nas mãos do pastor toda a sua confiança e crença, uma vez que o pastor é visto na igreja evangélica como o porta voz de Deus. Isso, somado ao fato de que grande parte da população que frequenta as igrejas evangélicas não se interessava por política até pouco tempo atrás, uma vez que a própria igreja recriminava o interesse por esta área.

A igreja encontrou na política a justificativa ideal para seus preceitos de ordem moral e conservadora, e o discurso da extrema direita, por sua vez



encontrou na igreja evangélica a justificativa perfeita para legitimar seus preconceitos e intolerâncias. Mais do que estabelecer diálogo com doutrinas evangélicas, a extrema direita brasileira contribui para normalizar ideias neofascistas. Através de um discurso com caráter de “verdade absoluta”, que mobiliza a bíblia e o nome de Jesus, quando são criticados por esses aspectos se escondem atrás do manto da “liberdade de expressão” ou “a favor e em defesa da família e da tradição”. Através desta união, o Brasil vive um dos períodos mais sombrios e nebulosos de sua democracia, já tão ameaçada e frágil.

## **Conclusão**

A relação entre os evangélicos e a admiração, ou mesmo fanatismo pela figura de Jair Bolsonaro ainda é bastante nebulosa e envolve muitas variantes. Porém, é um tema que está sendo bastante estudado dentro das Ciências Sociais, entre outras disciplinas que buscam compreender os fenômenos sociais e suas correlações e procuramos neste artigo desenvolver algumas reflexões acerca deste assunto.

É certo que a condição econômica e a carência material afetam diretamente a subjetividade e religiosidade de um indivíduo, porém, há outras dimensões humanas igualmente importantes e que interferem na conversão religiosa e na opção política de cada pessoa. A manutenção e a reprodução das classes se faz não somente pela herança material, mas também por todo um estilo de vida, no qual envolve valores, concepções, intelecto, perspectiva e também a própria religião, como foi abordado aqui.

No meio do processo de liminaridade e de crise econômica, não foram poucas as pessoas que atribuíram à igreja evangélica a salvação e a última esperança. O número de evangélicos aumentou consideravelmente



nos últimos anos. Cada estado brasileiro conta com pelo menos um município de maioria evangélica. Entre os grandes estados brasileiros, o Rio de Janeiro é a Unidade da Federação com maior número de adeptos de igrejas pentecostais e neopentecostais e coincidentemente, é também o Estado com maior número de votos para o presidente Jair Bolsonaro.

A força e a influência da igreja se perpetuam e se fortalecem através de mecanismos de reprodução e constante vivência, mas principalmente através do discurso proferido, discurso este que atualmente não se limita mais ao espaço da igreja, nem ao momento do culto, mas está presente em outros ambientes, como na mídia, nas redes sociais e reproduzidas por inúmeros meios, tornando-se a concepção hegemônica no Brasil atual.

A união entre o espaço religioso e o espaço político não é nova, em toda a história da sociedade ocidental houve esse vínculo, porém a hegemonia sempre esteve nas mãos da igreja católica. A expansão da igreja evangélica é ainda um fenômeno recente, e suas consequências ainda estão sendo estudadas.

A grande problemática deste cenário está principalmente em relação ao ataque constante à democracia, e o retrocesso no que diz respeito aos direitos conquistados em diversos setores, como os direitos dos trabalhadores, das mulheres, da comunidade LGBT, entre outras minorias, tendo preconceitos e intolerâncias justificadas através da palavra de Deus. Mais do que estabelecer diálogo com doutrinas evangélicas, a extrema direita brasileira contribui para normalizar ideias discriminatórias e violentas.

Assim, torna-se necessário um exercício de reflexão e equilíbrio, cabendo aos estudiosos das ciências humanas e à academia, a responsabilidade de não se manter neutra ou calada. É preciso denunciar o fundamentalismo e o extremismo como expressões profascistas no Brasil,



porém, sem cair na generalização e no senso comum. É importante conservar o respeito e a tolerância em relação às religiões, identificando a heterogeneidade desse campo, e assim dialogando e fortalecendo iniciativas que não estão sob controle das narrativas fundamentalistas.

## Referências

- ASAD, Talal. **Formations of the secular modern: Christianity, Islam, Modernity**. Stanford, California: Stanford University Press, 2003.
- BERGER, P. et al. (2008), **Religious America, Secular Europe? A theme and Variations**. Burlington: Ashagate Publishing Company.
- BOLTANSKI & THEVENOT. **De la justification: les économies de la grandeur**. Collection NRF Essais, Gallimard Paris, 1991
- BOLTANSKI, LUC. **Nécessité et Justification**. Revue Économique. n. 2, 2002, Vol. 53, p.275-289.
- BOURDIEU, Pierre. **Gênese e estrutura do campo religioso**. In: Economia das trocas simbólicas. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- BUTTLER, Judith. **Excitable Speech**. A politics of the Performative. New York/London: Routledge, 1997.
- CAMPOS, L. S. **De políticos de Cristo** – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In: BURITY, J. A; MACHADO, M. D. C. (Org.) Os Votos de Deus: evangélicos, política e eleição
- CASANOVA, J. **Public Religions in the Modern World**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel**. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Mysterium, 2007.
- DUARTE, Luiz Fernando. **Pluralidade religiosa nas sociedades complexas e 'religiosidade' das classes trabalhadoras urbanas**. Boletim do Museu Nacional. 1983, Vol. 41.
- \_\_\_\_\_. Ethos privado e justificação religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, M.L. et al.



**Sexualidade, família e ethos religioso.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FONSECA, A. B. **Surge uma nova força política:** A Igreja Universal do Reino de Deus nas eleições de 1994. Rio de Janeiro: mimeo, 1996.

FRESTON, P. **Evangélicos na política brasileira:** história ambígua e desafio ético.

Curitiba: Encontro Editora, 1994.

\_\_\_\_\_. **Religião e política, sim;** Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política. Viçosa: Ultimato, 2006.

GIDDENS, A. , **The Consequences of Modernity.** Cambridge: Polity, 1990.

GOMES, E.; NATIVIDADE, M.; MENEZES, R. A. **Proposições de leis e valores religiosos:** controvérsias no espaço público. In: DUARTE, L.F.D...[et al]. (Org.). Valores religiosos e legislação no Brasil: a tramitação de projetos de lei sobre temas morais controversos. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 15-44.

HABERMAS, Jürgen. **L'espace public.** Paris: Payot, 1978.

LATOUR, Bruno. **La cartographie des controverses.** Technology Review. vol. 1, 2007.

LOWENTHAL, Manuela F.. Marília: **A materialidade do trabalho religioso:** um estudo sobre o neopentecostalismo da Igreja "Bola de Neve". Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2016.

MACHADO, Maria das Dores. **Religião, cultura e política.** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 32(2): 29-56, 2012.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais:** sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MARX, Karl. **O capital:** Crítica da Economia Política. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus; [supervisão e notas Marcelo Backes. 2.ed revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia.** São Paulo: Boitempo, 2004.

MONTERO, Paula. **O campo religioso, secularismo e a esfera pública no Brasil.** Boletim CEDES. PUC-RJ, 2011.



PIERUCCI, A. F. **Representantes de Deus em Brasília**: A Bancada Evangélica na Constituinte. Ciências Sociais Hoje, São Paulo, n. 11, p.104-132, 1989.

SANCHIS, Pierre (org.). **Fiéis & Cidadãos**. Percursos do Sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

VELHO, Gilberto. **Biografia, trajetória e mediação**. In: G. Velho & K. Kushnir (orgs.). Mediação, Cultura e Política. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.

*Recebido em: 09 set. 2019 | aceite em 15 fev. 2020*





## Resumo

O presente artigo tem por objetivo contar um pouco da história da criação dos cursos superiores de tecnologia no Brasil, trazendo algumas das principais motivações para o surgimento de tal modalidade. Também apresentamos, com base no último senso da educação superior (2018), dados que apontam o crescimento do número de matrículas em cursos de tecnologia oferecidos por instituições de ensino privadas, bem como em cursos ofertados na modalidade EAD (ensino a distância).

**Palavras chave:** cursos superiores de tecnologia; história do ensino tecnológico; instituições de ensino privadas.

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo contar un poco sobre la historia de la creación de cursos de educación superior en tecnología en Brasil, trayendo algunas de las principales motivaciones para el surgimiento de dicha modalidad. También presentamos, en base al último sentido de la educación superior (2018), datos que apuntan al crecimiento en el número de inscripciones en cursos de tecnología ofrecidos por instituciones educativas privadas, así como en cursos ofrecidos en educación a distancia (educación a distancia).

**Palabras clave:** cursos de alta tecnología; historia de la educación tecnológica; Instituciones educativas privadas.

## Abstract

The purpose of this article is to tell a little about the history of the creation of higher technology courses in Brazil, bringing some of the main motivations for the emergence of this modality. We also present, based on the latest sense of higher education (2018), data that point to the growth in the number of enrollments in technology courses offered by private educational institutions, as well as in courses offered in distance learning (distance learning).

**Keywords:** higher technology courses; history of technological education; private educational institutions.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP, mestre em educação pela mesma instituição e Tecnóloga em Gestão Empresarial pela FATEC. [zig\\_zu@hotmail.com](mailto:zig_zu@hotmail.com)



## Introdução

Os cursos superiores de tecnologia compõem, junto com o bacharelado e a licenciatura, umas das três modalidades de formação em nível superior que são oferecidas no Brasil. Os egressos desses cursos são denominados de tecnólogos.

Essa modalidade de educação superior é responsável, de acordo com último senso da educação superior divulgado no ano de 2018, por 999.289 matrículas distribuídas entre as instituições públicas e privadas. Esse total, que corresponde a 12,1% das matrículas observado de forma isolada, pode não representar muito no total, porém, de acordo com o senso do ensino superior:

houve uma certa estabilidade na distribuição da matrícula entre os graus acadêmicos, nos últimos três anos: 69% bacharelado, 19% licenciatura e 12% em cursos tecnológicos. Nos últimos 10 anos, entretanto, o número de alunos em cursos de licenciatura cresceu apenas 49,7%, enquanto o número de alunos de cursos tecnológicos cresceu 141%. No mesmo período, os cursos de bacharelado cresceram 65,6%. (BRASIL, 2018, p. 28).

O esforço no sentido de popularizar e aumentar a oferta de cursos superiores de tecnologia teve seu momento mais significativo no ano de 2008. Em 29 de Dezembro daquele ano, o então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, como parte de um grande projeto que pretendia incluir a classe trabalhadora no ensino superior, sancionou a Lei nº 11.892<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Para ter acesso ao documento na íntegra consultar o link a seguir:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm)



que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, que oferecem além de cursos técnicos de nível médio cursos superiores em diversas áreas.

Os 31 Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets), as 75 Unidades Descentralizadas de Ensino (Uneds), as 39 Escolas Agrotécnicas, as 7 Escolas Técnicas Federais e as 8 escolas vinculadas a universidades deixaram de existir para formar os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (BRASIL, 2008).

Nesse mesmo período o governo de São Paulo retomou o projeto de ampliação das vagas e da criação de novas unidades das Faculdades de Tecnologia do Estado – FATECs<sup>3</sup>.

Entre os anos de 2008 e 2015 o número de FATECs saltou de 52 para 71 unidades, localizadas em 65 municípios do estado (CEETEPS, 2015).

Essa modalidade educacional, que figura hoje como uma importante porta de entrada para a classe trabalhadora no ensino superior, foi criada, de forma oficial, no final da década de 1960, por meio do Decreto- Lei de 06 de outubro de 1969<sup>4</sup>.

Em 20 de Março de 1970 criou-se a FATEC de Sorocaba, e outros cinco cursos de tecnologia também passaram a ser oferecidos na cidade de São Paulo<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> As Faculdades de tecnologia (FATECs) são responsáveis pela oferta de cursos superiores de curta duração (3 anos) – cursos de tecnologia – do Centro Paula Souza.

<sup>4</sup> Decreto-lei, de 6 de outubro de 1969. Cria, como entidade autárquica, o CEETEPS, e dá providências correlatas. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1969/decreto.lei-0-06.10.1969.html>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

<sup>5</sup> Decreto-lei nº 243, de 20 de maio de 1970. Dispõe sobre criação da Faculdade de Tecnologia de Sorocaba. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/223570/decreto-lei-243-70>>. Acesso em: 20 abr. 2019.



Em 1973 os cursos de tecnologia do CEET de São Paulo passaram a constituir a FATEC de São Paulo e a FATEC de Sorocaba e foram posteriormente rebatizadas de CEETEPS<sup>6</sup> - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza- em homenagem a Antonio Francisco de Paula Souza (1843-1917).

Esse decreto que fundou o CEET de São Paulo veio ao encontro de uma importante luta da classe trabalhadora que tinha como uma de suas principais demandas o acesso ao ensino superior. A criação do CEET-SP também simbolizou o final de um longo processo de discussão acerca da formação que a classe trabalhadora deveria ter.

### **Motivações para a criação dos cursos superiores de tecnologia no Brasil**

Fruto de um longo processo iniciado ainda no tempo do império, e criada para conter os desvalidos da sorte (CUNHA, 2005a) bem como a defesa do trabalho compulsório, teve em sua criação dois momentos emblemáticos, quais sejam: a criação do Colégio das Fábricas (1809) pelo príncipe regente, futuro Dom João VI, e posteriormente, a descentralização promovida pela reforma educacional de 1834. "Esta reforma descentralizou o ensino e possibilitou a criação de instituições com grande autonomia, como os Liceus de Artes e Ofícios". (BRYAN, 2008, p. 10).

Ao longo do século XIX foram criadas várias instituições nos moldes das escolas de artes e ofícios que mantinham ainda um caráter assistencialista.

---

<sup>6</sup>Decreto nº 1.418, de 10 de abril de 1973. Dá denominação ao Centro Estadual de Educação Tecnológica e altera a constituição de seus cursos. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1973/decreto-1418-10.04.1973.html>>. Acesso em: 20 abr. 2019.



Porém, foi na década de 1930 que as discussões acerca da necessidade de se realizar uma reforma educacional passaram a ser mais fortemente observadas.

Um dos pontos importantes naquele momento foi o manifesto dos pioneiros da educação nova que pleiteou junto ao governo uma educação com viés mais humanístico que tivesse como principal preocupação formar o sujeito para a vida e que encurtasse também a distância entre a educação propedêutica e a profissional.

Naquele momento, no entanto, prevaleceu a reforma educacional promovida por Gustavo Capanema<sup>7</sup>, que manteve a dualidade existente entre a educação tradicional ginasial e a profissional.

Capanema afastava dos graus mais elevados de formação a grande maioria da população, haja vista que a conclusão em um dos cursos profissionalizantes de segundo grau não permitia o acesso de forma ampla à universidade, o acesso era restrito ao ramo de ensino superior com ele relacionado.

A reforma promovida por Capanema não só manteve a dualidade existente na educação como, ao classificar a educação profissional/industrial como sendo de 2º grau, impedia seus concluintes de pleitear uma vaga no ensino superior.

---

<sup>7</sup> Capanema reestruturou o Ministério da Educação e Saúde Pública (Lei 378, de 13 de janeiro de 1937). A palavra "pública" foi suprimida e o ministério passou a denominar-se Ministério da Educação e Saúde. A Superintendência do Ensino Profissional foi extinta originando a Divisão do Ensino Industrial. Este órgão integrou-se ao Departamento Nacional de Educação que ficou sob direção de Francisco Montojo, antes responsável pela superintendência. Também foram aprovados: Decreto-lei n. 4073, de 30 de janeiro de 1942. Lei orgânica do ensino industrial; Decreto-lei 4244, de 9 de abril de 1942. Lei Orgânica do ensino secundário; Decreto-lei n. 6141, de 28 de dezembro de 1943. Lei orgânica do ensino comercial. (ALMEIDA, 2010, p. 171/172).



O acesso irrestrito ao ensino superior se dava somente via processo seletivo que, de acordo com Kuenzer (2011):

continuava ocorrendo em função do domínio dos conteúdos gerais, das letras, das ciências e das humanidades, assumidos como únicos conhecimentos válidos para a formação da classe dirigente (KUENZER, 2011, p. 17).

Ainda nesse sentido, "o projeto industrialista de desenvolvimento do Estado Novo colocou em pauta a elaboração de uma política educacional para a profissionalização da força de trabalho". (ALMEIDA, 2010, p. 178).

A autora destaca também que a Constituição de 1937 além de definir em seu artigo nº 20927 o ensino profissional como o primeiro dever do estado, também determinava que fosse "dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários e associados" (ALMEIDA, 2010, p. 178). Dessa forma, governo e sociedade civil seriam parceiros para criação e desenvolvimento da formação da força de trabalho.

Em 29 de outubro de 1945 a ditadura do Estado Novo chega ao fim, com Getúlio Vargas sendo deposto. Uma nova constituição promulgada em 1946 e "caracterizada como liberal, dispunha que à União competia legislar sobre as diretrizes e bases da educação nacional" (ALMEIDA, 2010, p. 224). Em 1948 começou a tramitar no Congresso Nacional o projeto de lei para criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), porém esta só entraria, de fato, em vigor no ano de 1961, Lei nº 4.024 (a primeira LDB).

Apesar da dualidade e da dificuldade do acesso das camadas mais populares ao ensino superior a demanda pelo acesso a esse nível de formação cresceu de forma exponencial. Em 1964, "o número de inscrições



nos exames vestibulares era igual a 2,5 vezes o de 1946, e o de vagas 2,1. Ou seja, o número médio de candidatos por vaga, 1,4 em 1946 aumentou para 1,7 em 1964.” (CUNHA, 2007, p. 82).

O aumento da demanda por vagas no ensino superior em relação à oferta e o crescente número de aprovados nos processos de seleção deu origem ao fenômeno dos excedentes – candidatos aprovados nos vestibulares, mas impedidos de se matricularem - e reforçou uma crise cujos desdobramentos levaram a alterações profundas no panorama da educação escolar no Brasil.” (CUNHA, 2007, p. 82).

Ainda de acordo com Cunha (2007):

O parecer 1.589/75 do Conselho Federal de Educação retomou as linhas principais do projeto de 1961, sem a denominação de Universidade do Trabalho, mas segregando os cursos de engenharia de operação para as mesmas escolas técnicas, mudando seus currículos e nomes (tecnólogos ao invés de engenheiros) com o objetivo principal de demarcar as diferenças. (CUNHA, 2007, p. 84)

A década de 1960 também foi um período de forte movimentação por parte do governo no sentido de providenciar a criação e o fortalecimento de grandes empresas nacionais que demandavam a qualificação imediata de um grande contingente de trabalhadores. De acordo com Motoyama, (1995), foi na década de 1960 que se começou a pensar de forma mais definitiva em um projeto para criação de um nível educacional que estivesse entre o superior e o médio: o tecnológico.

Além do surgimento das grandes empresas nacionais criadas pelo governo militar, outros fatores colaboraram para a criação dos cursos



superiores de tecnologia no Brasil. Destacamos os acordos MEC/USAID<sup>8</sup>, cujo principal objetivo era estabelecer convênios para a assistência técnica e a cooperação financeira para a área da educação. Esses acordos eram, de acordo com Peterossi (1980), “mais que um suporte externo, eles tinham como meta adequar a educação brasileira para responder aos desafios capitalistas internacionais”. (PETEROSSO, 1980, p. 57)

Inspirados, principalmente no modelo dos Colégios Americanos (*colleges*), os cursos superiores de tecnologia representavam a ampliação de vagas no ensino superior e a possibilidade de acesso da classe trabalhadora a essa modalidade de ensino.

Ainda na década de 1960, associada à ideia do barateamento da força de trabalho e da super especialização com o objetivo de promover o aumento da produtividade, foi amplamente disseminada uma teoria desenvolvida por Theodore W. Schultz – que era professor de economia na Universidade de Chicago – intitulada “teoria do capital humano”. Schultz (1964) propunha que cada um deveria investir em si, especializando-se, formando-se para o mercado de trabalho. Dessa forma, a teoria do capital humano relacionou de maneira quase indissociável a ideia de sucesso à de formação contínua, levando governos e instituições ligadas à educação a adotarem um novo paradigma de formação, sobretudo para a classe trabalhadora.

Apoiados na teoria do capital humano, organismos internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) passaram a considerar a educação como “o maior instrumento para o desenvolvimento econômico e social”. (LEHER, 1999, p. 21). E, seguindo a máxima de “quanto

---

<sup>8</sup> MEC - Ministério da Educação Brasileiro; USAID - United States Agency for International Development





mais educação mais desenvolvimento”, Banco Mundial, FMI e grandes corporações passaram a formular diretrizes que deveriam ser seguidas pelos países que, sob a crença de promover o desenvolvimento, também preparariam a força de trabalho necessária para reprodução do modo de produção capitalista (VICENTE, 2018).

A partir do marco posto pela teoria do capital humano a educação que seria oferecida para a classe trabalhadora passou a ter um caráter tecnicista, priorizando o ensino de técnicas para a realização de funções específicas. Educação e mercado de trabalho ganharam um significado novo, e no que tange à formação direcionada para a classe trabalhadora passaram a ser uma coisa só.

### **A atualidade – O crescimento do número de matrículas em instituições da rede privada**

A criação dos cursos superiores de tecnologia na década de 1960 possibilitou o acesso de estudantes oriundos da classe trabalhadora no ensino superior (PETEROSI, 1980), e ainda hoje esses cursos figuram como uma importante via de acesso para a inclusão de jovens trabalhadores no nível superior de ensino, porém, é importante destacar que a maioria das matrículas na modalidade de educação superior tecnológica se dá na rede privada.

Com base no último senso da educação superior, intitulado “Os desafios para acelerar o ritmo e a expansão do ensino superior”, publicado no ano de 2018 pelo Ministério da Educação podemos observar que 80% das matrículas em cursos superiores de tecnologia são efetuadas na rede privada.



O número de matrículas tanto em IFETs quanto em FATECs não é muito expressivo. Apenas 6% das vagas ofertadas pelos Institutos Federais são destinadas para os cursos superiores de tecnologia (BRASIL, 2018). Quanto às FATECs, não é raro encontrar trabalhos que mostram que a maioria das unidades enfrenta problemas com a demanda para seus cursos, conforme aponta Detregiacchi (2012).

Ainda de acordo com o senso do ensino superior do ano de 2018, o número de matrículas em cursos superiores de tecnologia na rede privada teve um crescimento de 140% nos últimos dez anos (BRASIL, 2018).

Os dados do senso da educação superior também mostraram um aumento nas matrículas na modalidade de ensino a distância (EAD) nos cursos superiores de tecnologia oferecidos pela iniciativa privada, sendo que:

8 em cada 10 alunos de cursos tecnológicos frequentam a rede privada e mais da metade dos ingressantes estuda a distância. A rede pública tem pouco mais de 160 mil alunos. Com uma participação de 51,7%, dos governos estaduais que dividem com a união (46,7%) o atendimento desses alunos. Diferente da rede privada, na rede pública, a maior parte dos alunos estuda em cursos presenciais (BRASIL, 2018, p. 37).

O último senso da educação superior também trouxe dados referentes às áreas de maior concentração de matrículas efetuadas em cursos superiores de tecnologia oferecidos pela rede privada de educação. Observa-se, de acordo com os dados trazidos pelo senso, que a maioria das matrículas (73%) é efetuada em cursos da área de gestão (BRASIL, 2018).

Reconhecidos por oferecerem uma formação específica para o mercado de trabalho, com currículos mais enxutos e que privilegiam a prática em detrimento à teoria (ANTUNES, 2017, p.79), essa formação que



tende a ser deficitária poderá resultar em danos irreversíveis para o jovem trabalhador, tanto no que se refere à possibilidade de contato com temas progressistas que o levariam a construir o desenvolvimento de pensamento crítico quanto ao aprendizado, de fato, de técnicas relevantes para o seu aprimoramento profissional.

Os tecnólogos enfrentam uma realidade difícil no mercado de trabalho brasileiro, onde atuam, de forma geral, no setor de serviços em funções que antes requeriam formação de nível médio ou técnica e que passaram a demandar formação de nível superior, sem acréscimo no salário ou qualquer outra melhoria para o trabalhador, conforme apontam os trabalhos de Rocha (2012) e Vicente (2018).

E, considerando que o Brasil enfrenta um processo de franca desindustrialização, combinada à reprimarização (CAMPOS, 2017, p.247), ficando cada vez mais dependente de tecnologias que são desenvolvidas pelos países de capitalismo central, acreditamos que seja tarefa urgente entender que tipo de formação seria necessária para a nossa classe trabalhadora? E qual a importância dos cursos superiores de tecnologia, bem como qual o papel das instituições privadas nessa formação?

## Referências

- ALMEIDA, W. M. **A institucionalização do ensino industrial no Estado Novo português e no Estado Novo brasileiro: aproximações e distanciamentos**. Tese (Doutorado em Educação)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp143616.pdf> . Acesso em 25 abr. 2019.
- ANTUNES, R; PINTO, G.A. **A fábrica da educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista** . São Paulo: Cortez, 2017.



- BRASIL - **LEI Nº 11.892, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm). Acesso em 11 mai. 2019.
- BRYAN, N. A. P. **Educação, processo de trabalho, desenvolvimento econômico:** contribuição ao estudo das origens e desenvolvimento da formação profissional no Brasil. Campinas, São Paulo: Alínea, 2008.
- CAMPOS, F.A. **Imperialismo e herança mercantil na industrialização brasileira. In: Movimentos Sociais e crises contemporâneas à luz dos clássicos do materialismo crítico.** Vol.1. Uberlândia/MG: Navegando Publicações, 2017.
- CUNHA. L.A. **A Universidade Crítica – O ensino superior na república populista.** - 3 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata.** 2. Ed. – São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: FLACSO, 2005.a
- \_\_\_\_\_. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização.** 2ed. – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005.b
- \_\_\_\_\_. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo.** 2. Ed. – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005.c
- \_\_\_\_\_. **A universidade reformada: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior.** - 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- DETRREGIACHI, Edson F. **A evasão escolar na educação tecnológica: O embate entre as percepções subjetivas e objetivas.** ed Acadêmica: São Paulo, 2012.
- FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?** 1ª edição. São Paulo: Alfa Ômega, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento.** 5ª edição rev. São Paulo: Global, 2008. 1ª edição 1968.



- \_\_\_\_\_. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. 4ª edição. São Paulo: Global, 2009.
- INEP. Ministério da Educação. **Senso da Educação Superior. Os desafios para acelerar o ritmo e a direção da expansão da educação superior**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>. Acesso em 25 mai. 2019.
- \_\_\_\_\_. Senso da Educação Superior. **Notas Estatísticas 2017**. Disponível em: <http://inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>. Acesso em 26 jun. 2019.
- KUENZER, Acácia Z. **Ensino médio e profissional: as políticas do Estado neoliberal**. 3. Edição. São Paulo: Cortez, 2011.
- LEHER, R. **Um novo senhor da educação? A política educacional do Banco Mundial para a periferia do capitalismo**. Revista Outubro, n. 03, fev. 1999, p. 19-30.
- MOTOYAMA, Shozo. **Educação Técnica e Tecnológica em Questão – 25 anos de CEETEPS – Uma História Viva**. São Paulo: Editora da Universidade estadual Paulista: CEETEPS, 1995.
- PETEROSI, H.G. **Educação e Mercado de Trabalho - análise crítica dos cursos de Tecnologia**. São Paulo: Edições Loyola, 1980.
- ROCHA, F. H. G. C. **Expansão do ensino superior, credencialismo e discriminação: um estudo qualitativo sobre a inserção profissional dos tecnólogos em Belo Horizonte**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8VEMHV/disserta\\_o\\_\\_expans\\_o\\_do\\_ensino\\_superior\\_credencialismo\\_e\\_discrimina\\_o\\_\\_frederico\\_rocha.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8VEMHV/disserta_o__expans_o_do_ensino_superior_credencialismo_e_discrimina_o__frederico_rocha.pdf?sequence=1). Acesso em 01 abr. 2016.
- SÃO PAULO. Decreto-lei, de 6 de outubro de 1969. **Cria, como entidade autárquica, o CEETEPS, e dá providências correlatas**. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1969/decreto.lei-0-06.10.1969.html>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- \_\_\_\_\_. Decreto-lei nº 243, de 20 de maio de 1970. **Dispõe sobre criação da Faculdade de Tecnologia de Sorocaba**. Governo do Estado de São



Paulo. Disponível em: <<http://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/223570/decreto-lei-243-70>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

\_\_\_\_ Decreto nº 52.803, de 22 de setembro de 1971. **Dá nova redação ao Decreto nº. 51.319**, de 27 de janeiro de 1969 e toma outras providências. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1971/decreto-52803-22.09.1971.html>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

\_\_\_\_ Decreto nº 1.418, de 10 de abril de 1973. **Dá denominação ao Centro Estadual de Educação Tecnológica e altera a constituição de seus cursos**. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1973/decreto-1418-10.04.1973.html>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SCHULTZ, T. W. **O valor econômico da educação**. ZAHAR editores. Rio de Janeiro: 1967. Título original: The economic value of education. Columbia University Press, New York: 1964.

VICENTE, Z. C. M. **O curso superior de tecnologia tem condições de promover ascensão socioeconômica? O caso da FATEC Mococa**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/332901>. Acesso em 15 mai. 2019.

*Recebido em 26 fev. 2020 | aceite em 01 mar. 2020*



# Introdução ao pensamento de Francisco de Oliveira: um *avis rara* na dialética brasileira<sup>1</sup>

Prof. Dr. Adilson Marques Gennari<sup>2</sup>

86

## Resumo

Este artigo tem o objetivo de fazer uma introdução ao pensamento do sociólogo Francisco de Oliveira cuja obra o fez figurar entre os grandes teóricos que contribuíram para elucidar a particularidade do capitalismo brasileiro. *Avis rara* na academia, arriscou-se a avançar sobre as teorias de Marx e logrou êxito ao refletir sobre seu antivalor (até hoje pouco compreendido) e sobre a atual sociedade capitalista chamada por ele de molecular-digital. Sua relativamente vasta obra vai desde os escritos do CEBRAP sobre crítica ao pensamento da CEPAL e construção de sua análise crítica da economia e sociedade brasileira até suas últimas reflexões sobre o momento presente. Sensível e visionário, viu que a sociedade brasileira rumara para “complexos processos de nova direitização, neoconservadorismo, racismo físico e cultural, intensa transformação dos sujeitos sociais, desemprego, que no fundo expressam uma radical exasperação dos limites da mercadoria. Uma crise da modernidade que volta a tangenciar os limites do totalitarismo, numa espécie de Auschwitz sem chaminés de crematório.

**Palavras-chaves:** particularidade, crise, Francisco de Oliveira.

---

<sup>1</sup> Advertência nº 1: Escrevo sobre a obra de Francisco de Oliveira não sem um certo aperto no coração pois acabamos de perder nosso grande e querido e já saudoso mestre Chico de Oliveira.

<sup>2</sup> Professor da FCLAr/UNESP; Doutor em Ciências Sociais pelo IFCH/UNICAMP e Coordenador do Grupo de Pesquisa em História Econômica Contemporânea (GPHEC/FCLAr/UNESP).

[gennariadilson@gmail.com](mailto:gennariadilson@gmail.com)

Revista Fim do Mundo, nº 1, jan/abr 2020



### Resumen

Este artículo pretende hacer una introducción al pensamiento del sociólogo Francisco de Oliveira, cuyo trabajo lo hizo figurar entre los grandes teóricos que contribuyeron a dilucidar la particularidad del capitalismo brasileño. Un aviso raro en la academia, se aventuró a avanzar en las teorías de Marx y logró reflexionar sobre su antivalor (hasta ahora poco entendido) y sobre la sociedad capitalista actual que él llama molecular-digital. Su trabajo relativamente amplio abarca desde los escritos de CEBRAP sobre criticar el pensamiento de la CEPAL y construir su análisis crítico de la economía y la sociedad brasileña hasta sus últimas reflexiones sobre el momento actual. Sensible y visionario, vio que la sociedad brasileña se había encaminado hacia "procesos complejos de nuevos derechos, neoconservadurismo, racismo físico y cultural, intensa transformación de los sujetos sociales, desempleo, que básicamente expresan una exasperación radical de los límites de la mercancía. Una crisis de la modernidad que nuevamente toca los límites del totalitarismo, en una especie de Auschwitz sin chimeneas de crematorios.

**Palabras clave:** particularidad, crisis, Francisco de Oliveira.

### Abstract

This article aims to make an introduction to the thinking of sociologist Francisco de Oliveira whose work figure among the great theorists who contributed to elucidate the particularity of Brazilian capitalism. *Avis rara* in the academy, he risked advancing Marx's theories and succeeded in reflecting on his (still poorly understood) anti-value and the current capitalist society he called molecular-digital. His relatively vast work ranges from CEBRAP's writings on criticism of CEPAL thinking and the construction of his critical analysis of the Brazilian economy and society to his last reflections on the present moment. Sensitive and visionary, he saw that Brazilian society had headed for "complex processes of new rights, neoconservatism, physical and cultural racism, intense transformation of social subjects, unemployment, which at bottom express a radical exasperation of the limits of the commodity. A crisis of modernity that returns to the limits of totalitarianism, in a kind of Auschwitz without crematorium chimneys.

**Keywords:** particularity, crisis, Francisco de Oliveira.

"A resolução das contradições entre relações de produção e nível de desenvolvimento das forças produtivas é *resolvida* pelo aprofundamento da exploração do trabalho"

Francisco de Oliveira





## 1. Introdução<sup>3</sup>

Este artigo tem o objetivo de fazer uma pequena introdução ao pensamento de um dos mais criativos e inovadores pensadores sociais do nosso tempo: Francisco Maria Cavalcanti de Oliveira (Recife 1933 – São Paulo, 2019), ou Chico de Oliveira, figura ao lado dos grandes teóricos que contribuíram para elucidar a particularidade do capitalismo brasileiro, ou nas suas próprias palavras ao se referir a Celso Furtado, “um demiurgo do Brasil”. Neste sentido, a obra de Chico de Oliveira está no universo das obras de grandes pensadores como Celso Furtado, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, José Chasin, Darcy Ribeiro, Caio Prado Jr, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes etc., ou seja, está no panteão daqueles que contribuíram decisivamente para a compreensão da particularidade ou caminho específico de desenvolvimento do capitalismo brasileiro.

Cientista social formado pela atual Universidade Federal de Pernambuco (1956) foi superintendente-adjunto da SUDENE com Celso Furtado, de 1959 até ser preso, torturado e posteriormente exilado por seus algozes do golpe civil-militar de 1964. Considerado *Notório Saber* e *Doutor Honoris Causa* em sociologia (USP, 1992), realizou pós-doutorado junto a *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS). Depois de alguns anos no exílio retornou ao Brasil e consolidou sua carreira de professor e pesquisador, primeiro na PUC e CEBRAP e depois na USP. Como grande intelectual sempre pautou-se por uma atitude humilde, atendia estudantes no CEBRAP, na PUC ou na USP do mesmo modo, com atenção, amizade,

---

<sup>3</sup> Advertência nº 2 este *paper* se valeu das pesquisas e escritos de minha autoria que deram origem ao capítulo 24.4 do livro *História do Pensamento Econômico*, em coautoria com Roberson de Oliveira, publicado pela Editora Saraiva em segunda edição revisada de 2019.



rigor científico e senso de responsabilidade histórica.

Recebeu a chave da cidade de São Paulo, apesar de sempre se emocionar ao se lembrar de sua Recife (segundo ele uma chaga que nunca fechou). Homem honesto, dedicado e honrado com suas ideias socialistas, compreendeu como poucos as ideias revolucionárias de Karl Marx.

Refinado, arriscou-se a avançar sobre as teorias de Marx e logrou êxito ao refletir sobre seu antivalor (até hoje pouco compreendido) e sobre a atual sociedade capitalista chamada por ele de molecular-digital. Teceu profundas reflexões conjunturais sobre a situação do Nordeste brasileiro e dos governos brasileiros desde a República Velha até o governo de Luiz Ignácio Lula da Silva.

Intelectual engajado, em sua atuação política foi dos mais importantes intelectuais em oposição ao regime militar e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, do qual se afastou não apenas por motivos políticos, mas fundamentalmente depois de fazer uma profunda análise crítica da origem, mudanças e significado do PT. Nesta empreitada concluiu que o partido era, no fundo, a representação de uma nova fração da classe burguesa, aquela ligada aos fundos de pensão, às empresas estatais, burocratas e alguns professores universitários.

## **2. Crítica ao pensamento da CEPAL e a particularidade brasileira**

O processo de conhecimento ou de elucidação da particularidade do capitalismo brasileiro ganhará uma contribuição significativa com os estudos de Chico de Oliveira sobre revolução burguesa e acumulação industrial no Brasil. Oliveira adverte de início que não se pode tomar o *classicismo* do modelo ocidental como *regra estrutural*.



A transição para a economia capitalista moderna passa necessariamente pela rearticulação das forças sociais, das classes e das velhas e novas frações da classe dominante: “há somente uma questão a ser resolvida: a da substituição das classes proprietárias rurais na cúpula da pirâmide do poder pelas novas classes burguesas empresariais industriais”<sup>4</sup>.

No caso da particularidade brasileira, “ao contrário da revolução burguesa ‘clássica’, a mudança das classes proprietárias rurais pelas novas classes burguesas empresariais industriais não exigirá, no Brasil, uma ruptura total do sistema, (...) aqui passa-se uma crise nas relações externas com o resto do sistema, enquanto no modelo ‘clássico’ a crise é na totalidade da economia e da sociedade”<sup>5</sup>.

No pensamento de Oliveira, não havia, portanto, a necessidade de ruptura total com as frações de classe ditas arcaicas, entretanto, haverá a necessidade de se adequar a acumulação as novas exigências do capital industrial nascente e, segundo Oliveira, o chamado “populismo” será a forma já que pela manipulação da classe trabalhadora via leis trabalhistas e sindicatos, a fração burguesa poderá alcançar seus objetivos de dinamizar a acumulação industrial no Brasil no pós-anos 30.

Não cabe aqui aprofundar esta questão e seu debate na literatura, entretanto, vale lembrar que no pensamento de Florestan Fernandes, a transição dependerá muito mais da aliança entre a nova fração burguesa industrial com a velha oligarquia agrário-exportadora, cuja aliança pelo alto impedirá o avanço das conquistas da classe trabalhadora, do que da

---

<sup>4</sup> OLIVEIRA, F. A economia brasileira: crítica à razão dualista, p. 38.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, F. A economia brasileira: crítica à razão dualista, p. 39.



“aliança” populista entre a nova fração burguesa industrial com a classe trabalhadora.

Segundo Oliveira, “a acumulação primitiva é estrutural e não apenas genética. Assim, tanto na abertura de fronteiras *externas* como *internas* o processo é idêntico: o trabalhador rural ou o morador ocupa a terra, desmata, destoca, e cultiva as lavouras temporárias chamadas de *subsistência*, nesse processo, ele prepara a terra para as lavouras permanentes ou para a formação de pastagens, que não são dele, mas do proprietário. Há, uma transferência de *trabalho morto*, de acumulação, para o valor das culturas ou atividades do proprietário”<sup>6</sup>. Isso explica, em parte, por que um dos mais importantes movimentos sociais no Brasil é ainda hoje o movimento dos trabalhadores rurais - MST.

Chico de Oliveira se debruçou sobre a principal interpretação do subdesenvolvimento latino- americano, ou seja, o chamado pensamento originário da CEPAL, cujas principais contribuições vieram das penas de Raul Prebisch e Celso Furtado. O eixo do pensamento cepalino funda-se no raciocínio dualista, ou seja, o dualismo entre centro e periferia, moderno e atrasado, desenvolvido e subdesenvolvido. A periferia atrasada e subdesenvolvida tinha uma estrutura econômica heterogênea com a falta ou debilidade dos setores dinâmicos, como a indústria. A agricultura para subsistência também era atrasada. Já o centro desenvolvido tinha uma estrutura homogênea com alta produtividade no setor moderno.

Este pensamento dualista foi o primeiro alvo da crítica empreendida por Chico de Oliveira. Este esquema centro *versus* periferia deixava de lado em primeiro lugar o cerne do processo, que está ligado às relações concretas

---

<sup>6</sup> OLIVEIRA, F. A economia brasileira: crítica à razão dualista, p. 21.



entre as classes e frações de classes sociais interessadas no desenvolvimento. Além disso, o pensamento dicotômico se esquece que o centro e a periferia formam uma unidade contraditória sob a regência da acumulação ampliada do capital. Neste sentido, “de fato, o processo real mostra uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários, em que o chamado ‘moderno’ cresce e se alimenta da existência do ‘atrasado’, se se quer manter a terminologia”<sup>7</sup>. Ou seja, Oliveira entende que na construção teórica cepalina,

toda a questão do desenvolvimento foi vista sob o ângulo das relações externas, e o problema transformou-se, assim, em uma oposição entre nações, passando despercebido o fato de que, antes de oposição entre nações, o desenvolvimento ou o crescimento é um problema que diz respeito à oposição entre classes sociais internas.<sup>8</sup>

A metodologia cepalina histórico-estruturalista tem seus alcances, pois introduziu uma reflexão inovadora no pensamento econômico, mas também tem seus limites, já que ao não ver o processo histórico como uma relação contraditória, de sujeitos e classes sociais reais no processo histórico, não pôde alcançar certos aspectos da particularidade latino-americana em relação ao processo de industrialização, setor este cuja ausência ou debilidade era considerado um elemento central do subdesenvolvimento. Neste aspecto, a interpretação de Oliveira vai além. Para Oliveira, a industrialização,

---

<sup>7</sup> OLIVEIRA, F. Crítica à razão dualista, o ornitorrinco, p. 12.

<sup>8</sup> OLIVEIRA, F. Crítica à razão dualista, o ornitorrinco, p. 12.



pensada como a condição *sine que non* para a ruptura da relação de subordinação e dependência de países produtores de bens primários *versus* produtores de bens industriais, repôs a relação desigual, posto que foram empresas dos países centrais que estiveram e estão à frente dos ramos dinâmicos, e fragorosamente produziu uma dívida externa, cujo resultado foi o de transformar o dólar e outras moedas fortes no pressuposto e resultado da acumulação de capital, retirando os graus de liberdade do desenvolvimento autônomo, duramente perseguido.<sup>9</sup>

Neste complexo contexto de reposição das condições de dependência e subordinação, emerge claramente o caráter específico da nova fração da classe dominante, ou burguesia urbano industrial brasileira: “na crise da passagem para uma sociabilidade de sujeitos autônomos, ainda que no marco capitalista, as burguesias não suportaram a emergência das novas classes sociais virtualmente colocadas pela própria expansão capitalista, (...) e apelou simultaneamente e decisivamente para a repressão política e para as forças imperialistas”<sup>10</sup>. Ou seja, as novas frações de classe da burguesia ligada ao chamado setor moderno, ou urbano industrial, por razões da complexidade histórica do século XX, não conseguiram se constituir como classe autônoma, ou independente das forças imperialistas. Como já fizemos menção acima, chegamos então a uma compreensão das novas frações da burguesia, ou melhor, da sua impotência histórica, já que não só deve fazer aliança com as frações tradicionais ou arcaicas

---

<sup>9</sup> OLIVEIRA, F. *Os direitos do antivalor*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 206-7.

<sup>10</sup> OLIVEIRA, F. *Os direitos do antivalor*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 207.



(além do que Oliveira chamou de pacto populista com a classe trabalhadora) como também não pôde se construir como classe autônoma frente ao poder do imperialismo, ou das classes modernas dominantes dos países centrais: isto é, essencial para se entender a particularidade da economia e da sociedade brasileira.

Ao analisar as mudanças estruturais na economia brasileira do Governo Vargas até os cinquenta anos em cinco de JK, Oliveira entende que,

a recorrência ao capital estrangeiro levou inexoravelmente a uma estruturação presidida pelo departamento produtor de bens de consumo duráveis, o que, nas condições de uma economia periférica, dificilmente deixaria de produzir algumas facetas mais negativas da economia nacional de hoje: sua exagerada concentração da renda e da riqueza, pois que o departamento condutor do processo de industrialização caracteriza-se precisamente por não produzir bens para as classes assalariadas em geral, e especificamente para os operários e camponeses.<sup>11</sup>

Aqui temos outra contribuição significativa de Chico de Oliveira para a compreensão de do processo particular de modernização do capitalismo no Brasil. Segundo Oliveira, há uma singularidade que se impõe ao processo: “uma crise recorrente de Balanço de Pagamentos, que se expressa na contradição entre uma industrialização voltada para o mercado interno mas financiada ou controlada pelo capital estrangeiro e a insuficiência de geração de meios de pagamento internacionais para fazer voltar à circulação internacional de capitais a parte do excedente

---

<sup>11</sup> OLIVEIRA, F. A economia da dependência imperfeita. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977, p. 4.



que pertence ao capital internacional. (...) Agora, sob o novo padrão, as crises são da circulação internacional do dinheiro-capital”<sup>12</sup>.

E assim, com a genialidade de um *avis rara*, Chico de Oliveira explica a principal contradição do processo de acumulação no elo periférico que resulta num tipo específico de “dependência imperfeita”, isto é, onde o elo dependente ou subordinado não consegue se reproduzir e manter a própria subordinação, transformando a acumulação de capital numa crise estrutural recorrente. Este processo permeará e será a espinha dorsal econômica de toda a crise do início dos anos 1960 e se manterá ativa por toda a chamada economia do pós-64, cuja “resolução” será o aprofundamento da subordinação da economia brasileira aos elos hegemônicos da economia global e a acachapante concentração de renda. Entretanto, a contradição apenas se reporá, primeiro como dívida externa, depois como inflação e no período contemporâneo como ultrajante dívida interna.

### **3. Estado contemporâneo e o surgimento do Antivalor**

O *insight* do surgimento do antivalor é uma das mais interessantes provocações teóricas de Francisco de Oliveira. Estudioso do Estado capitalista moderno notou que o pano de fundo das relações entre Estado moderno e economia capitalista começa a sofrer uma mudança depois da grande crise de 1929. No campo do debate teórico das ciências econômicas a grande novidade foi a publicação em 1936 da principal obra de John Maynard Keynes, sua teoria da moeda, do juro e do emprego, que no fundo é uma teoria do Estado e da crise capitalista. A hegemonia do pensamento

---

12 OLIVEIRA, F. A economia da dependência imperfeita, p.87.





neoclássico somente sucumbiria alguns anos mais tarde, principalmente no após segunda guerra mundial com o Plano Marshall.

Na nova forma de ser da acumulação de capital, “o fundo público é agora o *ex ante* das condições de reprodução de cada capital particular e das condições de vida, em lugar de seu caráter *ex post* típico do capitalismo concorrencial. Ele é a referência pressuposta principal, que no jargão de hoje sinaliza as possibilidades de reprodução. A perequação da formação da taxa de lucro passa pelo fundo público, o que o torna um componente estrutural insubstituível. Do lado da reprodução da força de trabalho, a ascensão do financiamento público não foi menos importante.”<sup>13</sup>

Teoricamente, a mudança do padrão de financiamento a partir das mutações das relações entre o Estado e a acumulação de capital pós-crise, introduzidas pelo financiamento público do *Welfare State* operou uma alteração na produção do valor. Segundo Oliveira, “levado às últimas consequências, o padrão de financiamento público *implodiu* o valor como único pressuposto da reprodução ampliada do capital, desfazendo-o parcialmente enquanto medida da atividade econômica e da sociabilidade em geral”<sup>14</sup>.

Na nova configuração, o fundo público entrará com um novo papel no financiamento geral da sociedade, ou seja, será não só um elemento constitutivo, mas sobretudo se transformará no próprio pressuposto da acumulação de capital e da reprodução da força de trabalho, o que dará ensejo ao surgimento das *antimercadorias* e do *antivalor* como elementos do processo de produção e reprodução do capital e da força de trabalho via

---

13 OLIVEIRA, F. “Globalização e antivalor: uma introdução ao antivalor”. In: Freitas, Marcos, C. A reinvenção do futuro, p. 86.

14 OLIVEIRA, F. Os direitos do antivalor. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 27



políticas sociais, ou seja, da sociedade como um todo:

do ponto de vista do circuito da mercadoria, a equação original de Marx era a de  $M-D-M$ , e o fundo público como estrutura imbricante transforma a equação para [anti- $M-M-D-M'$  (-anti- $M$ )], na qual os dois primeiros termos significam as antimercomodias e as mercadorias propriamente ditas, e os dois últimos significam a produção de mercadorias e a produção de antimercomodias.<sup>15</sup>

Segundo Oliveira, o fundo público como condição *ex ante* da acumulação de capital e da força de trabalho implicará uma mutação na composição da própria mercadoria: se antes era  $C+V+M$  agora passará a ser:  $-C+C+V(-V)+M$ , na qual a taxa de mais-valia se reduz pela presença, na equação, das antimercomodias sociais que funcionam como um *Ersatz* do capital variável.<sup>16</sup>

Mas afinal, teoricamente o que é o antivalor? Oliveira se debruçou ao estudo do capital voltando ao entendimento clássico de Marx onde o capital é uma relação social. Daí partiu para o estudo do lado da força de trabalho da relação e percebeu que, nos países chamados líderes do processo de acumulação de capital, desde os anos 1930, estava ocorrendo uma mudança nas relações introduzidas pela luta da classe trabalhadora e as mudanças e impactos na própria reprodução da força de trabalho com a introdução do salário indireto advindo dos gastos sociais: a isto Oliveira chamou de antimercomodias. Para Oliveira, “uma nova forma de socialização do excedente que, por realizar-se mediada pelo fundo público (e não pelo

---

<sup>15</sup> OLIVEIRA, F. *Os direitos do antivalor*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 33.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, F. *Os direitos do antivalor*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 33.



mercado), eu chamei de antivalor”<sup>17</sup>.

#### 4. O capitalismo molecular-digital e o ornitorrinco

O capitalismo vem sofrendo uma profunda transformação estrutural desde o desencadear de sua crise estrutural que teve início nos anos 1970. É uma crise estrutural que abriu as portas para a chamada globalização, financeirização ou mundialização do capital com o fim o avanço final do capitalismo para o leste europeu cujo marco simbólico está representado pela queda do muro de Berlim. Desde então fora inaugurada uma nova onda de globalização e financeirização global. Neste sentido, “a financeirização do capitalismo, (...) abriu as comportas dos sistemas monetários e financeiros de cada capitalismo nacional”<sup>18</sup>.

As transformações são profundas e representam, segundo Oliveira,

uma poderosa mudança nos processos de trabalho está em curso, exemplificada, por excelência, na revolução microeletrônica. Ela tanto enxuga os quadros do trabalho em geral como redefine funções, lugares, hierarquias, relações, transitando do que se chamou de regras tayloristas-fordistas, do trabalho em posição fixa, em cadeia para o trabalho flexível, polivalente, autônomo, móvel, resumindo no que já é denominado de paradigma molecular-digital, cujas formações disciplinares-produtivas são a célula e a equipe, e não mais o trabalhador isolado em funções prescritas e fixas<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> OLIVEIRA, F. Os direitos do antivalor. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 63.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, F. A era da indeterminação, p. 25

<sup>19</sup> OLIVEIRA, F. Classes sociais em mudança e a luta pelo socialismo, p. 11.



Com a brutal destruição dos postos de trabalho dado que no novo contexto de transformação tecnológica a racionalização e maior do que a geração de empregos. Está em curso um grande aumento no chamado exército industrial de reserva. Para Oliveira,

teoricamente, o esquema de Marx do 'exército industrial' parece ser mais atual do que nunca, mas sua compreensão requer uma nova interpretação. A ampliação do assalariamento operou uma fusão entre as frações intermitente e latente do exército industrial: praticamente todos os trabalhadores converteram-se em membros intermitentes/latentes pela permanente desqualificação e pela informalização. A fração propriamente ativa tornou-se minoritária, enquanto a fração estagnada ou lúmpen tende a crescer<sup>20</sup>.

Em seu trabalho mais recente *O ornitorrinco*, Chico de Oliveira abordou aspectos essenciais do que, por assim dizer, se transformaria a sociedade brasileira nos marcos do atual processo de globalização ou mundialização do capital. No atual contexto, "avassalada pela Terceira Revolução Industrial, ou molecular-digital, em combinação com o movimento da mundialização do capital, a produtividade do trabalho dá um salto-mortal em direção à plenitude do trabalho abstrato"<sup>21</sup>. Neste sentido, o brutal crescimento da produtividade do trabalho no atual contexto é a uma luta do capital para encurtar a distância entre as formas concretas e a *essência* abstrata do consumo da força de trabalho.

Nos marcos das grandes transformações tecnológicas e na esteira

---

<sup>20</sup> OLIVEIRA, F. *Classes sociais em mudança e a luta pelo socialismo*, p. 18.

<sup>21</sup> OLIVEIRA, F. *Crítica à razão dualista, o ornitorrinco*, p. 135.



do aumento da produtividade do trabalho e das transformações estruturais em curso, os direitos dos trabalhadores transformam-se em alvo e em estorvo para a nova forma de acumulação global molecular-digital, onde “cria-se uma espécie de ‘trabalho abstrato virtual’”<sup>22</sup>. No Brasil, os efeitos de todas essas transformações são aterradores, onde se pode verificar um salto nas taxas de desemprego e informalização da classe trabalhadora como um todo. O desemprego torna-se estrutural e não apenas derivado dos naturais ciclos das economias capitalistas. Para Oliveira, não faz mais sentido a dicotomia entre trabalho formal e trabalho informal na medida em que em certas ocasiões e regiões o chamado trabalho informal ultrapassa o chamado formal.

Na reflexão de Oliveira, as grandes transformações em curso no final do século XX e início do século XXI trouxeram uma mudança radical em nossa realidade. O Brasil não pode mais ser considerado “subdesenvolvido” já que conceitualmente isto significaria possuir uma estrutura econômica com ausência de algum setor dinâmico, geralmente representado pela indústria por excelência, apesar de heterogeneidades poderem também estar presentes na agricultura. Também não é um país considerado desenvolvido, já que não domina as novas dinâmicas tecnológicas da quarta revolução industrial. Então o que é o Brasil? É o ornitorrinco, uma espécie de metáfora diabólica. Um dos significados do ornitorrinco é que o Brasil dá adeus “ao país do futuro”. Para Oliveira “não há mais futuro, porque ele já está aí”<sup>23</sup>. Ou seja, “o futuro chegou porque o subdesenvolvimento já não era uma singularidade, a forma própria de expansão do capitalismo na periferia.

---

<sup>22</sup> OLIVEIRA, F. *Crítica à razão dualista, o ornitorrinco*, p. 137

<sup>23</sup> OLIVEIRA, F. *Brasil: uma biografia não autorizada*, p. 72.



Já não havia, no mundo globalizado de fins do século XX e início do XXI, fronteiras para a expansão do capital que, ao realizar, liquidasse todas as anteriores formas 'feudais' ou pré-capitalistas".<sup>24</sup>

Neste sentido, o ornitorrinco é uma sociedade truncada, presa a um presente infinito gerador de desigualdades, sendo o ornitorrinco uma das sociedades capitalistas mais desigualitárias do mundo. Para Oliveira, "as determinações mais evidentes dessa contradição residem na combinação do estatuto rebaixado da força de trabalho com dependência externa"<sup>25</sup>. O arcabouço ideológico que preside tais transformações é o neoliberalismo.

Assim, Oliveira conclui que o ornitorrinco não pode permanecer como subdesenvolvido e aproveitar, como no passado, as brechas da segunda Revolução Industrial. Não há como avançar no sentido da acumulação digital-molecular, pois as bases internas para a acumulação são insuficientes. "Restam apenas as *acumulações primitivas*, tais como as privatizações propiciam"<sup>26</sup>.

## 5. Considerações finais:

Vista em seu conjunto a riqueza da obra de Chico de Oliveira está na expressão da aplicação feliz do método materialista histórico e dialético para a elucidação do fenômeno da particularidade brasileira. Desde a análise crítica e cabal do estruturalismo e dualismo cepalino e furtadiano até a radical e aguda análise das contradições do capitalismo brasileiro que levaram sua particularidade ao beco sem saída expresso em sua brilhante metáfora do ornitorrinco.

---

<sup>24</sup> OLIVEIRA, F. Brasil: uma biografia não autorizada, p. 73.

<sup>25</sup> OLIVEIRA, F. Crítica à razão dualista, o ornitorrinco, p. 143.

<sup>26</sup> OLIVEIRA, F. Os direitos do antivalor. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 150.



Seu cerne está em captar a essência de nossa particularidade, somente possível dada a sua rara capacidade de pensar dialeticamente a miséria de uma particularidade de extração colonial, escravista e que se reproduz como subordinação e acumulações primitivas processuais.

As consequências sociais são devastadoras já que o processo de industrialização e suas novas formas de subordinação recriam a concentração de renda que vem estruturalmente desde o século XVI. Já no final do século XX e início do século XXI, a introdução de políticas de talhe neoliberal exacerbam as velhas contradições. As políticas neoliberais no Brasil e na América Latina se transformam em autoritarismo e exclusão. Segundo Oliveira, é o atraso da vanguarda: "síntese, *clé de voûte*, de complexos processos de nova direitização, neoconservadorismo, racismo físico e cultural, intensa transformação dos sujeitos sociais, desemprego, que no fundo expressam uma radical exasperação dos limites da mercadoria. Uma crise da modernidade que volta a tangenciar os limites do totalitarismo, numa espécie de Auschwitz sem chaminés de crematório"<sup>27</sup>.

### Referências Bibliográficas

- OLIVEIRA, Francisco de. *A economia brasileira: crítica à razão dualista*. Petrópolis: Vozes, 1981. (1. ed., 1972).
- \_\_\_\_\_. *Crítica à razão dualista, o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Collor: a falsificação da ira*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Os direitos do antivalor: a economia política da hegemonia imperfeita*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A economia da dependência imperfeita*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

---

<sup>27</sup> OLIVEIRA, F. Os direitos do antivalor, p. 208.



- \_\_\_\_\_. "Neoliberalismo à brasileira". In: SADER, Emir. *Pós-neoliberalismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Elegia para uma re(li)gião: Sudene Nordeste, planejamento e conflito de classes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- \_\_\_\_\_. *O elo perdido: classe e identidade de classe*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. "Globalização e antivalor: uma antiintrodução ao antivalor", In: FREITAS, Marcos, C. *A reinvenção do futuro*. São Paulo: Cortez/Bragança: USF, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Classes sociais em mudança em mudança e a luta pelo socialismo*. São Paulo Perseu Abramo, 2000.
- \_\_\_\_\_ & Risek, Cibele. *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Brasil: uma biografia não autorizada*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- OLIVEIRA, Roberson C. & GENNARI, Adilson M. *História do Pensamento Economico*, 2ª Edição, São Paulo: Editora Saraiva, 2019.

*Recebido em 17 fev. 2020 | aceite em 01 mar. 2020*





# Bolívia pré-golpe: notas de um estudo de campo

Fabio S. M. de Castro<sup>1</sup>

Sinclair Mallet Guy Guerra<sup>2</sup>

Paulo Alves de Lima Filho<sup>3</sup>

## Resumo

Este artigo é o resultado preliminar de uma pesquisa *in loco* realizada na Bolívia no mês de julho de 2019 a fim de compreender as características do processo de mudança do país iniciado em 2006. A investigação se propôs a verificar tal processo nos eixos econômico, social e político. A conjuntura apresentada abarca uma trajetória de estabilidade econômica, um contexto social de redução das desigualdades e um cenário político marcado pela busca da democracia intercultural, atualmente contrastada por uma polarização desestabilizadora.

**Palavras-chave:** revolução, transição, desenvolvimento e América Latina.

## Resumen

Este artículo es el resultado preliminar de una investigación realizada *in situ* en Bolivia en julio de 2019 con el fin de comprender las características del proceso de cambio en el país iniciado en 2006. El trabajo se propuso verificar este proceso en los ejes económico, social y político. El escenario presentado abarca una trayectoria de estabilidad económica, un contexto social de reducción de las desigualdades y un ambiente político marcado por la búsqueda de la democracia intercultural, actualmente contrastada por una polarización desestabilizadora.

**Palabras clave:** revolución, transición, desarrollo y América Latina.

## Abstract

This paper is the preliminary result of an on-site survey carried out in Bolivia in July 2019 in order to understand the characteristics of the process of change in the country that started in 2006. The investigation was proposed to verify this process in the economic, social and political axes. The presented scenario encompasses a trajectory of economic stability, a social context of reduction of inequalities and a political scenario marked by the pursuit of the intercultural democracy, currently contrasted by a destabilizing polarization.

**Keywords:** revolution, transition, development and Latin America.

---

<sup>1</sup> Economista, doutorando em Economia Política Mundial pela UFABC. Pesquisador do Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos (IBEC) e professor na FMU. [fabio.castro@ufabc.edu.br](mailto:fabio.castro@ufabc.edu.br)

<sup>2</sup> Doutor em Economia da Energia pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris III. Docente do Programa de Pós Graduação em Economia Política Mundial da UFABC. [sguerra8@gmail.com](mailto:sguerra8@gmail.com)

<sup>3</sup> Economista pela Universidade da Amizade dos Povos "Patrice Lumumba" – Moscou - Rússia, doutor em Ciência Política pela PUC-SP. Coordenador Geral do IBEC. [palf1951@gmail.com](mailto:palf1951@gmail.com)



## Introdução

A Bolívia voltou às manchetes de jornais, mais uma vez no fim de 2019, com motivo de sua instabilidade política. O país, que tem o século XX mais instável da região, passara os últimos quase 14 anos no maior período de estabilidade de sua história. Um golpe de Estado regido por militares, após um forte movimento da classe média boliviana de contestação dos resultados das eleições, interrompeu um ciclo de mudanças que se estabeleceu na Bolívia durante os quase três mandatos presidenciais completos de Evo Morales.

Este artigo não almeja discutir o processo do golpe em si, ainda em processo. O objetivo é apresentar o cenário que estava estabelecido na Bolívia antes das eleições de outubro de 2019 que levaram à renúncia forçada do presidente Evo Morales, em meio à crescente violência nas principais cidades do país.

Os resultados apresentados são fruto de uma pesquisa de campo realizada pouco antes da eleição, o que permitiu construir uma análise razoavelmente completa da situação do país. Trazendo à tona temas centrais da estrutura do projeto do governo Evo Morales, convencionada chamar-se de *proceso de cambio* ou processo de mudança (tradução do autor), além de desmistificar a trajetória político social até chegar à conjuntura anterior às eleições de outubro.

O artigo está dividido em 5 partes, além desta introdução. A primeira parte apresenta o procedimento metodológico da pesquisa, a segunda parte aborda o novo modelo econômico - indicando suas estratégias para um longo período de estabilidade -, a terceira parte discute o tema do *vivir bien*, indicando seu tripé: Estado Plurinacional, Regime Democrático Autônomo e Industrialização dos recursos naturais. A quarta parte reconstrói a trajetória



político-social do país, na contradição entre revolução e contrarrevolução. A quinta e última parte levanta hipóteses e discussões sobre o trabalho nas considerações finais.

## 1. Procedimento Metodológico

106

Uma pesquisa de campo em ciências sociais, além de um mergulho radical na cultura e na realidade de um povo, sempre é um delicado exercício metodológico, cujo preparo é determinante para a elucidação que se almeja em um processo de construção teórica. Neste estudo partimos do método do materialismo histórico dialético, tendo em vista, o que entendemos ser necessário, ter como ponto de partida a realidade concreta para que seja possível compreender o movimento da história.

Dado este trabalho estar inserido em uma pesquisa maior, que aspira construir a teoria de uma via particular de transição, a partir do caso da Bolívia, neste estudo de campo o que se almejou foi a ruptura com os conceitos pré-estabelecidos oriundos de uma larga revisão bibliográfica sobre o assunto. O que a aproxima da ideia, exposta por Bourdie et al (2007), de ruptura epistemológica para a construção de hipóteses de pesquisa.

Neste sentido, os métodos utilizados para esta ruptura são aqueles expostos por Quivy e Campenhoudt (2005), que determinam este tipo de pesquisa como “trabalho exploratório”, o significa dizer terem sido utilizados métodos coexistentes de entrevista aberta e flexível, observação direta e recolhimento de documentos diversos, com o objetivo de revelar os aspectos mais esclarecedores do fenômeno estudado, a partir de um amplo espectro de aproximações que se retroalimentam num processo de construção.



Por sua vez, os materiais recolhidos neste trabalho exploratório foram submetidos a uma análise inicial para a elaboração deste artigo, fundamentalmente a partir da análise de conteúdo que, sob a ideia da hermenêutica controlada, pressupõe a utilização de técnicas múltiplas, que oscilam entre o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade para compreender o fenômeno estudado (BARDIN, 2011).

Este procedimento metodológico permitiu a elaboração da discussão presente neste artigo, corroborando a tentativa de aproximação da realidade concreta da Bolívia, para que seu movimento histórico possa ser compreendido e uma teoria sobre seu processo de mudança possa ser desenvolvida.

Ao todo, durante o mês de julho de 2019, foram realizadas 20 entrevistas abertas, sendo que metade delas foi gravada, 15 visitas a instituições públicas e empresas do Estado, aquisição de 32 livros, recolhimento de relatórios, memoriais, jornais e filmes. Além disso, houve a participação em eventos públicos, debates, festas tradicionais de rua e foi-nos concedida entrevista a uma rádio popular comunitária para falar sobre a pesquisa realizada.

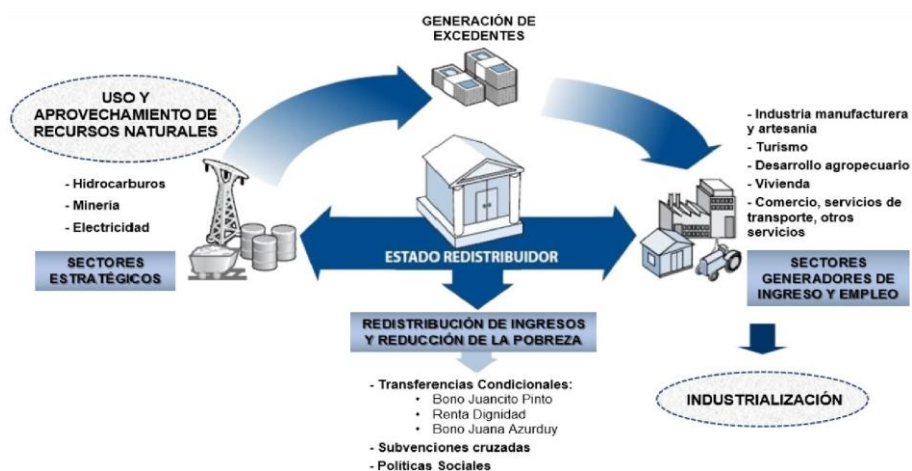
## **2. Trajetória de estabilidade econômica**

Um novo modelo econômico de desenvolvimento emergiu na Bolívia com a ascensão do MAS ao poder, o chamado Novo Modelo Econômico Social, Comunitário e Produtivo. Este modelo assegura ao Estado o protagonismo no desenvolvimento econômico, que busca implementar uma estratégia de crescimento endógeno com potencialização da demanda interna e incentivo à economia plural. O fundamento desta estratégia se expressa a partir dos chamados setores estratégicos geradores de



excedentes, baseados na extração de recursos naturais, notadamente nos setores de hidrocarbonetos, energia elétrica e mineração, para os quais o papel do Estado está em funcionar como um agente redistribuidor (uma vez que estes setores estão nacionalizados), para fomentar os chamados setores geradores de emprego e renda: manufatura, agropecuária e etc., via âmbito privado, cooperativo e comunitário da economia. A figura 1 apresenta graficamente a estrutura deste modelo:

Figura 1: fluxo de funcionamento do modelo boliviano



Fonte: Ministerio de Economía y Finanzas Públicas, 2011.

Tal modelo, somado a um contexto de liquidez internacional, possibilitou ao país manter um cenário constante de estabilidade e crescimento econômico, desde 2005 até hoje, o que permitiu ao Estado avançar no âmbito distributivo da economia, através do incentivo ao mercado interno, pelo investimento em infraestrutura e pelo avanço da industrialização dos recursos naturais, ou através da transferência de renda, seja na via do aumento real do salário ou na dos chamados *bonos* (benefícios), que visam romper com a miséria no âmbito da escolaridade, aposentadoria e maternidade. Para se ter uma ideia deste processo, o PIB (a



preços correntes) boliviano saltou de US\$ 9,57 bi, em 2005, para US\$ 43,69 bi, em 2018. Já o PIB per capita (a preços correntes) saltou de US\$ 1.050 em 2005 para US\$ 3.820 em 2018. Um crescimento médio de aproximadamente 5% ao ano (FMI, 2019).

Para esclarecer este contexto, é importante destacar as políticas macroeconômicas adotadas no período, que perseguiram uma maior efetividade em suas propostas, alicerçadas em uma ideia de soberania e coordenação. A Política Fiscal se pautou por um ambiente de expansão sustentável do gasto público, principalmente na infraestrutura. As Políticas Monetária e Cambial se direcionaram ao fortalecimento do poder aquisitivo interno da moeda, a chamada bolivianização da economia, na contramão da dolarização, o que manteve o câmbio estável, e, além disso, promoveu o fortalecimento do sistema financeiro boliviano e logrou manter a inflação controlada.

Ainda no âmbito das políticas monetária e cambial, a Bolívia mantém um índice de Reservas Internacionais Líquidas de 22% do PIB (BCB, 2019), o que permite a adoção soberana de políticas econômicas contra cíclicas que mantêm a perseguição ao desenvolvimento e crescimento. Para o ano de 2019, até antes das turbulentas eleições de outubro, as expectativas apontavam um crescimento de 4,5% da economia boliviana, mesmo frente a um cenário de desequilíbrio internacional (FMI, 2019).

Importante destacar que o papel do Banco Central da Bolívia (BCB) se distingue de outros casos na América Latina. A instituição atua ativamente na economia de maneira coordenada com o Ministério da Economia e Finanças Públicas, se afastando de proposições hegemônicas no sentido da independência do Banco Central. Além de adotar os mecanismos tradicionais da política monetária, principalmente nas chamadas operações de mercado



aberto para controlar a liquidez da economia, o BCB promove aportes para o desenvolvimento econômico, no sentido de impulsionar a diversificação da matriz produtiva, a seguridade energética e a soberania alimentar do país. Estes aportes são feitos através da concessão de créditos extraordinários às empresas públicas, o que é garantido por lei desde 2009.

Interessante notar que o modelo econômico boliviano adota, até certa medida, o manual de boas práticas institucionais do mercado, promovendo políticas de metas de inflação, câmbio flutuante, responsabilidade fiscal, etc., entretanto, os excedentes econômicos são direcionados à promoção de um universo alternativo de políticas que almejam desenvolver a Bolívia, seja pela via do impulso produtivo, seja pela via da distribuição de renda. Esta dualidade da estratégia boliviana promove um certo mal-estar no *mainstream* do pensamento econômico, tendo em vista os resultados positivos que se apresentam, já que não se encaixam em seus complexos modelos de boas práticas<sup>4</sup>.

Outro destaque, cuja elucidação é indispensável no âmbito econômico, é a estratégia de industrialização dos recursos naturais, fundamentalmente o gás e o lítio. Todavia, além destes dois setores, se deve destacar a inauguração, no ano de 2019, de uma fábrica de cimento, considerada como a mais moderna da América Latina, em Caracollo, Oruro, com capacidade de produção de 3.000 toneladas por dia; e a construção da Usina Siderúrgica de Mutún, em Puerto Suarez, que prevê industrializar 194.000 toneladas de aço por ano a partir de 2020.

O gás recebeu o maior investimento da história da Bolívia, 953 milhões de dólares, possibilitando que hoje o país possa produzir com valor

---

<sup>4</sup> Ver: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2019/01/11/america-latina-deve-acelerar-neste-ano-porem-ha-riscos.ghtml>



agregado, como no caso da produção de fertilizante à base de ureia, que tem demanda no mercado internacional. A fábrica boliviana de ureia e amoníaco do grupo da YPFB (*Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos*), que fica em Bulo Bulo, Cochabamba, tem capacidade de produzir 2.100 toneladas de fertilizante por dia, abastecendo todo o mercado interno e exportando o excedente, cerca de 80% do total. A planta foi inaugurada em 2017, com estimativa de ingressos de 300 milhões de dólares por ano.

O lítio, por sua vez, é a grande aposta estratégica do projeto boliviano, tendo em vista que sua industrialização incorpora um elevado grau de desenvolvimento tecnológico e os produtos da cadeia do metal têm demanda crescente no mercado mundial. Toda a cadeia de produção do lítio na Bolívia é determinada pela empresa Estatal YLB (*Yacimientos de Lítio Bolivianos*), cuja criação em 2017, como Empresa Pública Nacional Estratégica, teve o objetivo de concentrar e impulsionar os projetos deste setor.

A Bolívia possui a maior reserva de lítio do mundo, estima-se que 21 milhões de toneladas métricas estejam apenas no Salar de Uyuni, o maior salar do mundo. Mas existem mais dois salares, ainda não estimados, de Coipasa e Pastos Grandes. O governo de Evo Morales aposta na industrialização do lítio como uma das saídas ao desenvolvimento no país, tendo o objetivo de produzir baterias em território boliviano, além de desenvolver tecnologias próprias para este feito.

O fundamento da estratégia do lítio é evitar que os recursos naturais saiam do país sem valor agregado. Desta forma, a mercadoria mais simples que pode ser exportada na cadeia de produção do lítio é o carbonato de lítio, oriundo de vários processos de purificação e transformação dos sais, que formam um pó branco, base para a fabricação de baterias. Por outro





lado, há uma preocupação central com o aproveitamento dos resíduos gerados no processo produtivo a fim de que sejam reaproveitados ou descartados da maneira que gere menos impacto ambiental. Um exemplo disso é a construção da fábrica em escala industrial de Cloreto de Potássio (fertilizante) que absorve parte dos resíduos do processo de evaporação dos sais, elaborando uma mercadoria com demanda principalmente no setor agrícola brasileiro. A fábrica industrial de cloreto de potássio fica no próprio Salar de Uyuni e tem capacidade de produzir 350.000 toneladas por ano do fertilizante, tendo sido financiada em sua integridade pelo Banco Central da Bolívia.

Todo o processo de industrialização do lítio vem sendo desenvolvido com muito cuidado pelo governo, no intuito de garantir a soberania sobre os recursos naturais do país. Entretanto, é sabido que o país não tem capacidade tecnológica autônoma para realizar tal projeto e há a necessidade de estabelecer concessões às empresas multinacionais para se poder avançar. Neste ponto, em toda a cadeia do lítio, é obrigatório que a YLB seja sócia majoritária dos projetos, a empresa estrangeira parceira precisa garantir o mercado para os produtos e a mão de obra deve ser boliviana.

Com estes pressupostos foram estabelecidos distintos acordos internacionais para a industrialização do lítio. No Salar de Uyuni, todo processo de extração da matéria prima, que se inicia na extração dos sais no salar e na evaporação em piscinas industriais, passando pela produção de cloreto de potássio e finalizando na produção de carbonato de lítio<sup>5</sup>, é

---

<sup>5</sup> Até o momento da visita neste estudo de campo, a produção de carbonato de lítio se dá em escala piloto; entretanto, já se iniciaram as obras da construção da fábrica industrial, com previsão de início das atividades em 2020.



realizado exclusivamente pela YLB, portanto, sem a presença de capital internacional.

Na planta de La Palca, em Potosí, está instalado o Centro de Pesquisa em Ciência e Tecnologia dos Recursos Evaporativos, sendo parte de uma sociedade entre a YLB (51%) e a empresa alemã ACISA (49%) para a construção de 4 fábricas: Hidróxido de Lítio, Hidróxido de Magnésio, Materiais Catódicos e Baterias de Íon de Lítio<sup>6</sup>. A perspectiva é que estas fábricas estejam em funcionamento até 2022. Atualmente funciona o centro de pesquisa e uma fábrica em escala piloto de baterias de íon de lítio, onde são feitos diversos estudos para o desenvolvimento de tecnologia, inclusive com a perspectiva do carro elétrico.

Nos Salares de Coipasa (Oruro) e Pastos Grandes (Noroeste de Potosí), foi firmado um acordo para uma empresa mista entre a YLB (51%) e o consórcio chinês Xinjiang TBEA Group-Baocheng (49%) para a exploração e produção de Sulfato de Potássio, Hidróxido de Lítio, Ácido Bórico, Bromo Puro, Bromo de Sódio, Cloreto de Lítio, Carbonato de Lítio e Lítio Metálico, num total de 8 fábricas com perspectiva, no futuro, de diversificar a produção para a produção de baterias.

A continuidade deste projeto tende a possibilitar um salto qualitativo na estrutura econômica boliviana, abrindo espaço para que uma cadeia de inovação tecnológica se aproxime do país e permita um impulso

---

<sup>6</sup> Na visita à planta La Palca, em uma região isolada próxima à cidade de Potosí, sob proteção do exército, foi possível verificar o andamento destes projetos. Destaco que todos os trabalhadores são bolivianos, muitos dos quais mestres e doutores, com elevado grau de envolvimento com a execução do projeto. Além disso, as baterias de íon de lítio produzidas até o momento, em sua maioria, são utilizadas para oferecer iluminação pública a regiões remotas do país, a partir de circuitos de energia solar produzidos pela empresa alemã que utiliza as baterias bolivianas para armazenamento.



ao desenvolvimento. Um exemplo disso é a fábrica Quantum Motors, em Cochabamba, que se antecipou e está produzindo um carro elétrico dentro do território boliviano, com tecnologia boliviana e discutindo com a própria YLB para formar parcerias a fim de impulsionar o setor.

A Bolívia parece ter encontrado, assim, um caminho para se inserir nas cadeias globais de valor exercendo um papel soberano. A industrialização dos recursos naturais com distribuição de renda e diversificação da economia pode manter a estabilidade econômica lograda nos últimos quase 14 anos e ainda possibilitar um processo de emancipação de sua população contra o histórico parafuso sem fim da colonização.

### **3. *Vivir Bien*: redução das desigualdades e ampliação da infraestrutura**

Aproximadamente, ao longo dos últimos quatorze anos, a Bolívia apontou um caminho para a redução das desigualdades. Os dados do Banco Mundial, por exemplo, indicam que a pobreza extrema foi reduzida de 19,3% da população em 2005, para 5,8% em 2017. Por sua vez, o coeficiente de Gini da Bolívia teve a maior redução entre os países da América Latina, caindo de 0,585 em 2005 para 0,44 em 2016 (WORLD BANK, 2019).

Todo este processo está relacionado ao novo modelo econômico alinhado à ideia de *vivir bien* presente na constituição do país. O *vivir bien* é um conceito que tem origem nas comunidades originárias que habitam a região e se adapta às necessidades contemporâneas da população do país. Portanto, a ideia do "*vivir bien*" não é uma proposta no sentido de voltar ao passado, mas sim o pressuposto de dar um passo ao futuro, tendo o bem estar da população e o respeito ao meio ambiente (*madre-tierra*) como direcionamentos. Para Evo Morales trata-se do *socialismo comunitário do vivir bien*, que é "a satisfação das necessidades materiais humanas através do



diálogo vivificante com a natureza, preservando-a para preservar também o destino e o bem estar comum das futuras gerações de todos os seres vivos” (LINERA, 2019, p.66).

Quijano (2014) aponta o *vivir bien* como uma subversão da ordem social eurocêntrica hegemônica, propondo uma transformação radical do processo de produção, nas vias de uma perspectiva oposta ao padrão colonial e neocolonial estabelecido pelo capital, e a constituição de uma noção de “Outra América Latina”.

Isto significa dizer que na Bolívia está em construção uma proposta soberana de país, em que os valores da diversa cultura nativa são tomados em conta para a elaboração de seu projeto de desenvolvimento. Por isso, o processo de mudança boliviano tem o *vivir bien* como direção, cuja práxis está determinada pelo tripé: Estado Plurinacional, Regime Democrático Autônomo e Industrialização dos Recursos Naturais. Em outras palavras, trata-se de um modelo decolonial, em oposição ao secular processo colonial e neocolonial.

O Estado Plurinacional engendra essa ideia decolonial, almejando através do reconhecimento da diversidade dos povos que coabitam o espaço boliviano, desenvolver uma ideia de país apontado para construção de equilíbrios com a natureza entre as diferentes etnias e culturas. Esta ideia está próxima do que é tratado como a cosmovisão dos povos originários<sup>7</sup>. Para o vice-presidente Álvaro Garcia Linera (2019), trata-se de um processo civilizatório. Este processo tem elevado a autoestima do povo boliviano em alguma medida, o que foi perceptível em todas as entrevistas.

---

<sup>7</sup> É evidente que, mesmo nesta lógica plurinacional, a etnia *Aymará* ocupa a posição de vanguarda neste projeto. O que já significa uma grande ruptura com a hegemonia dos brancos e *criollos*, mas desemboca em conflitos com outras etnias.



Destarte, ainda é muito presente o *apartheid* social no país, que tem em seu cerne a discrepância da cor da pele. Os descendentes de indígenas ainda ocupam posições desfavoráveis na divisão social do trabalho. Apesar do presidente ser de uma nação indígena, a maioria dos cargos estratégicos estão ocupados por pessoas brancas ou mestiças. O que indica, ainda, a necessidade se realizar amplos saltos qualitativos no caminho da emancipação dos trabalhadores.

A ideia do Regime Democrático Autônomo remete à compreensão “das múltiplas formas plurais de democracia (direta, representativa, comunitária) e da desconcentração territorial do poder por meio das autonomias” (LINERA, 2019, p. 19). Na Bolívia isso se dá através do que se convencionou chamar de democracia intercultural. As estruturas do poder estão sendo ocupadas por grupos cada vez menos homogêneos, suscitando esta interculturalidade.

Entre outras coisas, a composição do parlamento boliviano possui aproximadamente 30% de pessoas de origem indígena e 50% de mulheres, na lógica dos princípios da Democracia Intercultural. Para se ter uma ideia, no mundo, o país é o segundo colocado no quesito presença feminina no parlamento, o que foi determinado pela Lei nº 26, de 30 de julho de 2010, que estabeleceu o princípio da equivalência na busca por igualdade, paridade e alternância de gênero. (VENTURINI & VILLELA, 2016).<sup>8</sup>

A industrialização dos recursos naturais, como já apresentado na seção anterior, tem sua estratégia apontada para a geração de excedentes a

---

<sup>8</sup> Nota-se na Bolívia uma presença marcante de mulheres em toda diversidade cultural e étnica do país. Além disso, há uma composição bastante *sui generis* de jovens no poder. Podemos tomar como simbólico que a presidente do Senado no país é uma mulher de 30 anos, que ademais é cotada como cabeça da possível chapa sucessora da dupla Morales e Linera (OPINIÓN, 2019).



fim de que seja possível a organização de uma economia capaz de crescer, mesmo que ainda estruturada na lógica da reprodução do capital, mas que, entretanto, se oponha ao subdesenvolvimento e à lógica imprescindível do lucro, promovendo distribuição da riqueza e construindo a soberania nacional.

Neste sentido, no intento de alcançar satisfazer as necessidades materiais da população, o avanço da infraestrutura é pedra de toque do projeto de governo. As transformações são evidentes, o país está estruturalmente muito diferente do que encontramos em outra visita ao país, nove anos antes. Em La Paz o maior destaque se dá pelo sistema de Teleféricos que transformou o modelo de transportes da cidade, inclusive facilitando a conexão com a cidade de El Alto. Trata-se da maior rede de teleféricos do mundo, cobrindo uma área de aproximadamente 32 km em suas 11 linhas<sup>9</sup>.

Outro importante avanço na infraestrutura se dá na melhoria e ampliação do sistema viário do país. No passado recente, viajar de carro ou ônibus pela Bolívia era atemorizante, dado que as estradas, em meio ao relevo andino, eram de terra e mal conservadas. Entre 2006-2018 foram pavimentadas mais de 5300 km de novas estradas, o que impulsionou significativamente a integração do país.

No âmbito das telecomunicações, o grande avanço se deu com o lançamento do primeiro satélite boliviano: o Satélite Tupac Katari. Trata-se de um satélite geoestacionário para comunicações, com cobertura nacional

---

<sup>9</sup> Impressiona a eficiência do sistema de teleféricos e sua exuberante estrutura, o que além de seu impacto no transporte da cidade, tem elevado potencial turístico. Entretanto, ainda não é o meio de transporte mais barato para a população, tendo em vista que, além da tarifa para ingressar à rede de teleférico (Bs 3), a integração entre as linhas é tarifada (mais Bs 2 por trecho).



para a Bolívia, regional para a Zona Andina e subcontinental para a América do Sul. Sua operação possibilitou uma maior integração do país, principalmente na área rural, levando o acesso a serviços básicos de comunicação: telefonia móvel, televisão digital, acesso à internet e etc. Além disso, permite a implementação de 2 grandes programas estimados pelo governo: a tele-educação e a telemedicina; possibilitando ainda uma melhor coordenação das atividades econômicas, de programas de segurança, das forças armadas e da polícia, e das relações internacionais<sup>10</sup> (LA MIGRAÑA, 2014, p. 120-121).

Na área de Energia, com a Empresa Nacional de Eletricidade (ENDE), nacionalizada em 2006, iniciou-se grande impulso à geração e transmissão de energia para todo o país. O projeto se pauta em dois grandes eixos: o primeiro é o de levar acesso à eletricidade à maior parte da população (hoje alcança 91% da população, enquanto em 2005 chegava à apenas 67%); o segundo é o de uma mudança na matriz energética, reduzindo o uso de fontes de origem fóssil e incrementado o uso de energia renovável<sup>11</sup>. Por fim, há um intento de transformar a Bolívia em exportador de energia elétrica, na lógica da diversificação da produção nos setores estratégicos geradores de excedentes, conforme balanço energético a seguir:

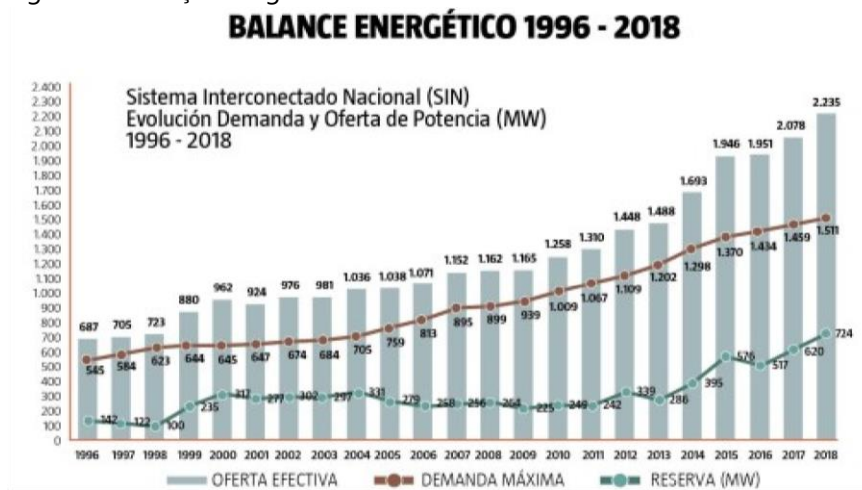
---

<sup>10</sup> O satélite foi construído e lançado na China, com financiamento chinês. Entretanto, é preciso salientar que na Bolívia foram construídas 2 estações de monitoramento de satélites e uma grande equipe de técnicos e pesquisadores bolivianos foram capacitados na China para que pudessem administrar as atividades vinculadas ao setor espacial. O sucesso econômico e tecnológico foi tanto que já está em projeto a construção do Satélite Tupac Katari 2, que entre outras coisas estabelecerá a tecnologia do 5G no país.

<sup>11</sup> A geração de energia na Bolívia é determinada por termoelétricas à base de Gás Natural, cerca de 60% do total. O objetivo é não mais ampliar o uso deste tipo de fonte de energia e marcar a expansão energética da Bolívia por fontes renováveis, principalmente através de usinas hidroelétricas, mas também há projetos de energia solar, eólica e nuclear.



Figura 2: Balanço Energético da Bolívia



Fonte: ENDE, 2019.

No âmbito da distribuição de renda, o projeto se pauta principalmente na ampliação do salário mínimo e nas transferências de renda, além da possibilidade de um 14º salário anual. Estas políticas foram e são importantes para impulsionar a redução das desigualdades, embora ainda insuficientes para romper com o subdesenvolvimento, dado seu vínculo intrínseco com o consumo.

O aumento do salário mínimo boliviano é anunciado anualmente no dia primeiro de maio, dia do trabalhador, tendo no período do governo Morales passado de US\$ 54 em 2005 para US\$ 307 em 2019<sup>12</sup>. Um aumento real de mais de 400%, tendo em vista uma inflação média de 6% ao ano. Esse aumento real do poder aquisitivo do salário mínimo é um dos principais fatores da redução da desigualdade no país.

Por sua vez, são os benefícios sociais a renda que com mais intensidade combate a miséria no país. São 3 tipos de benefícios principais

<sup>12</sup> O salário mínimo boliviano já é maior que o brasileiro, que hoje está por volta de US\$ 250.





que visam dar assistência social em três âmbitos: educação, terceira idade e maternidade. No âmbito da educação há o chamado *Bono Juancito Pinto*, que paga uma benefício de Bs 200 por ano a estudantes de escolas públicas, com o objetivo de incentivar a permanência das crianças na escola, uma vez que é condicionado a uma presença superior a 80% no ano letivo; no âmbito da terceira idade há a *Renta Dignidad*, que paga uma renda complementar (à aposentadoria) a idosos com mais de 60 anos no valor de Bs 250, ou Bs 300 àqueles que não conseguiram se aposentar; no âmbito da maternidade há o *Bono Juana Azurduy*, que paga uma renda de Bs 1820, divididos em 33 meses, para mulheres grávidas ou com filhos, de até 2 nos de idade, em situação de vulnerabilidade, condicionado à realização de exames pré-natal, acompanhamento de saúde e vacinação.

Por fim, o impulso à distribuição de renda ainda se determina pela política do 14º salário ou o chamado *doblo aguinaldo* (gratificação de natal dupla). O programa obriga as empresas a pagarem um 14º salário anual aos trabalhadores sempre e toda vez que o crescimento do país superar os 4,5% no ano, tendo a condição de que 15% do valor seja destinado ao consumo de bens e serviços de origem nacional.

Para além da infraestrutura e da distribuição de renda, é importante elucidar como estão situadas a saúde e a educação no processo de mudança boliviano. No que diz respeito à educação, o maior impacto do projeto de desenvolvimento estabelecido por Evo Morales foi a erradicação do analfabetismo em 2014<sup>13</sup>. Além disso, há um investimento elevado em educação, 8% do PIB, perdendo apenas para Cuba na América Latina. Este investimento coloca a educação como sendo um dos pilares do processo de

---

<sup>13</sup> A taxa de analfabetismo da Bolívia é de 2,5% (2017), abaixo dos 4% determinados pela ONU para considerar o país erradicado do analfabetismo.



mudança no país, apontando para a necessidade de formar profissionais qualificados para atender as demandas da industrialização nacional, mas, além disso, está alicerçado na inclusão da população historicamente excluída, principalmente os indígenas.

Com relação à saúde, há em construção o projeto de um sistema universal de saúde<sup>14</sup>, mas ainda muito contestado no país. O avanço ocorrido foi no sentido da construção de infraestrutura, embora o acesso à saúde ainda seja muito insuficiente. Um item ainda alarmante do país é o acesso ao saneamento básico. Apesar do impulso ao saneamento, ampliando o acesso de 40% para 60% da população no período Morales, o déficit ainda é muito grande.

Em resumo, o processo de mudança da Bolívia apresenta resultados impactantes na perseguição ao *vivir bien*, embora o caminho à frente, para romper finalmente com o subdesenvolvimento, seja ainda longo, e sua manutenção dependa da estabilização do quadro político do país, tal como se apresenta na próxima seção. O fato é que há, de forma geral, a coexistência entre o modelo neoliberal e o modelo decolonial, entre o trabalho alienante e a autogestão, entre a segregação e a inclusão, entre o extrativismo e a preservação. Não há uma ideologia ou grupo hegemônico na esfera política, trata-se de um processo em construção, transitando para um novo país.

#### **4. Revolução e turbulências contrarrevolucionárias**

A vitória eleitoral do MAS na figura de Evo Morales em 2005 é um processo progressivo que tem seu início cinco anos antes em meio a um cenário de revoltas populares: a chamada Guerra da Água. Mas, um olhar

---

<sup>14</sup> Lei nº1152 – 20 de fevereiro de 2019.



mais atento, permite compreender que essa guerra não era pura e simplesmente uma revolta que se possa resumir no âmbito econômico, pois seu cerne de fato é indissociável da condição histórica de formação do país.

Zavaleta Mercado (1990) indica que a Bolívia pode ser caracterizada por uma sociedade *abigarrada*, o que quer dizer que convivem no país distintas culturas e formas de organização social que ao mesmo tempo pouco se articulam. Esta característica boliviana produziu uma sociedade marcada por um *apartheid* (apartamento) social muito particular, mas que exprime de maneira muito evidente a luta de classes que muitas vezes está disfarçada em outras sociedades. Na Bolívia, por longos séculos, uma minoria branca, e/ou *criolla*, teve as rédeas do país e manteve a maioria, de origem indígena, subjugada a seus interesses e, fundamentalmente, por sua vez, aos interesses externos, uma espécie de dependência ultraradical.

A Guerra da Água explode no âmbito do sentido econômico da privatização da água, que abre as portas da história para um levante que trouxe à tona todas essas contradições étnicas e sociais que estavam suprimidas por décadas de regimes autoritários. O que desejo dizer com isso é que não basta compreender a conjuntura dessas revoltas sem compreender seu sentido histórico.

O objetivo deste artigo é apresentar a conjuntura a partir do estudo de campo realizado, mas é indispensável fazer um pequeno adendo histórico-estrutural para guiar a discussão. A Bolívia é uma das regiões mais ricas do mundo em recursos naturais estratégicos. Significa dizer que os olhos do império mundial do capital olham com bastante atenção para tudo que se passa no país. Na fase de acumulação primitiva do capital em tempos coloniais, por exemplo, Potosí chegou a ser uma das maiores cidades do mundo, cuja importância foi elemento determinante para a configuração



geopolítica da América do Sul. Basta compreender o significado de se instalar a primeira casa da moeda da região em 1572 (PRODANOV, 2002). Os séculos coloniais foram baseados na forma de exploração do trabalho indígena chamada “mita”, uma espécie de trabalho forçado temporário em minas para as populações originárias.

A grande revolta contra esta estrutura deu-se na Bolívia ainda antes da independência formal do país, no chamado *cercos a La Paz* de 1780. A revolta contra os abusos coloniais levou a região a uma batalha sangrenta que terminou com o esarteamento e exposição da cabeça de seu líder, Tupac Katari<sup>15</sup>. O movimento não venceu por completo a estrutura colonial, mas levantou a bandeira étnica e, como conquista, extinguiu a “mita” e pressionou para o surgimento de um novo movimento pela independência (GUZMÁN, 1944).

A independência, em 1825, ergueu a bandeira dos libertadores da América, mas não incluiu a grande massa da população, manteve a segregação racial inalterada e logo se mostrou insuficiente para vencer a barreira da dependência externa do país. A política no primeiro século após a independência não conseguiu formar uma nação, as guerras foram incessantes ao custo da vida de uma multidão de pessoas e serviram aos interesses privados, geralmente externos, ao passo que o território boliviano foi se moldando ao ponto de se tornar uma “ilha” sem saída ao mar<sup>16</sup>. O

---

<sup>15</sup> A figura de Tupac Katari ainda é uma das mais importantes referências de resistência do país. No século XX foi inspiração de um importante movimento de esquerda: o katarismo. Com a vitória de Evo Morales, há a ideia de que se continua da luta deste personagem, ao ponto de o primeiro satélite do país levar o seu nome.

<sup>16</sup> A assim chamada Guerra do Pacífico (1879-1883) contra o Chile, em uma evidente disputa entre os interesses de grandes corporações inglesas e americanas do ramo da exploração de recursos naturais, levou a Bolívia a perder o território de



segundo século começou com a guerra final que levou a Bolívia aos atuais limites: a Guerra do Chaco, entre 1932 e 1935. Após ela, a Bolívia se tornou um dos países mais instáveis do mundo.

A aceleração das contradições, posteriormente ao fim da Guerra do Chaco, deixou a Bolívia em situação crítica, em que para atender os interesses dos “barões do estanho”, os oligarcas da época, a política do país expandia a miséria da população. Esta configuração fez emergir um movimento de emancipação nacional que culminou com uma revolução nacionalista, em 1952. Revolução esta que dá início à consolidação do Estado boliviano.

Andrade (2007) aponta que a chamada revolução boliviana de 1952 emerge no enfrentamento à extrema concentração das riquezas nas mãos dos barões do estanho. Os trabalhadores, mineiros ao centro, chegaram ao poder e proveram uma extensa política de nacionalização das riquezas. O âmbito transformador da revolução sucumbiu no processo histórico e não avançou no sentido da emancipação dos trabalhadores, entre outras coisas pelo não enfrentamento da questão étnica, sendo derrotada finalmente por sucessivos golpes militares.

Em 1971, outra experiência paradigmática aponta este caráter de resistência étnica do processo boliviano. Após um período marcante de mobilizações, em 1º de maio de 1971, foi instalada a Assembleia Popular, que, resgatando a resistência de 1952, promoveu uma dualidade no poder à

---

Antofagasta e, conseqüentemente, sua saída soberana ao mar. Até hoje a disputa por esse território é relevante e desperta conflito entre os dois países.



época, durante o governo nacionalista do General Torres<sup>17</sup>, que se equilibrava entre as pressões imperialistas e do proletariado.

A Assembleia Popular se definiu como órgão do poder da classe operária e das massas bolivianas e tinha o objetivo de fazer triunfar a revolução boliviana no caminho do socialismo, materializando a libertação nacional frente ao imperialismo (ANDRADE, 2007).

Por quase quatro meses a Assembleia Popular se fortaleceu, à semelhança dos cordões industriais que se manifestaram no Chile de Allende. Andrade (2007) nomeia esta seção de seu livro como “A Comuna de La Paz”, fazendo referência à Comuna de Paris. O movimento foi destruído por outro golpe militar que dilacerou a resistência boliviana e proclamou o “fim da história”<sup>18</sup>.

Passados os períodos da Ditadura Militar e, mergulhada na tragédia do neoliberalismo, a exemplo da maioria dos países alvejados por esta dupla articulação, a Bolívia permanecia imersa no subdesenvolvimento, sem vistas para uma saída à emancipação. Os evidentes indicadores da ineficiência neoliberal, num quadro de miséria crônica, reacenderam a chama da herança revolucionária. A aliança dos velhos movimentos operários com o movimento indigenista e camponês possibilitou o resgate da particularidade histórica do país e projetou uma singular nova frente de avanço da emancipação da classe trabalhadora. Levando o “Movimento ao Socialismo” (MAS) ao poder nas eleições de 2005.

---

<sup>17</sup> Em 2016, a Escola Militar Anti-Imperialista foi aberta para conter a influência dos EUA nas forças armadas bolivianas, levando o nome do General J. J. Torres. Entretanto, pode-se dizer que o projeto falhou no sentido de criar uma cultura militar alternativa. Durante o estudo de campo, a percepção era de que este projeto era um inconveniente para os militares. Não a toa, sua dissolução foi quase imediata após o golpe militar de 2019.

<sup>18</sup> Amplamente conhecida teoria de Francis Fukuyama, 1989.



Esta vitória, que principia nas revoltas da chamada Guerra da Água em 2000, se mostra já nas eleições de 2002, quando a chapa encabeçada por Evo Morales surpreende e perde por uma diferença de apenas dois mil votos para Gonzalo Sanchez de Lozada, o Goni<sup>19</sup>. Com país dividido, este segundo mandato de Goni foi marcado por instabilidades, sendo que o principal evento de contestação popular se deu na chamada Guerra do Gás, em outubro de 2003, num contraponto ao projeto de exportação privada de gás aos EUA e na reivindicação da nacionalização dos hidrocarbonetos.

Os conflitos foram intensos em El Alto, centro do movimento de contestação, e estima-se a morte de mais de 60 pessoas, inclusive uma criança de apenas 5 anos. O período também foi chamado “Outubro Negro”. Pressionado pelos movimentos populares que exigiam um novo pacto social, Goni foi obrigado a renunciar e se exilou nos EUA.

O vice-presidente Carlos Mesa assumiu o cargo pressionado, por um lado, pela reivindicação, organizada pelo MAS, de se realizar um plebiscito sobre a nacionalização dos hidrocarbonetos. O plebiscito, em julho de 2004, determinou a nacionalização, mas Mesa, pressionado por outro lado pelos interesses externos, alegou que a lei era impossível de se implementar, gerando uma convulsão social que o obrigou a renunciar em março de 2005.

Após a renúncia, assume o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, que organiza as eleições no mesmo ano. O cenário para a vitória de

---

<sup>19</sup> Goni é uma figura pitoresca da história boliviana, ganhou ascensão política atuando na economia do país nos anos 80, adepto da terapia do choque de Jeffrey Sachs, elegeu-se presidente em 1993 por um mandato. Entretanto sua legitimidade entre a população era muito baixa, ao ponto de falar o castelhano com sotaque de norte-americano, tendo em vista sua criação nos Estados Unidos da América uma vez que seu pai era diplomata.



Evo Morales estava posto. O pleito foi vencido com maioria absoluta dos votos, pela primeira vez na história da Bolívia.

Nos quase 14 anos do processo de mudança iniciado em 2006, evidenciaram-se os desafios de se estabelecer um Estado Plurinacional sobre um Estado Colonial estrutural. Pulsaram as contradições derivadas da construção de um modelo autônomo de nação sem rompimento com o neoliberalismo. Apesar disso, o projeto de transição ousou dar passos emancipatórios no país, como apresentado nas seções anteriores.

Evidentemente, este processo não se dá em um ambiente de estabilidade política. Durante todo o período houve investidas contrarrevolucionárias, principalmente a partir de grupos da elite de Santa Cruz. Até o momento da consolidação da nova constituição, havia inclusive o intento de separar a região da Media Luna<sup>20</sup> do restante da Bolívia.

Para aprovação da constituição, foram feitos muitos acordos com estes grupos para que se encontrasse um caminho de unidade para o desenvolvimento do país. Promulgada a constituição, em meio à necessidade de conciliação, o vice-presidente Álvaro Garcia Linera chegou a indicar que a fase de contrarrevolução estava liquidada e agora se colocariam na mesa as cartas das tensões criativas do processo (LINERA, 2019). Isto porque na eleição de 2009, após todo este processo turbulento, Evo Morales venceu o pleito com mais de 64% dos votos no primeiro turno. Entretanto, 10 anos depois, o cenário das eleições de 2019, mostrou que o processo não era bem assim.

Na articulação com as classes proprietárias, o processo de mudança perdeu, em alguma medida, alianças importantes da base do partido. O

---

<sup>20</sup> Região que congrega departamentos de Santa Cruz, Beni, Pando e Tarija, sendo a região oriental não andina do país.





símbolo deste processo se deu no lamentado evento nos TIPNIS (Território Indígena e Parque Nacional Isidoro Securé). O desentendimento entre o governo e parte das comunidades originárias que habitam a região, em torno do tema da construção de uma rodovia que corta o território, chegou ao enfrentamento em 2012, promovendo um cenário de violência que, apesar de nenhuma morte registrada, foi um “prato cheio” para a oposição ao processo de mudança.

Após esse evento, muitas organizações indígenas passaram a disputar o poder político através de outros partidos políticos, rompendo com o MAS. Não cabe aqui discutir se houve um movimento de cooptação de lideranças indígenas, mas a contrarrevolução permanente encontrou terreno fértil nas tensões internas do MAS, iniciando um processo de polarização, semelhante a outros exemplos da região sul-americana.

O acirramento final desta polarização que configurou o cenário pré-eleição de 2019, deu-se ainda em 2016, quando o Presidente Evo Morales convocou um Plebiscito para validar sua candidatura a um quarto mandato consecutivo. A oposição fez uma forte campanha para difamar Evo Morales e todo o período pré-plebiscito girou ao redor de uma história novelística em que Evo Morales teria um filho com uma jovem menor de idade.

Os relatos convergem para a ideia de que Morales realmente teve um romance com a jovem e por isso não pôde afirmar a princípio que não era o pai da criança. Todavia, no fim da história não havia criança alguma. Mas já era tarde quando a verdade veio à tona, e a campanha moralista ao redor desta história resultou na vitória do “Não” no plebiscito de 21 de fevereiro de 2016 e, portanto, Morales não poderia mais se candidatar à presidência para as eleições de 2019. A oposição acreditava que Evo Morales não faria um sucessor e já organizava sua vitória nas eleições.



O MAS, então, resolveu ir para o tudo ou nada. Forçaram a candidatura de Evo Morales alegando que era um direito humano se candidatar. Este ponto gera muita dissonância inclusive entre a própria esquerda, pois muitos acreditavam que era possível fazer campanha para um sucessor. A oposição por sua vez, em luta contra esta “manobra”, iniciou um movimento intitulado “Bolívia disse não” sobre a insígnia do “21F”, a partir do Comitê Cívico de Santa Cruz, tendo a figura de Luís Fernando Camacho à frente, alegando que Evo Morales seria um ditador que queria se perpetuar no poder<sup>21</sup>. Em Potosí, por sua vez, o Comitê Cívico liderado por Marco Antonio Pumari, contesta os acordos de exploração do Lítio com a empresa Alemã, reivindicando maiores benefícios para a região<sup>22</sup>. Pumari chegou a alegar que Morales seria entreguista<sup>23</sup>.

Com a autorização do Tribunal Eleitoral para a candidatura de Morales, a campanha das eleições estava marcada pela mesma disputa do Plebiscito de 2016, Evo sim ou Evo não. A oposição não conseguiu fazer a unidade contra Evo Morales, lançando vários candidatos, entre eles o ex-presidente Carlos Mesa, que nas pesquisas de intenção de voto aparecia em segundo lugar no pleito.

Nesta configuração o MAS estava confiante na vitória em primeiro turno, pois as intenções de voto colocavam Evo Morales com mais de 40% dos votos e na oposição os votos estavam divididos, o que possibilitaria a vitória pela diferença de mais de 10% dos votos para o segundo colocado, mesmo sem maioria absoluta.

---

<sup>21</sup>Ver: <https://www.opinion.com.bo/articulo/el-pais/paro-c-iacute-vico-comit-eacute-pro-santa-cruz-asume-medidas-repostulaci-oacute-n/20171201084900597353.amp.html>

<sup>22</sup> Ver: <https://elpais.bo/se-cumplio-el-primer-dia-de-paro-de-72-h-en-potosi/>

<sup>23</sup> Ver: [http://www.la-razon.com/ciudades/potosi-comcipo-huelga-paro-presion-litio-bolivia\\_0\\_3231876792.html](http://www.la-razon.com/ciudades/potosi-comcipo-huelga-paro-presion-litio-bolivia_0_3231876792.html)



Um cenário de instabilidade e polarização para realização das eleições.

### **Considerações finais**

130

Não se advoga aqui ser o modelo boliviano incontestável. Seu sentido comunitário e cooperativo, por exemplo, apesar de uma construção teórica promissora, ainda é muito limitado. Isto porque, dado o sucesso do modelo de geração de excedentes e distribuição de renda via protagonismo do Estado, há uma tendência ao fortalecimento desta parte do modelo, o que em certa medida conflita com a iniciativa comunitária.

Por sua vez, a centralidade das empresas públicas carrega a esperança do povo boliviano e seus resultados são sentidos pela população, o que se supõe como necessário permanecer tal como está e possivelmente expandi-la. Porém, no caminho de uma sociedade emancipada, este protagonismo precisa ser fenecido, pois sua estrutura carrega as contradições de um modo de produção que é excludente e não inclusivo. O que significa dizer que, uma sociedade em busca de sua emancipação precisa encontrar caminhos para superar o Estado e transferir sistematicamente a hegemonia do sistema produtivo para a égide dos trabalhadores associados.

Isto porque, entre outras coisas, um Estado forte e centralizador, mesmo que sob a liderança de políticos com boas intenções, é uma construção frágil frente à hegemonia do capital. A história não cansa de demonstrar que a força do Estado está em sua capacidade de controlar o sistema produtivo. O Capital é incessante e incontrolável em sua busca por uma coordenação da produção em âmbito global, sob a égide das empresas oligopolistas, e almeja uma diluição dos chamados Estado-nação.



No momento presente, em que o capital se subordina à lógica das necessidades do novo capital financeiro mundialmente hegemônico, a estratégia imperialista opera a destruição sistemática dos mercados nacionais e, conseqüentemente, das próprias nações e seus estados, qualquer que seja o grau de sua magnitude nos contextos nacionais.

Seu instrumento central de operação é a dívida pública, bancada com parcelas substantivas dos orçamentos públicos, a exigir a liquidação da estrutura fiscal dos estados em prol de sua remuneração a juros exorbitantes, mecanismo de superacumulação tanto do capital financeiro mundialmente regente quanto das burguesias nacionais já desinteressadas em sequer manter o nível de industrialização parcial já alcançado na fase anterior.

Para a Bolívia, que resistira até meados do fim de 2019 a estes avanços do capital, enquanto outros projetos de país na região já vinham se deteriorando desde 2011 (caso do Paraguai, Argentina, Brasil, etc.), este processo se deu através de um violento golpe militar de Estado que buscou reestabelecer a hegemonia imperialista e romper com o *processo de cambio*. A contrarrevolução boliviana, apesar de enfraquecida desde a aprovação da nova constituição em 2009, agora se apresenta muito mais estruturada e articulada no cenário internacional, tendo em vista, por exemplo, que em 2019, ano do golpe, o país estava “ilhado”, cercado (sem saída ao mar) por países governados por políticos alinhados aos interesses imperialistas<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> Esta ideia está relacionada à orientação do assim chamado “Grupo de Lima”, criado para supostamente resolver questões democráticas na região, principalmente na Venezuela. No momento do “golpe” na Bolívia, os países ao redor de suas fronteiras estavam organizados neste grupo e seus líderes abertamente alinhados com os interesses da hegemonia dos EUA (Bolsonaro, Macri, Piñera, Benitez e Vizcarra). Macri foi derrotado para a ala de centro-esquerda argentina nas eleições de 2019, o que



A ausência de um projeto militar autônomo e popular de defesa da revolução, mantendo a elite armada sob os mesmos auspícios desde as ditaduras militares, notadamente sob égide dos EUA, expôs uma das fraquezas vitais o *proceso de cambio*. Todavia, o decreto do fim do projeto ou sua recomposição ainda depende do resultado das eleições que eventualmente ocorrerão no ano de 2020.

## Referências

- AMIN, S. **Obsolescent Capitalism**. Londres: Zed books, 2003.
- ANDRADE, Everaldo de Oliveira. **A Revolução Boliviana**. São Paulo: UNESP, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, Edições 70, 2011.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON, J.C. **Ofício do Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ENDE. **Audiencia final de rendición pública de cuentas 2018**. Disponível em: <  
<http://www.endeandina.bo/storage/rendiciones/7elZXDHJd8ilpqXUfKFFXnrDCiVsAdbyffKGeMCC.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2019.
- FMI. **World Economic Outlook (april 2019)**. Disponível em: <  
<https://www.imf.org/external/datamapper/datasets/WEO>> Acesso em: 25 mai. 2019.
- GUZMAN, Gustavo. **Tupaj Katari**. México: Fondo de cultura económica, 1944
- LA MIGRAÑA. **Nuestra estrella y su fuerza: una mirada geoestratégica del Satélite Tupac Katari**. Revista de Análisis Política, n. 10, 2014.
- LINERA, Álvaro Garcia. **O que é uma Revolução?** São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Tensões Criativas da Revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

---

significativamente muda este jogo de forças. Não à toa, Evo Morales está exilado na Argentina atualmente.



MINISTERIO DE ECONOMIA Y FINANZAS PUBLICAS. **El nuevo modelo económico, social, comunitario y productivo.** Economía Plural, ano 1, nº 1, set. 2011. Disponível em: < <https://repositorio.economiayfinanzas.gob.bo/documentos/2018/UCS/materialesElaborados/publicaciones/Revista 01.pdf>>. Acesso em 01 ou. 2019.

OPINIÓN. **García habla de Salvatierra y Andrónico como sucesores:** Van a ser 10 veces mejor que nosotros. 02 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.opinion.com.bo/articulo/el-pais/garc-iacute-habla-salvatierra-andr-oacute-nico-como-sucesores-quot-van-ser-10-veces-mejor-quot/20190802110700656755.html>>. Acesso em: 10/08/2019.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L.V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais.** 4ª ed. Lisboa: Gradiva, 2005.

VENTURINI, Anna C. & VILLELA, Renata R. **A inclusão de mulheres no parlamento como medida de justiça social:** análise comparativa dos sistemas de cotas do Brasil e da Bolívia. Revista Eletrônica de Ciência Política, vol. 7, n. 1, 2016.

WORLDBANK. **World Bank open data.** Disponível em: < <https://data.worldbank.org/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

### Conversas

La Paz, Potosí e Uyuni, julho de 2019.

*(Nomes mantidos em sigilo, dado o risco iminente de um Golpe Militar de Estado)*

### Visitas Técnicas

Casa Grande del Pueblo (La Paz) – 19 jul. 2019.

Vicepresidencia (La Paz) – 22 jul. 2019.

UPEA (El Alto) – 22 jul. 2019.

Oficina YLB (La Paz) – 23 jul. 2019.

UMSA (La Paz) – 24 jul. 2019.

Planta Llipi, YLB (Uyuni) – 28 jul. 2019.

Planta La Palca, YLB (Potosí) – 29 jul. 2019.

Banco Central da Bolivia (La Paz) – 30 jul. 2019.

Estación Terrena de Amachuma, ABE (El Alto) – 02 ago. 2019.

*Recebido em 30 dez. 2020 | aceite em 15 fev. 2020*



# Resenhas



## A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo

MARCELO BADARÓ MATTOS

São Paulo: Boitempo, 2019. 156p. (Coleção Mundo do Trabalho)

---

Ivan Lucon Jacob<sup>1</sup>

135

Para aqueles e aquelas que pensam e agem com Marx, a obra de Marcelo Badaró Mattos aparece em boa hora como uma arma de guerra, visando sobretudo responder a difícil e incontornável questão dentro da tradição do materialismo histórico: quem é a classe trabalhadora hoje? E o professor titular de História do Brasil da Universidade Federal Fluminense consegue responder à árdua questão com competência e profundidade, tanto em seus aspectos teóricos como em suas manifestações na contemporaneidade. O livro já nasce um clássico.

De saída, o autor faz questão de salientar que o “livro busca privilegiar a perspectiva que identifica as classes com base nas relações que homens e mulheres, vivendo em sociedade, estabelecem entre si para produzir e reproduzir-se socialmente”, buscando compreender sobretudo as dimensões de “sua consciência coletiva e sua ação política”, com a finalidade última da transformação social. Com isso, afasta-se do reducionismo vigente nas discussões atuais sobre “classe” que limitam a situação de classe a uma dimensão puramente econômica, com base em fenômenos que a associam à

---

<sup>1</sup>Doutorando em Desenvolvimento Econômico (IE/UNICAMP) e pesquisador do IBEC. [ivanlucon@gmail.com](mailto:ivanlucon@gmail.com)





renda, consumo ou mercado; mas, acima de tudo, ao afastar-se desta limitação da interpretação de classe como critério de estratificação social medido pelo acesso ao consumo – com segmentação alfabetizada em A, B, C ou que tais – o autor repõe a “classe trabalhadora” como categoria de análise, que permite não só a compreensão de sua articulação com a totalidade da dinâmica social como também expõe a lógica dos conflitos sociais com as quais nos deparamos, ou seja: as lutas de classes.

O livro perfaz 3 movimentos principais, que tentaremos aqui discutir sucintamente. No primeiro movimento – o mais extenso e denso de todo o livro – o autor recupera historicamente o conceito de classe trabalhadora desde suas origens, passando pelas contribuições basilares de Marx e Engels. Isso significa dizer que Badaró mergulha na reflexão do próprio Marx, historicizando o conceito de classe social no momento próprio da gênese do materialismo histórico; pois, como o próprio autor faz questão de deixar claro ao percorrer o caminho da História logo no início do Capítulo 1, Marx e Engels não criaram a categoria “classe trabalhadora” do alto de um gabinete acarpetado, mas justamente se depararam com uma classe que estava se formando enquanto tal, ao mesmo tempo em que estavam os dois se formando política e intelectualmente durante os 1840’s, nas lutas alemãs, francesas e inglesas de modo geral.

Ainda neste primeiro movimento, Badaró retorna ao linguista russo Mikhail Bakhtin para precisar com grande acurácia a existência do vocabulário sobre “classe trabalhadora” e seus diversos usos; como exemplo, as diferenças entre *work* e *labour* em língua inglesa, tema de nota de Engels em *O Capital* para diferenciar o trabalho criador de valores de uso (trabalho concreto) do trabalho criador de valor (trabalho abstrato) e de suas posteriores adjetivações (*labour movement* ou *Labor Party*). E faz a ressalva



que “o estudo do trabalho e o estudo da classe trabalhadora, embora possam estar completamente imbricados quando o objeto é a formação social capitalista, não são a mesma coisa”, pois “essas definições iniciais, a princípio simples precisão de vocabulário, podem ser decisivas para debates contemporâneos fundamentais”. Por fim, as discussões sobre as existências material e econômica de classe, a sempre difícil temática da consciência de classe – que o autor passa com muita tranquilidade – e a discussão sempre necessária sobre gênero e raça – sempre, carecido dizer, pensando com Marx – encerram o primeiro movimento do livro deixando a certeza de que todo e qualquer curso que tenha por temática a classe trabalhadora deve usá-lo como texto-base.

O segundo movimento – grande exercício analítico do livro – visa entender, do ponto de vista empírico, a realidade da classe trabalhadora; ou, em outras palavras, é o confronto de Marx com a realidade da classe trabalhadora nos dias de hoje. Nele, o autor faz um rigoroso tratamento dos dados e fontes utilizadas, indo muito além das fontes tradicionalmente consultadas em trabalhos que se pretendem marxistas, o que permite ultrapassar o debate abstrato de classe e compreender a dinâmica atual da classe trabalhadora em suas múltiplas manifestações (distribuição setorial, por gênero, por raça, etc.). Com isso, duas importantes reflexões surgem após a leitura: em primeiro lugar, ao recusar a caracterização específica da classe trabalhadora formada pelo trabalhador industrial, formal, de tempo integral e portador de direitos, típica dos “Trinta Gloriosos” do pós-guerra, define-a como exceção na história do modo de produção capitalista, extremamente restrita em termos geográficos e cronológicos, e põe a nu as reais condições de reprodução da classe trabalhadora no tempo e nos mais diferentes espaços; em segundo lugar, permite captar e compreender o



fenômeno contemporâneo do crescimento do emprego industrial na periferia do sistema, concomitante ao aumento da precarização do trabalho no próprio centro do sistema, onde antes grassava justamente esse tipo de emprego citado anteriormente. Para tanto, o autor faz um estudo sobre as classes trabalhadoras indianas e alemã.

O terceiro e último movimento abre o debate sociológico e historiográfico sobre a questão da classe trabalhadora, recuperando o pensamento produzido sobre o tema que busca afirmar, relativizar ou mesmo negar seu potencial como sujeito histórico de uma transformação emancipadora; portanto, a confrontação de Marx com seus críticos ou com autores que buscam caminhos alternativos a partir de Marx. Justifica-se, pois, a atitude corajosa de Badaró de entrar em algumas polêmicas para sustentar a posição de defesa da atualidade de se pensar com Marx, declarando que “pensar a atualidade do conceito não se restringe a defender sua pertinência para o entendimento do mundo em que vivemos mas é também perceber sua eficácia explicativa para a análise da história das sociedades capitalistas”. A densa incursão teórica feita no primeiro movimento, assim como a precisa análise empírica feita no segundo movimento, permitem, como exemplo, compreender aqui a confusão feita por muitos autores entre a diminuição da importância relativa do emprego industrial, formal e de tempo integral – caracterizadores da “classe trabalhadora” – e o “declínio da classe trabalhadora”, o surgimento de um “precariado” ou então a emergência de “novos atores” sociais. Novamente recorrendo à discussão proposta por Marx sobre classes sociais – principalmente sobre a classe trabalhadora – e lutas de classes, mostra não só a validade teórica mas também a atualidade da perspectiva do materialismo histórico e a centralidade da classe trabalhadora como categoria de análise e sujeito político.



Badaró inicia suas considerações finais afirmando que “a tese defendida neste livro é simples: a classe trabalhadora, também chamada de proletariado, tal como aparece na obra de Karl Marx, continua tendo validade como categoria analítica para o entendimento da vida social sob o capitalismo”. Subscrevemos não apenas tal tese, mas também a porfia do autor em defendê-la. Ao apreender a classe trabalhadora, Marx não criou uma teoria de estratificação social, tampouco defendeu uma sociedade do trabalho, mas sim projetou nela o potencial de transformação histórica em sua luta pela emancipação. No atual momento de crise estrutural do capital e suas múltiplas manifestações, o concreto entendimento da dinâmica social que exponha as formas de exploração das lutas de classes é passo apenas inicial para a transição ao comunismo. Inicial mas urgente e necessário. O projeto político para a superação da sociedade de classes ganha, pois, com o livro de Marcelo Badaró, uma arma de guerra, na melhor tradição daqueles e daquelas que pensam com Marx.

*Recebido em 15 fev. 2020 | aceite em 01 mar. 2020*



## Ideias para adiar o fim do mundo

AILTON KRENAK

São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 46p.

---

140

Raíssa Resende de Moraes<sup>1</sup>

Um dos mais expressivos pensadores indígenas da atualidade, Ailton Krenak ficou conhecido pelo seu inesquecível discurso na Assembleia Constituinte de 1987, no qual pintou seu rosto com tinta de jenipapo, como forma de demonstrar seu luto pelo retrocesso vivido nos direitos dos povos indígenas. Seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo” se divide em três partes, as quais consistem de duas palestras realizadas em Lisboa, nos anos 2017 e 2019 e a adaptação de uma entrevista realizada em Lisboa, em 2017. O pano de fundo é a discussão sobre a capacidade da humanidade de autodestruição, em vista da exaustão pela exploração excessiva da natureza. O modo de vida dos povos originários é visto como uma alternativa a essa lógica de exploração.

Uma das colocações centrais que perpassa toda a obra concerne na dualidade entre a certeza da “ideia de humanidade” versus o questionamento “somos mesmo uma humanidade?”. Para o autor, a ideia de humanidade foi, e continua sendo, um pretexto utilizado para a justificativa

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ambiente e Sociedade (NEPAM/UNICAMP) e doutoranda externa na Faculdade de Ciências Sociais da Vrije Universiteit Amsterdam. [raissaresendedemoraes@gmail.com](mailto:raissaresendedemoraes@gmail.com)



do uso da violência em diversos momentos históricos. A principal justificativa do processo civilizatório seria trazer luz à “humanidade obscurecida”, por meio do encontro e trocas com a “humanidade esclarecida”, civilizada. Já na modernidade, a alegoria de um “liquidificador chamado humanidade” é utilizada para tratar do êxodo rural dos camponeses e habitantes da floresta para as periferias das cidades, para servirem de mão de obra, sendo apartadas de suas identidades, em nome do processo civilizatório continuado.

A convicção do pertencimento a uma humanidade civilizada é tratada como a porta de entrada para o segundo binômio principal elencado no texto, a dualidade entre a Terra e a humanidade, ou seja, a alienação entre humano e natureza. Os resultados da atuação deste binômio seriam a perda do sentimento de pertencimento e um distanciamento do lugar de origem, bem como do vínculo com a identidade ancestral. Um antídoto para este estado de apartação e alienação é dado pelo autor, e expresso na visão holística trazida comumente na cosmovisão de muitos povos indígenas de que “Tudo é natureza. O cosmos é natureza”.

O terceiro binômio apontado no texto surge do descolamento entre a dita “humanidade homogênea”, na qual o consumo tomou o lugar da cidadania, de uma “sub-humanidade”, que consiste de grupos que estão à margem da sociedade de consumo, e que possuem uma ligação orgânica e quase visceral com a Terra. Essa “sub-humanidade” consiste de grupos indígenas, quilombolas, caiçaras e aborígenes, cuja organicidade incomoda às grandes corporações. Para o autor, o descolamento entre homem e natureza suprime os formatos diversos assumidos por essa “sub-



humanidade”, negando a pluralidade de culturas e modos de vida divergentes da cultura da homogeneidade.

Ao longo do texto, o autor trata, de forma crítica, de termos caros ao vocabulário científico, como o que ele chama de “mito da sustentabilidade”, arguindo ser a sustentabilidade uma narrativa travada pelas corporações, para justificar as suas agressões à natureza; a forma como é cunhado pelos economistas o termo ‘recursos naturais’, que não consegue promover a extensão da relação íntima existente, por exemplo, entre o povo Krenak e o Rio Doce, o qual é chamado *Wantu*, ou avô; e o Antropoceno, caracterizado por um “apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade”.

Para o autor, o “fim do mundo” não é uma preocupação exclusiva do Antropoceno, nem da dita ‘sociedade civilizada’. Existem diversos “fins do mundo” possíveis, e estes podem assumir tantos significados quantos se puderem atribuir. Para muitos dos povos que sofreram o processo civilizatório, e cujos mundos subitamente desapareceram, o “fim do mundo” foi encontrado séculos atrás; sinais de “fim do mundo” podem ser visualizados na Guerra Fria, na segregação do ser humano e no iminente ‘apertado do gatilho’; ou simplesmente, na “breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder”.

A capacidade de adiar o “fim do mundo” estaria, enfim, ligada à resiliência, à qualidade de não desistir. Tal característica espelha a luta dos nossos povos originários que resistem e insistem em adiar o fim de seu mundo, da sua cultura e da sua organização social. Nas palavras do autor, “o tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios



sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim”.

O livro de Ailton Krenak pode contribuir com as discussões acadêmicas em vários campos da Ciência, especialmente no âmbito da Antropologia, da Sustentabilidade, Economia Política, dentre outros. O texto também é relevante para o amplo espectro de movimentos sociais que abordam, de maneira crítica, o modo de produção vigente, principalmente àqueles ligados à temática indígena e ambiental. O grito de Ailton Krenak se junta ao de tantas outras lideranças indígenas, bem como ao de ambientalistas, militantes, cientistas e pessoas comuns, que lutam para que o dito “fim do mundo” não seja vivenciado na prática, se limitando apenas ao campo da retórica.

*Recebido em 15 abr. 2020 | aceite em 20 abr. 2020*





# Entrevistas



A primeira entrevista deste número da **Revista Fim do Mundo** é com o jornalista e escritor venezuelano Modesto Emilio Guerrero (1955-). Modesto publicou inúmeras obras sobre América Latina, Mercosul, além de livros de contos e poesia. Sua obra mais recente é *Quien invento a Chávez?*, um ensaio biográfico sobre o líder da Revolução Bolivariana. Sua biografia *Reportaje con la muerte* foi levada ao cinema em 2009 sob o título *Aunque me cueste la vida* e premiada na Venezuela com o prêmio de Literatura Stefania Mosca 2012; já sua obra *12 dilemas de la Revolución Bolivariana* recebeu "Menção Especial" no Prêmio de Ensaio Gustavo Machado em 2011, ambos na Venezuela.

Nas décadas de 1970 e 1980 fundou sindicatos e dirigiu greves em Aragua; atuou nas insurreições do *Caracazo* (1989), do *Argentinazo* (2001-02) e na greve geral da Colômbia (1976). Modesto vive na Argentina desde 1993, onde se especializou em geopolítica e análise da informação internacional; foi colunista em vários periódicos argentinos como *Página 12*, *La Nación*, *Miradas al Sur*, no boliviano *Época* e no uruguaio *Liberación*.

Nesta entrevista concedida por e-mail ao coordenador-geral do IBEC Paulo Alves de Lima Filho, Modesto abordou questões como os impasses da revolução venezuelana, o imperialismo e a revolução, Juan Guaidó, Chávez e o projeto do Estado comunal, os intelectuais e a revolução, a questão da contrarrevolução sublevada e muito mais.

---



¿Un intelectual tan importante como tú, no te molesta vivir en el exterior?  
¿El autoexilio es productivo?

En principio no me hace infeliz vivir en el exterior porque mi sentido de "patria" no se limita a un país o nación territorial. Victor Serge dijo que su patria era la clase obrera en movimiento. Yo no puedo decir tanto, a pesar de 17 años de militancia en esa clase, en Venezuela, de haber construido tres sindicatos de empresa y dirigido varias huelgas, algunas con ocupación de planta y secuestro de patronos. Yo me conformaría con la proclama bolivariana de que "La patria es América". Luego están las "otras patrias", de las que hablaba García Márquez, los amigos, la militancia, la familia, cualquiera de esos espacios de contención puede funcionar como "patria". Mis amigos y amigas son una patria muy cercana, de mayor acceso, casi cotidiana y menos disputada por guerras de invasión. Hasta 1995 fue la militancia organizada, pero los bruscos cambios mundiales y sus efectos

predecibles en el movimiento marxista, dañaron el rol de patria o patria de la militancia organizada. Hoy, mi patria se reduce a mis amistades y mi trabajo literario, donde se confunden rasgos de militancia con la amistad profunda. Tengo un grupo de amigos de la temprana adolescencia en Venezuela que funciona como patria, son mi patria más extrañada. Sé que toda externidad territorial crea una sensación de exilio, luego de muchos años fuera. Yo llevo más de 20 entre Argentina y Brasil, dos en Colombia hace mucho. Pero nada similar a un "auto exilio". Puedo volver a Venezuela... cuando tenga plata. Conservo amigos y enemigos en el gobierno. Igual que en la vida.

Venezuela mueve el odio de los enemigos y desacuerdos entre los amigos. ¿Hay como promover un shock de realidad y volver a conquistar a los amigos?

Veo muy difícil que Maduro, o quién lo suceda, pueda hacer un shock de amigabilidad



para chavistas descontentos. Ya no es posible. Eso fue posible, de hecho comenzó, entre 2013 y 2014 aproximadamente. Casi dos años de esperanza en que el gobierno daría continuidad al proyecto de transición socialista de Chávez. Esa transición era concreta, el Estado Comunal, que es la fórmula local de la transición al socialismo. Ahí tienes un campo especial de experimentación, de relación entre teoría y praxis. No hay transición o "Estado Comunal" sin la teoría del Estado, teoría de la economía de la transición y una geopolítica relacional. La construcción de la Comuna es eso, una relación intensa, dialéctica, de teoría y acción social masiva para demoler un tipo de Estado y sembrar otro. Como toda cosa compleja, no se puede hacer sin teorías e ideologías. Hay un riesgo acá. Que se use la cuestión de teoría y praxis para esconderse en los libros o viceversa, para huir de ellos. En ese asunto, Lenin fue el mejor ejemplo. Chávez lo quiso intentar, pero ya era tarde. No olvides que Hugo Chávez es un

caso especial. Biográficamente llegó tarde a casi todo, especialmente a la teoría del pensamiento crítico, entre ella el marxismo. Eso no es un pecado, menos de Chávez, pero tiene costos. También es cierto que llegar temprano y alto como los bolcheviques, no garantiza un final feliz. Al negarse a poner en marcha el Estado Comunal, Nicolás Maduro y Diosdado Cabello al frente del gobierno, impidieron ese *shock* emocional gregario y recuperador del entusiasmo revolucionario que tú planteas. Chávez lo lograba haciendo coincidir sus proclamas con sus acciones y conducta personal. Maduro necesita eso y mucho más. Luego de seis años de desperdicio y desentusiasmo revolucionario, solo una invasión yanqui al territorio es capaz de cumplir esa función. Se pudo observar en febrero y marzo. Miles y miles de desencantados se reagruparon, reorganizaron y armaron para defender la patria que gobierna Maduro. Sin eso, la fractura del chavismo es



irresoluble en las actuales condiciones. Siempre fue así con los grandes líderes. Desde Lenin hasta hoy. Es un fenómeno de anormalidad del proceso histórico, la función del líder, eso no fue previsto por el marxismo o el anarquismo, hasta la aparición de Lenin. En la Venezuela chavista hay un problema de desconfianza. Cuando se pierde esta, se disuelve la argamasa que junta a la militancia con los dirigentes o el gobierno. Eso cuesta años lograrlo y muy poco destruirlo. Chávez cometía muchos errores. Pero los reconocía en televisión e intentaba superarlos. No veo eso en Maduro, Diosdado o los otros. La clave, para mí, es el Estado Comunal, el "Golpe de Timón". No lo hicieron entre 2013 y 2019. Ahora cuesta mucho más. Ese tiempo perdido fue aprovechado por el imperialismo para avanzar. Este "detalle" del tiempo en la Política no fué planteado ni comprendido y los costos son feroces. El enemigo no perdona. Esa dialéctica maldita la puedes corroborar en Brasil, Argentina,

Ecuador. La veremos en Bolivia, si continua el mismo camino antiimperialista y no se blinda como Estado-nación. El enemigo es radical cuando gobierna. Los muchachos y muchachas del progresismo latinoamericano hicieron muchas cosas buenas, pero decidieron ser contemporizadores, no radicales. Bien, respetamos su decisión, pero eso tiene costos muy altos.

Estas críticas no son externas, o "intelectuales". Hablo desde la entraña del chavismo. En Buenos Aires no me contratan como periodista por defender al proyecto revolucionario dentro del chavismo. A pesar de eso, defender lo que resta de chavismo en Venezuela y a ésta como nación oprimida es un deber, un principio casi sagrado. Esa es la frontera. Una muralla entre agresores y agredidos. Uno debe estar del lado de la nación oprimida, con su gobierno adentro. Del otro lado están Guaidó, el Grupo de Lima, Macri, Bolsonaro etc. Confundirse sería criminal. Lo que no nos obliga a



esconder las críticas. Esta tarea es la más difícil en la política y la teoría: defender a un gobierno popular y condenar sus crápulas y errores. No hay una receta. Menos (aún una) teoría, hay que inventar. Lenin y Trotsky fueron dos buenos ejemplos de cómo actuar en esos casos, pero no resuelven todos los problemas nuevos. El problema se complica cuando el gobierno popular no soporta la crítica y condena a los criticones como si fueran los enemigos.

### ¿Como ves la relación del trabajo teórico con el movimiento práctico?

Si te refieres a la relación teoría/práctica en Venezuela el balance no es bueno. Chávez no era un teórico. Era un apasionado lector y curioso intelectual bastante abierto a teorías que no conocía, como el marxismo. Pero mi país tiene una sociedad con tradición teórica de "baja intensidad". Chávez no escapó a eso. Incluso en términos académicos, nunca se destacó. Su marxismo fue débil, aunque llegó temprano (a Venezuela) en 1928.

En novelística fue débil, no tuvo un puesto en el boom de los 60. Adriano González León y "País Portátil" fueron lo mejor, pero no alcanzaron para ser parte de la mejor tradición novelística continental. No significa cero. No. Tuvo luminarias como Uslar Pietri o Aquiles Nazoa, políticos brillantes como Moisés Moleiro, Teodoro Petkoff mientras fue marxista, un historiador excelente como Manuel Caballero, un filósofo marxista y poeta luminoso como Ludovico Silva, periodistas sagaces y economistas inteligentes como Zavala y los dos hermanos de Ludovico. Pero la suma de eso no dio para establecer una plataforma, una tradición, como en México, Argentina, Perú o Uruguay. Es más parecido a Brasil, aunque Brasil superó esa brecha y hoy cuenta con mejores universidades que Argentina. En los primeros diez años del chavismo hubo un empuje fuerte. Mejoró mucho. Comenzó a fraguarse una generación intelectual vigorosa dentro y fuera del CIM, Centro



Internacional Miranda. Las editoriales estatales alimentaron a esa generación con lo mejor del pensamiento internacional actual. Pero no fraguó. Quedó a medio camino. Como Chávez y la Revolución Bolivariana. Es lo que explica dos cosas. Uno. Los cuatro gobiernos de Chávez tuvieron a Chávez como político intelectual, pero casi a más nadie como intelectual. Carlos Lanz, de lo mejor del marxismo venezolano vivo, fue solo asesor. Chávez lo nombró presidente de una gran empresa en Guayana. Cuando intentó poner en marcha la teoría y la práctica del control obrero, lo relevaron. Roland Denis fue Viceministro y nunca quisieron integrarlo. Pensaba demasiado para ellos. Al ex Ministro de Planificación Jorge Giordani, se le agradece llevar a Mészáros al país y hacerlo amigo de Chávez, pero teóricamente no aportó nada. El más completo de los ministros de Chávez fue Alí Rodríguez Araque, culto, inteligente. Buen gestor y honrado. Pero no produjo nada nuevo, ni siquiera en lo que era un

experto, la economía petrolera. Se quedó en la "Renta de la Tierra" del Primer Tomo del Capital. Se lo sabía casi de memoria, pero olvidó elementos claves de la economía petrolera, como el sistema mundial de Estados de la IIª Posguerra. Hubo otros de altura intelectual, como generales y varios coroneles que aportaron bastante en teorías sobre Defensa y organización militar. Crearon la Universidad de las Fuerzas Armadas y escribieron cosas interesantes. Segundo. Los dos gobiernos de Maduro no han tenido un solo intelectual de fuste en el Gabinete. Reinaldo Iturriza no es un intelectual en el sentido teórico, sino un sociólogo militante muy creativo. Fue desplazado del Ministerio de las Comunas. El único intelectual, o cercano a esa categoría, en los gobiernos de Maduro, son Jorge Rodríguez, un psiquiatra capaz y el brillante periodista Ernesto Villegas, un cronista de alta calidad. Cuando revisas el conjunto del Gabinete, comprendes por qué nunca se



cumplió el Mandato Personal del moribundo Hugo Chávez, en 2012: demoler el Estado Burgués y construir un Estado Comunal. Menos se iba a comprender la relación entre una "media victoria" y una "media derrota" para la defensa de un Estado oprimido. Maduro tiene el mérito de haber dirigido bien la defensa de Venezuela. Sobrevivió a más pruebas violentas que el propio Chávez. Pero Maduro no comprendió que lo ganado ante los yanquis en Cúcuta era solo una "media victoria". Que eso, por muchos méritos que contenga, no vale igual que la *media derrota* de Trump. En esa dialéctica infernal el tiempo es la clave. Como y para que lo usas. En eso fueron geniales los cubanos con su "media victoria" en Bahía Cochinos. Ellos la supieron convertir en victoria permanente, blindando al Estado y su economía con la separación total del imperialismo. Maduro apostó a la negociación. No entregó al país ni capituló. Y tiene otro mérito: potenció las Milicias

Populares. ¡Genial! Todo eso es muy bueno. Pero apostó al método errado, donde el gobierno está más débil: la relación con el mundo. Las relaciones con EEUU, las inició a la defensiva. El resultado es Noruega y Barbados. Ahí no puede haber solución de nada. Una relación más dinámica entre teoría/experiencia histórica y práctica del movimiento chavista, daría otro resultado. No sin costo, pero más seguro.

¿Crees ser posible un acuerdo civilizado con la contrarrevolución sublevada?

No existe ninguna, absolutamente ninguna, posibilidad de un acuerdo con la oposición. Eso ya pasó. En Venezuela se pasó a la fase donde el fascismo o nazifascismo o pinochetismo, no importa el nombre, es el sujeto protagonista opositor. El fascismo no negocia y si lo hace, és como Ribentropp, para legitimar la invasión, la muerte. Guaidó y Leopoldo López buscan la muerte del chavismo. No negociar nada. Mira, yo tengo





dos amenazas de muerte y vivo a 5 mil km en Buenos Aires. ¿Es necesario dar dos pasos atrás, o más que dos pasos? ¿Hay espacio para una NEP o cosa semejante? Ni dos, ni uno, ni tres. El chavismo avanza a alguna forma de socialismo o será retrocedida a alguna forma de barbarie capitalista pospetrolera. Ya un Ministro de Maduro, el economista Jesús Faría, un excomunista, usó la NEP como bandera en 2014. Muy rupestre. El economista y autor argentino, Fernando Azcurra, ex invitado especial a Venezuela por el Banco Central y la Escuela de Planificación, desmontó lo palurdo de la NEP de Faría en un libro que hicimos juntos, llamado "Derrotas", de ese año. Es una improvisación tras otra, arropada con dos palabras: ("revolución" y "socialismo"). No hay una orientación teórico-política que comete errores y avanza corrigiendo. Existe otra cosa.

¿Cuál el poder real de Maduro? ¿Mayor que el de las fuerzas armadas?

Revista Fim do Mundo, n° 1, jan/abr 2020

El poder real de Maduro radica en las Fuerzas Armadas. No son lo mismo, pero ambos son dos partes de la ecuación del poder actual. Eso no es malo en sí mismo. No tengo prejuicios sobre eso. Cuba fue así entre 1959 y 1965. Rusia fue así entre 1918 y 1921. El pecado no son los militares. El asunto es para qué usas esa ecuación institucional. En el libro "*Chavismo después de Chávez*", explico el cambio de ecuación institucional a la muerte del líder. Lo que era Líder/Ejército/Pueblo, mutó a Ejército/PSUV. Maduro y Diosdado son el PSUV. La primera ecuación era dinámica. La segunda es peligrosamente de acero.

De hecho, hay un impase histórico, en el sentido de no más haber futuro revolucionario, ¿o existe algún proceso interno de creación de una nueva mayoría revolucionaria?

Sigue habiendo intentos de formar otra mayoría revolucionaria. Pero no ha tenido suerte. Hay nombres. Algunas Comunas grandes en



Barquisimeto. La Corriente Nacional Bolívar y Zamora. Otras. No está descartado en absoluto que las Milicias puedan ser el caldo de cultivo para una nueva corriente revolucionaria. No lo aseguró, pero tampoco lo descarto. En Venezuela la clave de las armas tiene más peso que en México, Brasil, Bolivia o Argentina. No se ve un camino fácil para una alternativa revolucionaria. Hay mucha desesperanza, y como decía Trotsky en 1932, esa es una de las dos o tres fuentes del fascismo. Pero en Venezuela nada está cerrado. Nada. La cantidad de militancia organizada es mucha y el peso presencia ideológico casi mediúmnico de Hugo Chávez tiene un peso sobre determinante.

¿La posición de Brasil fué y és un duro golpe a Venezuela?

Claro que el Brasil bolsonarizado es un grave peligro para Venezuela. Sobre todo, porque actúa del brazo de dos imperios, uno pequeño, Israel, y uno muy grande, EEUU.

¿Qué pueden hacer por Venezuela las fuerzas revolucionarias de Brasil en el sentido de desatar el nudo del imperialismo del cuello de Venezuela?

En eso será clave lo que hagan los movimientos, sindicatos y partidos de Brasil. Pero antes deben comprender quien és el amigo y quien él enemigo. Y no sé si eso esta clarificado en la cabeza de millones. Sospecho que no. *O Globo* hizo un trabajo siniestro en Brasil contra todo lo que huele a chavismo, como TN-Clarín en Argentina, NTN en El Caribe, El País en España y la CNN en el resto del mundo. La batalla debe comenzar por ese flanco débil. En ese cuadro de desventaja el PT, la CUT y el MST tienen la máxima responsabilidad en esas dos tareas, porque fueron los más cercanos al gobierno de Chávez y al chavismo. Es lamentable que el *Foro de São Paulo* no haya votado una sola campaña mundial sobre eso.

¿Como ves el apoyo de Rusia y Cuba? América Latina ya vive el tránsito geopolítico del siglo XXI?



De hecho, Rusia y China han jugado un rol excepcional favorable. No importa lo que pensemos lo que son esos Estados y su rol en la mutación tectónica de la geopolítica mundial actual. Sin ellos creo que habrían invadido. Solo pensemos en el poder de los Bonos del Tesoro yanqui que mantiene China. O en la fuerza destructiva nuclear rusa como *fuerza disuasiva*. Pero nada de eso sería decisivo sin un hecho fundamental, poco conocido: LAS MILICIAS BOLIVARIANAS. Sin esa fuerza armada de masas nada sería igual adentro o afuera. Son más de dos millones de militantes armados con mucha conciencia política y Kalashnikov, un fusil superior a los que usan los paramilitares colombianos y el Ejército yanqui. Un asesor del Pentágono dice que en Venezuela Trump sabría "como entrar" pero no "como salir". Esa es la clave. Las guerras no se hacen solo para ganarlas en el terreno sino para reconstruir un poder de

reemplazo. Eso no lo tienen garantizado.

¿Crees que Bolivia puede serle útil al proceso venezolano?

Sí. Bolivia puede aportar mucho al proceso bolivariano. Eso dependerá del destino del proceso boliviano al mando de Evo Morales y García Linera. De hecho, se ve poca relación entre ambos Estados. Bolivia podría prestar más ayuda de la que presta. Más que material, en lo político y simbólico. La economía boliviana es la que más crece y se amplía de derechos en todo el continente. Eso bien usado podría favorecer a Venezuela. Pero no veo nada sobre eso. Supongo que el gobierno de Evo está sometido a presiones contra Venezuela. Solo espero que no hayan caído en la trampa de "Venezuela dictadura", como ocurre en muchos kirchneristas en Argentina. El peso específico del Estado boliviano en la geopolítica latinoamericana no le permite incidir mucho para ayudar a Venezuela. Su economía no es de



escala ni es industrializado, eso tampoco ayuda. Pero en lo político-simbólico, que es un espacio clave (de) la guerra contemporánea, como advierte Carlos Lanz, podría aportar mucho más, porque Bolivia no puede ser señalada de “mal ejemplo”, “economía fracasada”, o aquello de lo que hay que alejarse como se instaló en Argentina con tanta

fuerza que penetró las cabezas de muchos kirchneristas y peronistas. En la campaña electoral de la fórmula Fernández y Fernández están prohibidas tres palabras: chavismo, Venezuela y Maduro. Y no porque sean enemigos como Macri, sino porque están condicionados por lo que impuso el macrismo en la gente. | FIM |

155

*São Paulo, agosto de 2019*



## Entrevista com a direção do Centro Científico Educacional de Estudos Marxistas Contemporâneos (CCEEMC) – Universidade de Moscou

---

156

A segunda entrevista que a **Revista Fim do Mundo** tem o prazer de trazer aos seus leitores é com o CCEEMC, órgão vinculado à Faculdade de Filosofia da Universidade Estatal de Moscou. A figura intelectual central do CCEEMC e seu diretor é o filósofo Aleksandr Buzgalin, professor do departamento de Economia Política e editor chefe de *Questões de Economia Política* (revista acadêmica bilingue russa); também é vice-presidente da Associação Mundial de Economia Política (World Association for Political Economy – WAPE).

Buzgalin é autor de mais de 400 publicações, incluindo 23 livros, traduzidas para vários idiomas. Suas áreas de pesquisa enfocam aspectos metodológicos e fundamentais da Economia Política, em particular as contradições do capitalismo tardio, causadas pelas novas transformações tecnológicas e novas qualidades de mercado, dinheiro e capital na era da revolução criativa. Os resultados de sua pesquisa já foram publicados pelo *Cambridge Journal of Economics* e *Science & Society*, por exemplo. Ele também é autor de livros e artigos na esfera de estudos de desenvolvimento, análise comparativa de sistemas econômicos e natureza da economia russa.

Nesta entrevista, concedida por e-mail ao coordenador-geral do IBEC Paulo Alves de Lima Filho, a conversa girou em torno de temas como a URSS e seu fim, o marxismo russo contemporâneo e a conjuntura russa atual.

---



Conte-nos sobre o CCEEMC, o que faz, de onde é financiado, as principais direções da pesquisa, etc.

O Centro Científico Educacional de Estudos Marxistas Contemporâneos (CCEEMC) foi criado em 2018 na Faculdade de Filosofia da Universidade Estadual de Moscou - M.V. Lomonosov. O Centro não tem suporte estatal e existe através de doações não estatais. Os inspiradores e líderes ideológicos do Centro são os líderes da escola pós-soviética de marxismo crítico, o doutor em economia, professor Alexander Buzgalin e doutor em filosofia, professor Lyudmila Bulavka-Buzgalin. O Centro também possui três jovens pesquisadores: Ph.D. em Economia, professora associada Natalya Yakovleva e pesquisadores Olga Barashkova e Gleb Maslov. As principais áreas de pesquisa da escola do marxismo crítico pós-soviético e do CCEEMC são: a natureza e as contradições do capitalismo tardio; a socialização do capitalismo: seu potencial e limites; aplicação do método

dialético na pesquisa socioeconômica; a natureza da URSS e as lições para o socialismo do futuro; estranhamento e criatividade social; o salto global do "reino da necessidade para o "reino da liberdade". O CCEEMC é livre o suficiente para escolher tópicos de pesquisa, mas a possibilidade de publicar seus resultados em revistas acadêmicas é limitada em torno de questões puramente abstratas do marxismo (sem tocar nos temas da revolução e da política socioeconômica atual na Rússia). Em média, os funcionários do CCEEMC publicam (anualmente) de 3 a 7 artigos nas principais revistas acadêmicas russas. Os funcionários do CCEEMC, assim como todos os marxistas russos, podem publicar livremente somente em duas revistas russas: a revista sociopolítica **Alternativas** (publicada desde 1991)<sup>1</sup> e a revista científica

---

<sup>1</sup> Sítio da revista "Alternativas": <https://alternativy.ru/>; página da revista "Alternativas" na Biblioteca Eletrônica Científica (NEB): Revista Fim do Mundo, nº 1, jan/abr 2020



### **Questões de Economia Política**

(publicada desde 2011)<sup>2</sup>. Além da pesquisa científica, os funcionários do Centro organizam eventos científicos e científico-práticos (seminários, conferências, congressos). Todos os anos, o Centro e seus funcionários participam da organização e realização do **Congresso Econômico Político Internacional** em Moscou, que ao longo dos anos se tornou a principal plataforma para reuniões e discussões de marxistas da Rússia e Bielorrússia, Cazaquistão e Quirguistão, Ucrânia e Estônia, além de outros países do mundo.

O marxismo é estudado nas universidades russas?

<https://elibrary.ru/contents.asp?titleid=26309>.

<sup>2</sup> Sítio da revista "Political Economy Issues": <http://interpolitec.su/>; página da revista "Issues of Political Economy" na Biblioteca Eletrônica Científica (NEB): <https://elibrary.ru/contents.asp?titleid=57993>.

A resposta a esta pergunta é complexa, porque não temos informações abrangentes para toda a Rússia. Pode-se dizer com certeza que na Universidade Estatal de Moscou (MSU), os cursos diretamente marxistas são ministrados - por exemplo, o curso de Economia Política da Faculdade de Economia da Universidade Estadual de Moscou -, mas esse é um curso opcional, com a participação de 30 a 100 alunos. Além disso, funcionários do CCEEMC desenvolvem e lecionam cursos interfaculdades (Marxismo moderno: problemas filosóficos do desenvolvimento econômico, político e sociocultural; Marx-XXI: para entender a anatomia da sociedade moderna e outros cursos) para estudantes de graduação e pós-graduação em ciências filosóficas, políticas e outras faculdades da Universidade Estatal de Moscou- M. B. Lomonosov, mas eles também não são obrigatórios. Na Universidade Estadual de São Petersburgo, são ministrados



cursos que incluem elementos do marxismo, mas que não são diretamente marxistas. Nas demais universidades do país, apenas professores individuais, no âmbito do curso da teoria econômica e de filosofia social incluem elementos insignificantes do marxismo, mas essa é uma exceção que, infelizmente, é extremamente difundida nas universidades russas. No entanto, nos últimos três anos, na Rússia, se formaram ativamente círculos de estudo do marxismo, a partir de baixo, por iniciativa dos jovens e já existem mais de 100 deles em pequenas e grandes cidades da Rússia, praticamente em todo o país, de oeste a leste.

### Qual é a tiragem das revistas e livros marxistas na Rússia?

A tiragem de revistas na versão em papel é pequena, geralmente cerca de 500 cópias são impressas. Os livros são impressos em quantidades de 100 a 500 cópias, mas alguns deles são muito mais amplamente distribuídos e reimpressos muitas vezes. Um exemplo disso é a



publicação de um livro de dois volumes, O Capital Global, que já está em sua 5ª edição.<sup>3</sup> Existem livros de arte de orientação à esquerda (por exemplo, os livros de Black D.), escritos sob uma perspectiva marxista e publicados em grandes edições (a partir de 1.000 cópias). Os textos marxistas de natureza científica e jornalística são amplamente divulgados através de sites, correspondências na rede e grupos de mensagens (de 5.000 a 50.000 visualizações). Existem vários canais de esquerda do YouTube bastante conhecidos (STATION MARX, AGITPROP)<sup>4</sup>. Por meio desses canais, entrevistas e palestras de estudiosos marxistas

<sup>3</sup> Buzgalin A.V., Kolganov A.I. Capital global. Em 2 vols. T. 1. Metodologia: Além do positivismo, pós-modernismo e imperialismo econômico (Marx recarregado). T.2 Teoria: hegemonia global do capital e seus limites. Moscou: LENAND, 2018.

<sup>4</sup> Link para o canal do YouTube da STATION MARX: <https://www.youtube.com/channel/UC0eLHZT61PUZT5rFQhRpPeA>. Link para o canal do YouTube da AGITPROP <https://agitblog.ru>.



russos (visualizações de 1.000 a 200.000) foram amplamente utilizadas na Rússia e em outros países. Recentemente (3-5 anos), o interesse pelo marxismo na Rússia tem aumentado, especialmente em palestras sobre o tema da política econômica atual e, talvez, um interesse ainda maior sobre tópicos da história, que recentemente se tornaram objeto de discussões muito amplas na Rússia. Antes de tudo, a história da URSS, a história da Primeira Guerra Mundial, da revolução e a história de determinados indivíduos.

Qual é o panorama do desenvolvimento da teoria do marxismo na Rússia? Na sua opinião, quais são as correntes e teóricos mais poderosos do marxismo russo contemporâneo?

No espaço pós-soviético em geral e na Rússia em particular, as duas décadas após o colapso da URSS foram marcadas pelo domínio das ideias liberais de direita e por uma política rígida de pressão sobre o marxismo e a pesquisa marxista. Revista Fim do Mundo, nº 1, jan/abr 2020

O nome e a teoria de Marx, oficialmente implantados na URSS, começaram a ser oficialmente expulsos do processo educacional e da pesquisa teórica. No entanto, no pensamento público, nas últimas duas décadas, a insatisfação com o domínio monopolista de ideias e paradigmas liberais de direita também tem crescido cada vez mais. Desde os anos 2000, e especialmente em conexão com a crise financeira e econômica global que começou em 2008, a Rússia se voltou cada vez mais para a teoria de Karl Marx, não apenas como uma parte importante da história do pensamento social, mas também como um recurso metodológico e teórico real. Apresentaremos brevemente o panorama do desenvolvimento do marxismo na Rússia moderna. **Primeiro**, uma corrente muito vaga, que pode ser arbitrariamente designada como "reformista" ou "social-democrata", significando não clichês ideológicos, mas qualificações científicas: uma



revisão fundamental dos princípios básicos de Marx. V. Afanasyev, A. Weber, A. Galkin, Yu. Krasin, V. Medvedev, R. Medvedev, B. Orlov, Yu. Pletnikov, V. Tolstykh, G. Tsagolov e muitos outros escrevem nesse sentido. Quanto ao componente filosófico, um dos trabalhos que causaram sensação foi o livro do acadêmico T. Oiserman "Marxismo e utopismo" (2003), no qual o autor, atuando como ex-ideólogo do Marxismo-Leninismo, repetiu as principais linhas de crítica a Marx, típicas dos teóricos de direita da socialdemocracia europeia. Os representantes dessa tendência reconhecem, em primeiro lugar, a correção de algumas das disposições de Marx em relação às realidades do século XIX e, em segundo lugar, apoiam as ideias básicas de avançar em direção a uma maior justiça social e humanização da sociedade existente. Ao mesmo tempo, as conclusões fundamentais de Marx sobre o "fim da pré-história" e o salto da humanidade em direção ao "reino da liberdade" são em

grande parte abafadas ou interpretadas de maneira significativamente diferente de Marx (na forma de ideias de uma sociedade pós-industrial etc.), ou são negadas diretamente. Essa corrente é representada principalmente por especialistas no campo da filosofia social e cientistas políticos. Eles lutam pela "convergência positiva" das principais realizações do marxismo e liberalismo na teoria, elementos do sistema capitalista e do socialismo - na prática. **Em segundo lugar**, há também um **círculo muito variado de intelectuais de esquerda**, que apenas se classificam em parte como seguidores de Marx, mas ocupam posições pró-socialistas. Com todas as diferenças nos representantes dessa tendência, a maioria delas permanece no campo de uma compreensão materialista da história e procura maneiras de mudar para um mundo do futuro que não seja o sistema social atual. Entre os filósofos, esses são, em particular, intelectuais relativamente jovens,



gravitando em direção a uma metodologia pós-moderna em geral e a uma interpretação pós-moderna de algumas das ideias de Marx, em particular. Essa direção é representada por A. Penzin e outros membros do grupo "O que fazer?". Eles comentam e desenvolvem principalmente o trabalho dos gurus europeus. Entre os intelectuais de esquerda independentes, os autores desempenham um papel importante, que, com algum grau de condicionalidade, pode ser atribuído aos cientistas políticos. O mais próximo do marxismo é B. Kagarlitsky. Suas obras são principalmente de natureza analítica e jornalística, e um livro especialmente dedicado a Marx e ao marxismo, em sua ênfase, gravita em torno do que foi chamado eurocomunismo, em meados do século passado. **Em terceiro lugar**, há também um grupo muito amorfo, ao qual pertencem os **autores da geração mais velha, que emergiram do marxismo crítico**

**da era soviética**, mas agora preferem não associar suas obras estritamente ao nome de Marx. Um dos mais famosos dentre eles é V. Mezhuev, cujos pontos de referência são a distinção entre Marx como crítico da economia política e os intérpretes ortodoxos-soviéticos desse pensador, que se concentraram nas "três fontes e três componentes do marxismo" (filosofia, economia política e socialismo científico). Um componente importante dos desenvolvimentos teóricos deste autor é a tese sobre a sociedade futura como sociedade não econômica, que se encontra no espaço da cultura.

**Quarto**, há um **grupo muito grande de historiadores de esquerda**, entre os quais existem autores mais próximos das teorias de Bakunin e Kropotkin do que Marx. Este é V. Damier (uma série de obras sobre a história do anarquismo), A. V. Shubin (autor de uma série de obras que analisam criticamente a experiência da URSS e revela o



potencial de uma sociedade futura baseada em relações de auto-organização, interações de redes horizontais e democracia de base), I. Leontiev (um crítico severo do stalinismo) e outros. **Em quinto lugar**, um **círculo bastante amplo de economistas que não enfatizam sua adesão à teoria política e econômica de Marx**, mas trabalham principalmente dentro da estrutura dessa metodologia e gravitam para ideias esquerdistas em interpretações muito diferentes delas. São G. Gloveli (um conhecedor da metodologia e das teorias de Bogdanov e Wallerstein e seus seguidores), S. Gubanov (um economista que se dedica a ideias estatistas), M. Pavlov, Yu. Pavlenko, E. Sobolev, I. Sobolev e outros. Teóricos, que cresceram mesmo na escola soviética do marxismo crítico, gravitam em busca da integração da economia política clássica de Marx com o neoclassicismo (O. Ananyin, L. Grebnev, E. Krasnikova, A. Sorokin, K. Khubiev e outros), institucionalismo (A. Moscovsky),

eslavofilismo (V. Volkonsky, V. Kulkov, etc.). **Sexto**, eu gostaria especialmente de destacar **duas comunidades heterogêneas de filósofos**, que geralmente são muito próximos da herança ideológica de Marx e de seus seguidores criativos na URSS. Um deles são **os pesquisadores da herança do maior filósofo soviético Evald Ilyenkov** (V. Lazutkin, G. Lobastov, S. Mareev, E. Mareeva, A. Sorokin e outros; além deles, está o professor L. Naumenko, que é mais próximo da escola de crítica pós-soviética). Outra é uma **comunidade de estudiosos que se relacionam com os seguidores e estudantes de outro notável marxista soviético, aluno e amigo de D. Lukach - Mikhail Lifshitz** (V. Arslanov é o líder dessa comunidade). **Sétimo**, entre os **autores que trabalham na interseção entre economia, sociologia, política e cultura**, se deve prestar atenção aos trabalhos de A. Baranov, A. Prigarin, G. e B. Rakitsky, V. Khazanov, S. Chernyakhovsky, A.



Shendrik; entre historiadores - A. Gusev, S. Novikov, V. Loginov (o maior pesquisador da Rússia da vida, atividade, obra de V. Ulyanov-Lenin), D. Churakov e outros. **Oitavo**, o curso dos **seguidores ortodoxos de Marx** é preservado, na pessoa de alguns representantes que chegam ao nível do grotesco stalinismo-zhdanovismo, na pessoa de outros (principalmente R. Kosolapov e D. Dzhokhadze) - elevando-se à adequação à herança clássica do próprio Marx. Na maioria dos casos, esses autores reproduzem as principais disposições dos padrões soviéticos de meados do século passado com o acréscimo de inovações, principalmente relativas a críticas - bastante justificadas - do desenvolvimento capitalista moderno da Rússia e tendências stalinistas mais ou menos fortes.

*Nono*, se destaca em seu espectro de correntes marxistas, a **escola pós-soviética do marxismo crítico** em cujo círculo de representantes se incluem o

autor destas linhas e outros que aqui escrevem. **Nós nos declaramos como aqueles que se esforçam para remover o desenvolvimento dialético da metodologia e da teoria de Karl Marx.** Somos críticos do reformismo social-democrata, mas, ao mesmo tempo, enfatizamos não apenas a reatualização das ideias clássicas de Marx, mas também sua negação positiva, crítica e desenvolvimento dialético. **Nossa escola foi formada em torno de três projetos:** a revista Alternativas (publicada regularmente desde 1991), um seminário de professores que trabalha há mais de 15 anos em diálogo com o Comitê de Educação da Duma do Estado (parlamento russo) e a Internet, criada em 2007, e a Internet-Universidade "Socialismo-XXI". Descrevendo nossa direção, gostaríamos de chamar a atenção para uma série de trabalhos publicados na última década, muitos dos quais se referem à escola pós-soviética do marxismo



crítico. Em geral, os textos de mais de 20 filósofos russos conhecidos pertencem a esta série. Além disso, nossa corrente está longe de ser uniforme. Em contraste com o dogmático "marxismo" soviético (e não apenas), partimos do fato de que as críticas de K. Marx e seus associados, o desenvolvimento desse bloco de ideias através de seu substancial enriquecimento e mudança de acordo com a mudança da realidade, nos tornam não apenas marxistas, mas marxistas críticos, sem medo de questionar tudo o que encontram em sua prática sócio teórica. É muito mais difícil determinar a atitude de vários seguidores críticos de Marx na Rússia do século XXI, em relação aos seguidores mais famosos de K. Marx do século passado. Alguns de nós gravitarão em torno dos trabalhos teóricos de V. Ulyanov-Lenin, outros – de N. Bukharin, outros – de L. Trotsky. Mas nenhum de nós assume como fé o dogma da obra de um ou outro representante da galáxia dos marxistas "pós-marxistas". No

entanto, existe um círculo de cientistas do século XX, cujas obras se tornaram talvez as mais significativas para nós. São estudiosos como Antonio Gramsci, Gyorgy Lukács, Mikhail Lifshitz, Ewald Ilyenkov, Jean-Paul Sartre, Erich Fromm e muitos outros representantes do marxismo humanista criativo (e não do marxismo) do século passado. Além disso, quase todos nós estávamos longe do marxismo analítico, um pouco mais próximo da escola Práxis, seletivamente inclinados a dialogar com o pós-modernismo de esquerda, em relação ao qual a maioria era crítica, mas não criticista. Igualmente limitado é o nosso diálogo com os teóricos da socialdemocracia ocidental. Muito mais perto de nós estão os teóricos dos novos movimentos sociais, os do eco socialismo, os pesquisadores de esquerda das tendências pós-industriais (W. Haug) e das questões globais, os estudiosos modernos próximos das tendências do trotskismo (D. Bensaid) e do eurocomunismo



(teóricos que cooperam com redes e revistas tais como *Transform*, *Historical Materialism*, *Science and Society*). Nossa abordagem também ecoa os desenvolvimentos do marxismo apartidário norteamericano das décadas de 1950 e 1970 do século XX e algumas ideias da Escola de Frankfurt.

**Os principais invariantes significativos da escola pós-soviética do marxismo crítico:**

1. De maneira esmagadora, procedemos consistentemente desde a posição de Marx de que o sistema capitalista em geral (e, acrescentamos, o capital global moderno em particular) é um sistema historicamente limitado. Ele trouxe à humanidade muitas conquistas e muitos crimes, mas quanto mais longe, mais ela se desenvolve ao longo de uma trajetória cada vez mais perigosa e, finalmente, sem saída, já que, em geral, já cumpriu sua missão histórica progressista.
2. Consideramos possível que o desenvolvimento da humanidade e, em particular, da Rússia, ao

longo de um caminho socialista, envolva um salto qualitativo no caminho da emancipação do homem do poder das forças sociais alienadas e da coerção econômica e não econômica, da libertação do poder e do capital e do humanamente incontrolável poder político. A trajetória de desenvolvimento socialista no quadro de nossa corrente é definida como a remoção do capitalismo e do "reino da necessidade" como um todo.

3. É bastante óbvio, para nós, que uma sociedade que remove positivamente o capitalismo se baseará em atividades predominantemente criativas, desenvolvendo-se principalmente no espaço da creatosfera, a esfera da co-criatividade. Trata-se de avançar em direção a um mundo que remove o capitalismo e supera os estreitos horizontes do sistema industrial, sobre o "socialismo pós-industrial", se você preferir.

4. Em certo sentido, criticando o modelo predominantemente linear-progressivo de Marx, seus



estudantes e críticos russos provam que a experiência do século XX mostrou que o movimento ao longo da trajetória socialista é um processo longo e não linear - um processo de reformas e contrarreformas, revoluções e contrarrevoluções, vitórias e derrotas, sucessos e desvios e o processo é mundial, intimamente interconectado em todos os seus elos, mas ao mesmo tempo desigual. Em diferentes áreas do espaço social (países, regiões, redes internacionais), ele ocorre em conjunto, mas de maneira diferente. Portanto, o destino do futuro próximo é a iniciação e o apoio aos primeiros brotos deste novo mundo dentro do sistema anterior, o desenvolvimento de formas de transição para o socialismo nos enclaves da comunidade mundial (repetimos: não apenas países e regiões, mas também em redes, o mundo da cultura), onde as tarefas do socialista são colocadas conscientemente desenvolvimento, a luta por outra

- socialmente, humanisticamente, ambientalmente orientada e, a longo prazo - socialmente orientada - integração. Enfatizamos que o desenvolvimento da teoria das transformações sociais não lineares e das relações de transição é uma das áreas de pesquisa mais interessantes e "avançadas" para os críticos-herdeiros russos de Marx. Finalmente, notamos que nossa escola está se desenvolvendo e seus jovens representantes trazem suas novas ideias, das quais podemos falar com confiança como uma nova palavra no marxismo somente após um certo período de tempo. A resposta a esta pergunta é apresentada em detalhes no trabalho Buzgalin A.V. "Marxismo depois do capital: o contexto russo" - Relatório na conferência internacional "Capital" XXI: Filosofia, Metodologia, Teoria" dedicada ao 150º aniversário do lançamento do 1º volume de capital por K. Marx





(capítulo 1. Reativação do marxismo russo).<sup>5</sup>

Quais são as relações dos teóricos do marxismo com os partidos políticos da Rússia? Qual a influência dos teóricos do marxismo na política?

168

Na Rússia, há uma organização comunista absolutamente dominante, o Partido Comunista da Federação Russa (PCFR), liderado por Guennadyi Zyuganov. É um dos partidos parlamentares; geralmente recebe de 10 a 20% dos assentos no parlamento russo (atualmente, cerca de 15% dos assentos). O Partido Comunista da Federação Russa não presta muita atenção ao trabalho teórico dos estudiosos marxistas e se concentra mais nos teóricos que estudam as características da chamada civilização soviética, combinando uma abordagem civilizacional com elementos do marxismo. Os desenvolvimentos teóricos próprios no campo do

marxismo, no âmbito do Partido Comunista, são realizados em pequena escala. Além desse, existe na Rússia o Partido dos Trabalhadores Comunistas da Rússia (PTCR), que na década de 90 do século XX totalizou mais de 50.000 membros; no entanto, agora diminuiu mais de 10 vezes, mas continua sendo uma organização ativa. Ela se posiciona na posição do stalinismo e do marxismo ortodoxo, conforme alterada pelos livros soviéticos da era Stalin I.V. Dentro desta organização, existem vários teóricos marxistas bastante fortes, muitos dos quais são cientistas bastante grandes, por exemplo, o professor Richard Kosolapov. Muitos teóricos marxistas estão distantes das organizações políticas, embora alguns deles cooperem ativamente com pequenos grupos comunistas e socialistas. Por exemplo, a escola pós-soviética de marxismo crítico mantém um diálogo próximo com o Partido Comunista Unido e com várias organizações políticas de esquerda e ativistas sociais de

---

<sup>5</sup> A ser publicado em futuro número especial de nossa revista, pela editora Aramarani.



esquerda que na Rússia devem ser qualificados como socialdemocratas e não são membros de partidos políticos; no entanto, em alguns casos, eles são membros de parlamentos regionais. Não há influência direta dos teóricos marxistas na política na Rússia. Contudo, um diálogo bastante ativo, conduzido em particular por nossa atual (a escola pós-soviética do marxismo crítico) com representantes de organizações políticas de esquerda independentes e, mais importante, com ativistas e movimentos e organizações sociais, fornece resultados consideráveis. Por exemplo, uma série de Fóruns Sociais que ocorreram nas cidades russas, não apenas em grandes centros federais, mas também em nível regional, pode ser atribuída a este último. O último Fórum Social foi realizado em maio de 2019 em São Petersburgo, reunindo mais de 400 delegados de todo o país, representando mais de 20 organizações públicas diferentes (sindicatos independentes,

organizações educacionais, ambientais, organizações públicas feministas) e representantes de organizações políticas de esquerda, grupos, incluindo o Partido Comunista, o PTCR e outros. Este fórum foi organizado com o apoio direto da revista sócio-política *Alternativas* e dos estudiosos marxistas da escola pós-soviética de marxismo crítico.

Como determinar o capitalismo russo, suas características modernas mais importantes e o futuro?

**O capitalismo russo moderno é um capitalismo oligárquico-burocrático de tipo semiperiférico.** Oligárquico - significa que as principais riquezas e poder econômico do país estão concentrados nas mãos de um número limitado (várias dezenas) de proprietários importantes, principalmente no setor de matérias-primas, no campo das finanças e serviços dessas áreas, bem como no complexo industrial militar (onde o capital privado funde-se com o poder do estado). O capitalismo burocrático é



caracterizado por um alto grau de controle estatal sobre a economia e, na maioria dos casos, é um controle informal (o controle formal do estado na Rússia não é superior ao da Europa). Um papel importante na Rússia moderna é desempenhado pelo chamado governo-sombra - quando, com base em instruções pessoais de altos funcionários do governo e altas autoridades do governo, as empresas privadas são forçadas a tomar outras decisões, em alguns casos não eficazes para os negócios ou vice-versa, extremamente eficazes para os negócios, mas não são eficazes para a sociedade. O capitalismo oligárquico-burocrático é uma fusão dos negócios com a liderança estatal sênior e sua implementação conjunta da atividade econômica, em vez de subornos diretos que podem ser rastreados formalmente de maneira econômica. Quanto à natureza semiperiférica do capitalismo russo, este é um sistema que combina as características do núcleo da

economia e da economia da periferia. A economia do núcleo da Rússia é o legado da economia da URSS: um poderoso complexo industrial-militar que ainda mantém pequenos oásis de desenvolvimento altamente tecnológico, principalmente no campo espacial e em várias áreas de outras ciências e alguns setores de produção. No que diz respeito à maior parte da indústria, ao setor agrícola e à qualidade de vida das pessoas, este é um país semiperiférico, em alguns casos até periférico. Uma característica típica do totalitarismo periférico que existe na Rússia e, especialmente nas regiões onde as relações patriarcais são preservadas (por exemplo, as regiões muçulmanas do Cáucaso e da Rússia central), é o alto papel das relações de dependência pessoal. Além disso, uma das características mais importantes da economia periférica é um alto nível de diferenciação social e pobreza. A resposta a esta pergunta é apresentada em mais detalhes no



livro "Capital Global" em 2 volumes, autores: Buzgalin A.V., Kolganov A.I. (Volume 1. Características da evolução sócio histórica da Rússia; Volume 2. Especificidades das relações industriais da economia russa).<sup>6</sup>

*A sociedade soviética e a revolução russa são tópicos relevantes de pesquisa na Rússia moderna?*

Recentemente, na Rússia, houve um renascimento do interesse pela história soviética. Entre os tópicos da revolução, o confronto de brancos e vermelhos na guerra civil é discutido ativamente. Agora, na Rússia, surgiu uma situação em que é possível uma coalizão de apoiadores de brancos e vermelhos com base no renascimento da grande Rússia. Infelizmente, essa tendência é generalizada, é claro que está longe do marxismo e é de natureza bastante conservadora e imperial, com indícios de monarquismo e discurso religioso

ortodoxo. Essa tendência é contrariada pelas ideias de esquerda, de ambos os lados, essas são as ideias de stalinistas radicais e as de socialistas-internacionalistas democráticos. Particularmente discutida é a natureza do confronto na Guerra Civil e suas vítimas. O tema do ouro alemão e Vladimir Lenin, como supostamente um agente do Estado Maior Alemão, recebeu ressonância muito grande na época e ainda está sendo debatido. Este tópico é especulativo e é divulgado ativamente pela mídia oficial. No entanto, cientistas de esquerda, historiadores e propagandistas se opõem a esse mito publicando informações verdadeiras sobre esse assunto e falando na televisão e no rádio com uma audiência de centenas de milhares de pessoas. Grandes discussões foram realizadas em torno dos tópicos de coletivização, industrialização e repressão stalinista, mas recentemente esses tópicos foram menos discutidos. No meio acadêmico se discute a

---

<sup>6</sup> A ser futuramente publicado pela em número especial da nossa revista.



natureza da URSS. Em particular, Alexander Buzgalin, Andrei Kolganov e Lyudmila Bulavka-Buzgalina escreveram o livro "URSS: Uma tragédia otimista". Este livro possui um capítulo especial sobre a natureza da URSS (capítulo 1. O que é a URSS: economia, política, cultura. Seção 1.1. E 1.2).

*Qual é o nível de alienação na sociedade russa moderna em comparação com o período soviético?*

A resposta a essa pergunta requer um estudo sistemático abrangente de vários aspectos da vida econômica, social e cultural da sociedade soviética e russa. Em resumo, o seguinte deve ser observado. A União Soviética foi caracterizada por diferentes formas e diferentes graus de alienação em diferentes estágios de seu desenvolvimento. O período de formação da sociedade soviética e a nova política econômica (NEP) foram caracterizados por dinâmica ativa, crescimento da energia social, criatividade social e rápida

remoção das antigas formas capitalistas e patriarcais de alienação, embora não completas. O modelo stalinista de construção da sociedade e da economia, baseado na subordinação a um único centro com um poderoso aparato burocrático-repressivo, deu origem a formas específicas de alienação, como a subordinação política e ideológica direta dos indivíduos, embora ao mesmo tempo problemas socioeconômicos e problemas de desenvolvimento cultural do indivíduo com a existência simultânea da ditadura partidária no campo da cultura. O período de Stalin foi caracterizado pelas contradições da criatividade e entusiasmo social ativos e pela remoção da alienação na economia, na política, na cultura, por um lado, e na ditadura política, por outro. O degelo de Khrushchev, no final dos anos 50 e 60, foi um período de máxima alienação na URSS, embora, é claro, muitas de suas características tenham se manifestado: um sistema político



autoritário, controle político sobre a cultura, ciência, a formação de uma economia deficitária, combinada com um rápido aumento no bem-estar das pessoas. Durante o desenvolvimento pós-soviético na Rússia, de acordo com A.V. Buzgalin, o grau de alienação aumentou, enquanto a alienação adquiriu uma natureza diferente. Hoje, na Rússia, está emergindo um sistema de relações de alienação, ditado pelo mercado total, pelo domínio da nomenclatura burocrática do estado, na qual estão unidos os grandes proprietários de capital e a elite política do estado, a sobrevivência da burocracia soviética e o renascimento de várias características da era feudal tardia, incluindo características do monarquismo, da ideologia ortodoxa, repressão religiosa etc. As principais formas de alienação estão ligadas à subordinação do indivíduo ao capital, à burocracia, bem como à enorme desigualdade social, à ausência de

garantias sociais e a um mercado emergente (como observado acima para o tipo semiperiférico) de um modo de vida em que uma pessoa precisa trabalhar duro para adquirir um conjunto limitado de bens de consumo .

Quais países do BRICS são mais estudados na Rússia? Qual é o interesse em estudar o Brasil na Rússia?

Dos países do BRICS na Rússia, atenção especial é dada ao estudo da China, um pouco menos do que a Índia, o Brasil e a África do Sul são estudados muito pouco. Mas nós, cientistas marxistas, representantes da escola de marxismo crítico pós-soviético, queremos estudar a experiência do Brasil, porque sabemos que vocês têm grandes tradições do movimento de esquerda. Também estamos muito interessados na experiência das políticas econômicas e sociais de Lula da Silva e Dilma Rouseff.

| FIM |

*Moscou, novembro de 2019*

Revista Fim do Mundo, nº 1, jan/abr 2020



# Manifesto



## GOLPE DE ESTADO NA BOLÍVIA

El Alto inundou o centro de La Paz, agora defendido pelo Exército e Polícia. Um exército cujo comandante em chefe pediu a renúncia de Evo Morales e uma polícia que se negou a garantir o poder do governo constitucionalmente eleito. De fato, Igreja, Exército e Polícia, a seu modo e com suas razões, conduziram o impasse das eleições à renúncia outorgada unilateral do presidente, seu vice e ministros, caçados como feras, escondidos no Chapare, lá escondidos sob ameaça de morte.

Tão ameaçados que o governo mexicano, fiel à sua tradição centenária, apressou-se em oferecer asilo ao perseguido chefe de governo e seus auxiliares a milhares de quilômetros. Bem mais próximo da fronteira com Bolívia estava o presidente brasileiro, representante de um país historicamente bem mais influente nos negócios bolivianos. Poderia ele haver sido gentil e haver resolvido essa emergência de modo fácil. Bastaria um telefonema. Nem lhe seria necessário saber falar espanhol, dado aos generais daquele país, boa parte deles, ter por norma estudar nas academias militares brasileiras.

A identidade bandeirante do mandatário tupiniquim, contudo, em tudo contraria a dos seus congêneres mexicanos, crescidos sob a herança da revolução mexicana. A colonização judaico-cristã promovida pela Coroa portuguesa foi radicalmente distinta da espanhola, monárquico-jesuítica. Nesta preserva-se, para além de idêntico afã hematófago, a possibilidade da preservação de nichos da sociedade ancestral dos indígenas, fato que a Revolução mexicana, no caso, ampliou, ao contrário da bandeirante, essencialmente genocida e culturicida.





E foi assim que o longo braço solidário da identidade mexicana abalou-se a atravessar as Américas até La Paz, em viagem conturbada por vetos de sobrevoo de espaços aéreos, para salvar um presidente indígena aymará, mais um intelectual revolucionário *criollo*, dos maiores de seu país, assim como outros mestiços ou não, dirigentes da revolução, condenados á morte pelos golpistas e suas milícias cristãs pentecostais.

Ao invés da mui tradicional repressão estatal, policial-militar, exercida desde os tempos coloniais e aprimorada nas repúblicas de matriz lusa ou hispânica, agora emergem os novos e oficiais braços armados do capital, as milícias dos cultos pentecostais, dos garimpos clandestinos, dos negócios públicos privatizados e do tráfico variado. Eles se esparramam pelos espaços urbanos e rurais em sua guerra sem quartel aos estados nacionais e democratas, ao povo pobre em geral, poderosas armas do poder dos novos e velhos capitais privados que vai contaminando e ganhando posições em todos os níveis do executivo e da burocracia estatal.

São, assim, o novo braço para estatal da repressão antidemocrática das minorias proprietárias e dominantes, verdadeiros exércitos mercenários, ou seja, força política de primeiro grau e fora do controle dos estados nacionais, formas agudas de estado de exceção permanente vivido, em maior ou menor grau, por boa parte dos países ibero-americanos.

Pois foi assim que os dirigentes do estado foram caçados à morte e os deputados do MAS impedidos - inclusive Adriana Salvatierra, a terceira na linha sucessória- de entrar no congresso, o que permitiu o golpe parlamentar de Jeanine Áñez. A classe média furibunda e seus aliados, autoproclamados ultrarrevolucionários comunistas metafísicos internacionais, que viam neles atores de um levante popular antiditatorial, antievista, já controlavam as ruas. Quando El Alto desceu a La Paz, então o



Exército e Polícia entraram em ação. O poder popular em movimento só poderia ser contido pelo poder estatal repressivo.

Perdido o momento de afirmação do poder legítimo, a ofensiva popular correu atrás do prejuízo causado pela renúncia outorgada e alcançou a situação de duplo poder. A maioria *evista* elegeu o presidente da Câmara e negou a renúncia e o poder da autoproclamada nova presidente. O poder das ruas instala o duplo poder.

A ofensiva popular só afastará o poder golpista, superando-o, derrotando-o no campo do poder de fato. Ou, então, no caso de que uma força externa poderosa obrigue o golpismo a recuar e aceitar eleições livres, o que parece cada vez mais impossível. Mas a força da democracia em pé, desarmada; por mais que El Alto tenha se esforçado, não conseguiu se impor à democracia armada supostamente favorável à revolução, oficialmente representada pelo exército e polícia, que se revelaram, de fato, forças da contrarrevolução.

Esta força externa poderia ser a OEA ou a ONU, quem sabe o Vaticano, mas tudo soa improvável, dada a inquestionável presença norteamericana neste golpe. Os golpistas não arredarão pé e os indígenas idem. A Bolívia alcançou um seu limite. Os indignados pequeno burgueses e seus aliados do inefável ultrarrevolucionarismo choram as pitangas por se verem atropelados pelo poder de fato do poderoso golpismo dos proprietários – exército, polícia, milícias –, voltaram às suas salas de aula e pequenos negócios, às voltas com as delícias do desabastecimento e do caos, cujo fim está, pelo visto, bem distante.

Enquanto isso, Evo e Linera são relegados, pela mídia monopolista oficial e críticos da direita e esquerda metafísica, ao ostracismo das personagens insignificantes. De acordo com o missal comum a eles, ambos



foram longe demais ao postularem um quarto mandato após terem sido derrotados no plebiscito que antecedeu às eleições, este enfim aprovado pela Corte Suprema. Esta, para todos os efeitos, ainda de acordo com esses críticos, cooptada pelo poder, do mesmo modo como são ignoradas as razões pelas quais foi aprovada a quarta postulação de Evo.

Pela letra do missal, em seguida, Evo e a Junta Eleitoral se mancomunaram na fraude eleitoral dessa eleição, fato dado como verdade revelada. Então, constrangido pela fraude e sublevação das classes médias mobilizadas, pela recusa da polícia em conter os enfurecidos antievistas, Evo aceita a recontagem de votos e, depois, a proposta da OEA de realização de novas eleições, abraçada por esta a certeza da fraude, em etapa posterior à proposta de recontagem, logo abruptamente abandonada.

Mas o golpismo não aceita nem a recontagem, muito menos as novas eleições, e em gesto decidido e, Bíblia em punho, toma de assalto o governo, persegue o MAS e seus dirigentes, saqueiam, incendiam suas casas, sequestram e chantageiam. Impede que o MAS assuma de pleno sua maioria no parlamento. Entrementes, Evo, Linera e ministros, escondidos no Chapare, renunciam, enquanto Jeanine Áñez se autoproclama presidente da república e proclama, do alto da impostura de sua suprema ilegalidade, o veto à candidatura de Evo nas eleições que ela supostamente promoverá em futuro próximo indefinido.

O núcleo da crítica, como vemos, está confinado às questões políticas derivadas dos supostos erros oportunistas praticados pela dupla Evo-Linera (aliados, aliás, dizem os críticos, do imperialismo), o centro determinante do golpe resta totalmente obscurecido, ou seja, a revolução democrática pela soberania econômico-política da nação. Nela, a garantia da



nacionalização do lítio, ao lado do petróleo e gás, é garantidora da expansão da soberania nacional.

Na Bolívia, a conquista de Troia foi explícita, o cavalo foi desnecessário. Foram as tropas populares – indígenas em primeiro lugar – que entraram e conquistaram a cidadela inimiga, embandeiradas por um partido cujo nome já explicitava o objetivo estratégico programático, MAS, *Movimiento hacia el Socialismo*. Ao contrário, no Brasil, se dizia querer conquistar Troia (e queriam mesmo?) sem declaração de guerra, sem sair de dentro do cavalo, por meio de um partido cujo objetivo programático nunca fora a construção do socialismo.

Na Bolívia não se tratava simplesmente de criar uma afluência consumidora melhorista – embora esta, inevitavelmente, estivesse presente, nos pequeno burgueses uivando nas ruas -, mas de romper com a economia e sociedade coloniais, coisa jamais sonhada no Brasil. Ali, em mais de 12 anos de governo do PT, não se passou de velada escaramuça emancipatória. Com muitas conquistas, é verdade, mas nunca para promover uma real e definitiva revolução democrática e uma real conquista da plena soberania econômica e política da nação.

Na Bolívia tratava-se de transformar o país, no Brasil de melhorar o capitalismo.

As maiorias pagaram, estão pagando e ainda pagarão alto preço por sua ousadia transformadora. O racismo explícito da minoria golpista pró colonial, antidemocrática, agora armada com suas hordas milicianas pentecostais, renovam o arquétipo colonial hispano-católico da Companhia de Jesus, jesuítica, agora pentecostal. O capitalismo reinventou uma nova colonização, agora protestante e pró norte americana.



Pagam também alto preço por sua insuficiente ousadia. Todos os sacrifícios inauditos do povo por conquistar o governo foram sempre e continuarão a ser desmanchados se ao lado da democracia pedestre e desarmada das maiorias não se vincula a obrigação de criar a democracia armada desta, se ao poder desarmado em pé não se une a criação do poder armado. Legar ao estado secularmente nascido e comprometido com a colônia a tarefa de ser o baluarte da democracia armada é o mesmo que assinar, de pronto, a derrota da emancipação trabalhadora e da soberania da nação. A revolução que governa sem poder está fadada a desaparecer, a ser desmanchada com facilidade, a desbaratar o empenho e ingentes sacrifícios dos trabalhadores.

Entramos em nova fase histórica, é preciso pôr fim ao secular trânsito da nossa civilização do desmanche. O golpe na Bolívia e seu processo é um eloquente alerta. Esperemos que a democracia caminhante no Chile alcance, enfim, fazer o poder transitar para uma Assembleia Constituinte exclusiva e soberana, embora saibamos, de antemão, de o governo da Unidade Popular não estava fadado ao fracasso se o poder popular ousasse supor não estar garantido pelas forças de repressão do estado neocolonial.

IBEC- Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos

*São Paulo, dezembro de 2019*





UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília

**Faculdade de Filosofia e Ciências**

*Av. Hygino Muzzi Filho, 737 - Mirante - Marília/ SP*

*CEP 17.525-900*

*Telefone: (14) 3402-1300*

**Revista Fim do Mundo**

e-mail: [revista.fimdomundo.marilia@unesp.br](mailto:revista.fimdomundo.marilia@unesp.br)

<http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM>





# FIM DO MUNDO

ciência  
transformadora  
discussões para  
a emancipação